



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**

**EDUARDO CARNEIRO LIMA**

**O FENÔMENO *SLASH*: CARTOGRAFIA DAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS  
DO TRABALHADOR CONTEMPORÂNEO À LUZ DA PSICODINÂMICA DO  
TRABALHO**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2019**

EDUARDO CARNEIRO LIMA

O FENÔMENO *SLASH*: CARTOGRAFIA DAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DO  
TRABALHADOR CONTEMPORÂNEO À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Programa de Pós Graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito à obtenção do título de mestre em Administração. Área de Concentração: Gestão, Organizações e Ambiente.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Batista dos Santos.

FORTALEZA – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Lima, Eduardo Carneiro.

O fenômeno slash: cartografia das trajetórias profissionais do trabalhador contemporâneo à luz da Psicodinâmica do Trabalho [recurso eletrônico] / Eduardo Carneiro Lima. ? 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ? pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 147 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) ? Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Acadêmico em Administração, Fortaleza, 2019.

área de concentração: Gestão, Organizações e Ambiente.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina Batista dos Santos.

1. Fenômeno slash. 2. Carreira. 3. Cartografia. 4. Psicodinâmica do Trabalho. I. Título.

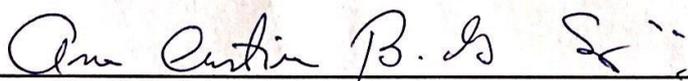
EDUARDO CARNEIRO LIMA

**O FENÔMENO SLASH: CARTOGRAFIA DAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS  
DO TRABALHADOR CONTEMPORÂNEO À LUZ DA PSICODINÂMICA DO  
TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Programa de Pós Graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito à obtenção do título de mestre em Administração. Área de Concentração: Gestão e Estudos Organizacionais.

Aprovada em: 12/03/2019

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof.ª Dr.ª Ana Cristina Batista dos Santos (Orientadora)**  
Programa de Pós Graduação em Administração  
Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESA  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



**Prof.ª Dr.ª Patrícia Passos Sampaio**  
Centro de Ciências da Saúde  
Programa de Saúde Coletiva  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR



**Prof.ª Dr.ª Tereza Cristina Batista de Lima**  
Programa de Pós Graduação em Administração e Controladoria  
Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade - FEAAC  
Universidade Federal do Ceará – UFC

A minha mãe (em memória) que, certamente, estaria sentada na primeira fila, chorando de emoção e aplaudindo como se eu fosse o mais especial de todos. Te amo eternamente!

E a todxs que passaram e ainda passarão pelas linhas desse trabalho.

## AGRADECIMENTOS

“Só sabe quem vive, Edu”: essa foi a frase que mais ouvi desde o início do mestrado e, rapidamente, ela já fazia parte dos meus diálogos com amigos e familiares. Hoje, entendo o que essa expressão representa na vida de um mestrando.

Pensei que a etapa dos “agradecimentos” seria a parte mais fácil desse trabalho. Engano meu! E digo isso por dois motivos: o primeiro se dá, porque, certamente, esquecerei de citar algumas pessoas que foram importantes nesse processo, por isso peço perdão com a justificativa de que minha memória é de um “jovem precocemente velho”. E, segundo, porque lembrar os episódios dessa jornada de dois anos é reviver alguns dos fantasmas que mais me assustaram ao longo da vida, mas consegui vencer! (a sensação é exatamente essa!).

E graças a Deus, que me ajudou a atravessar alguns dos momentos mais complicados até então, consegui vencer! E foi Ele quem colocou aqueles que mais brilharam na minha vida pra que esse trabalho fosse concluído. Narrar sobre “agradecimentos” também é passear pelos períodos vividos, por isso tentarei seguir uma ordem cronológica para me ajudar a não esquecer de ninguém:

Serei eternamente grato a minha família que esteve por perto em todas (leia: TODAS) as etapas desse trabalho, inclusive me ajudando a viver a experiência do mestrado sanduíche na FGV/SP, além de superar as incontáveis oscilações de humor, choros e desesperos. Meu pai e meus irmãos, vocês são demais! Não tenham dúvidas de que sem vocês eu não teria conseguido finalizar esse ciclo.

E bem “coladinho” está uma menina que é muito mais que uma amiga: Debs, minha Tatuzinha, o que seria de mim sem a sua alegria e disposição nos piores dias, hein? (e nos melhores também!) Você é a prova de que “existe amigo mais apegado que um irmão” (Provérbios 18:24). Sou grato a Glorinha (foi você quem plantou a semente do mestrado, lembra?), que mostrava a potência do que é se mostrar nos textos e na vida. A Taci, que me contava sobre a pesquisa e docência com brilho no olho. Aos amigos baianos, Talitevs, Leozão e July, que acompanharam todo o processo e, de longe, mandavam boas energias. Ao Glauber, pela paciência em me ouvir, puxões de orelha e parceria de sempre. A Bruninha, minha pequena, que viveu comigo as melhores experiências em São Paulo e Fortaleza e me mostrou a beleza de uma amizade construída em detalhes. A Mabel, Ingrid e Manu pela força, palavras de conforto e torcida de sempre. A Cássia – “... luz das acácias...” – minha amiga que me ouvia por tanto tempo e sempre tinha os melhores conselhos. Ao Márcio, que apareceu na reta final – como uma daquelas gratas surpresas da vida – pra me dar aquele fôlego. A Mama

e Isinha, que ficavam horas conversando comigo sobre os *slashers* com muito humor e descontração e vinho (e tiveram *spoiler* da minha primeira apresentação na “casa da vovó”).

A minha querida e amada professora Ana Batista, minha orientadora, amiga-mãe e exemplo de professora, cristã, conduta, de vida e a quem devo muito do que sou hoje. Se “em 20 minutos tudo pode mudar”, imagina em dois anos. Sou outro Edu e devo muito a essa mulher que acreditou em mim, que me deixou criar um espaço criativo, um camarim onde pude imprimir “meu jeito de escrever e pensar” e que confiou em mim quando poucos fizeram.

Ao PPGA/UECE, aos professores, em especial a Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Augusta a quem tenho tanto carinho e admiração, aos funcionários, Alê, Paty e “seu” Fernando por tantos momentos vividos e aos coordenadores (à época) Prof. Dr. Samuel Façanha e Prof. Dr. Roberto Pinto, que me acolheram tão bem. Aos membros da banca, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Passos Sampaio e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tereza Cristina Batista de Lima que nos ajudaram a aperfeiçoar esse trabalho e pelas melhores e maiores risadas que esse PPGA já presenciou. À Funcap pelo auxílio financeiro essencial para concluir o curso.

Aos amigos que fiz no mestrado, em especial ao “grupo da bagaça”, fundamentais para atravessar as melhores e piores etapas dessa pós: Ariana, Mariana, Maruza, Bruna, Eli, João Gabriel e João Alves. Aos amigos que fiz na FGV/SP e que até hoje tenho carinho e, de algum modo, estamos conectados: Alice, Nayara, Gi, Julia, Maurício e ao Prof. Dr. Rafael Alcadipani por me apresentar Goffman.

A todos os que não foram citados, mas sabem que foram importantes nessa jornada: Muito, muito obrigado!

## RESUMO

A dissertação trata de dois construtos principais, quais sejam as concepções de carreira e de trajetórias profissionais, em face do contexto de mudanças no mundo do trabalho e, também, do surgimento de um novo agente criativo contemporâneo participante do “fenômeno *slash*”. O fenômeno *slash* – sinal gráfico da barra diagonal (/) – refere-se a uma geração de profissionais que acumula e pratica múltiplas atividades, como: administrador/fotógrafo; arquiteta/atriz/cantora. Nosso argumento é que os *slashers* são disruptivos e parecem atuar com protagonismo, criatividade e inventividade sobre suas escolhas profissionais. A partir disso e das novas maneiras de construir uma carreira, o texto estabelece como objeto de estudo a relação identitária do trabalhador contemporâneo em suas trajetórias profissionais e o fenômeno *slash*, à luz da Psicodinâmica do Trabalho. A dissertação é sustentada por uma pesquisa de campo cujo objetivo geral foi compreender, à luz da Psicodinâmica do Trabalho, as características dos processos identitários dos *slashers* em suas trajetórias profissionais na contemporaneidade, desdobrando-se nos seguintes objetivos específicos: i) Conhecer a história de vida profissional de trabalhadores imersos no fenômeno *slash* na contemporaneidade; ii) Identificar e mapear as possíveis rotas nos percursos profissionais dos *slashers* na contemporaneidade; e iii) Caracterizar as dimensões que circunscrevem os processos identitários dos *slashers*, à luz da Psicodinâmica do Trabalho. Realizamos uma revisão bibliográfica nos principais temas que circunscrevem o nosso objeto de pesquisa. Metodologicamente, realizamos uma pesquisa com orientação integralmente qualitativa, inspirados pelo método cartográfico, a partir da lógica de que o rizoma não se fecha sobre si, mas está aberto a experimentação e as múltiplas conexões possíveis, por exemplo, nos percursos profissionais dos *slashers*. Dessa forma, investigamos e mapeamos as trajetórias profissionais de 06 *slashers* nas cidades de Fortaleza e São Paulo. Como resultados, além dos objetivos geral e específicos terem sido respondidos, desenvolvemos um mapa chamado de “Cartografia das rotas profissionais dos *slashers*”, duas sínteses e uma proposição reflexiva. A **primeira síntese reflexiva** ocupa uma dimensão crítica e revela que, supostamente, “nem tudo é tão bonito quanto parece ser” a respeito dos *slashers*; sobre a **segunda síntese reflexiva**, confirmamos as principais características dos *slashers* abordadas pela literatura nas representações dos nossos entrevistados. Por outro lado, adentrar no mundo dos *slashers* nos despertou para a construção de uma **proposição reflexiva** desde a lente antropológica, qual seja: como se dá a “lugarização”, no sentido antropológico do termo, dos *slashers*? Estariam eles à procura do lugar antropológico, isto é, aquele que se caracteriza por ser identitário,

relacional e histórico? Pensar o campo do trabalho nos “dias de hoje” a partir dessas reflexões do que parece ser o perfil dos novos trabalhadores parece ser o caminho necessário a ser tomado pelas organizações, que precisam conhecer e se posicionar frente a esse fenômeno que cresce com velocidade e aderência. Por fim, encerramos o texto com a esperança de ter despertado nos pesquisadores o desejo de trabalharem de forma “multi”: multidisciplinar, com multimétodos e em múltiplas rotas, descobrindo na prática o prazer de se (re)fazer como investigador e contribuindo para uma ciência mais próxima do real.

**Palavras-chave:** Fenômeno *slash*. Carreira. Cartografia. Psicodinâmica do Trabalho.

## ABSTRACT

The thesis approaches two main constructs, which are the concepts of careers and the professional trajectories, in face of the context of changes in the working world and of the emergence of a new contemporary creative agent who takes part in the “slash phenomenon”. The slash phenomenon – graph sign of the forward slash (/) – refers to a generation of workers who gather and practice multiple activities such as: administrator/photographer; architect/actress/singer. Our argument is that the slashers are disruptive and seem to act with protagonism, creativity and inventiveness about their professional choices. From that and the new manners of building a career, the text establishes as object of study the identity relation of the contemporary worker in his professional trajectories and the slash phenomenon in the light of the Psychodynamic of Work. The thesis is supported by a field research whose general purpose was to understand, in the light of Psychodynamic of Work, the characteristics of the identity processes of the slashers in their professional trajectories in contemporaneity, unfolding at the following specific objectives: i) To know the professional life story of workers immersed in the slash phenomenon in contemporaneity; ii) To identify and map the possible routes at the professional paths of the slashers in contemporaneity; and iii) To characterize the dimensions that circumscribe the identity processes of the slashers in the light of the Psychodynamic of Work. We did a bibliographic review of the main themes that circumscribe our object of research. Regarding methodology, we conducted the research with fully qualitative orientation inspired by the cartographic method, considering the logic that the rhizome does not close in on itself, but it is open to the experimentation and multiple possible connections, for example, in the professional paths of the slashers. Therefore, we investigated and mapped the professional trajectories of 6 slashers based in the cities of Fortaleza and São Paulo. As results, in addition to the general and specific objectives have been answered, we developed a map called by “Cartography of the professional routes of the slashers”, two synthesis and a reflective proposal. The **first reflective synthesis** takes a critical dimension and supposedly reveals that “not everything is so beautiful as it seems to be” concerning the slashers; about the **second reflective synthesis**, we confirm some of the characteristics of the slashers approached by the literature in the representation of our interviewees. On the other hand, entering the world of the slashers has awakened us to the construction of a **reflective proposition** from the anthropological lens, which are: how does it happen the "lugarização" of the slashers on the anthropological meaning of the term? Would they be looking for the anthropological place, namely that one characterized by being of identity, relational and

historical? Thinking about the field of work in the "present day" from these reflections of what seems to be the profile of the new workers seems to be the necessary path to be taken by the organizations that need to know and take a stand on this phenomenon that grows with speed and adhesion. We finally end the text with the hope of having awakened in the researchers the desire to work in a "multi" way: multidisciplinary, with multi-methods and in multiple routes, figuring out in practice the pleasure of reinvent themselves as a researcher and contributing to a science closer to reality.

**Keywords:** Slash phenomenon. Career. Cartography. Psychodynamic of Work.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                   |  |            |
|-------------------|--|------------|
| <b>Figura 1 –</b> | <b>Representação gráfica do objeto de pesquisa.....</b>  | <b>20</b>  |
| <b>Figura 2 –</b> | <b>Representação gráfica da revisão de literatura.....</b>   | <b>23</b>  |
| <b>Figura 3 –</b> | <b>Mapa: Cartografia das rotas dos <i>slashers</i> .....</b>   | <b>102</b> |
| <b>Foto 1 –</b>   | <b>Print da tela do despertador da Camila.....</b>   | <b>143</b> |
| <b>Foto 2 –</b>   | <b>Imagem/logo do evento idealizado e criado por Felipe.....</b>   | <b>143</b> |
| <b>Foto 3 –</b>   | <b>Banner criado por Felipe para divulgar o evento em seu Instagram.....</b>   | <b>144</b> |
| <b>Foto 4 –</b>   | <b>Cerveja com rótulo de xerife.....</b>   | <b>144</b> |
| <b>Foto 5 –</b>   | <b>Cerveja com rótulo de lutador de luta livre .....</b>   | <b>144</b> |
| <b>Foto 6 –</b>   | <b>Cerveja com rótulo com o termo “submissão”.....</b>   | <b>145</b> |
| <b>Foto 7 –</b>   | <b>Cervejas com os rótulos: (i) imagem de uma boca e o temo “vulgar sem ser sexy”, (ii) “passado negro” e (iii) “lacto vacillus” .....</b> | <b>145</b> |
| <b>Foto 8 –</b>   | <b>Cerveja com o rótulo com a imagem da serei seminua .....</b>  | <b>145</b> |
| <b>Foto 9 –</b>   | <b>Cervejas com os rótulos: (i) bobo da corte e (ii) figura religiosa.....</b>   | <b>146</b> |
| <b>Foto 10 –</b>  | <b>Cervejas com os rótulos que remetem a morte .....</b>   | <b>146</b> |
| <b>Foto 11 –</b>  | <b>Cervejas com os rótulos que remetem a morte .....</b>   | <b>146</b> |
| <b>Foto 12 –</b>  | <b>Print do Blog Grão do Dia.....</b>  | <b>147</b> |
| <b>Foto 13 –</b>  | <b>Print da tela que mostra a parceria do site Grão do Dia com o “Jardim no Pote” .....</b>  | <b>147</b> |

## SUMARIO

|          |  |            |
|----------|--|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>13</b>  |
| <b>2</b> | <b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....   | <b>22</b>  |
| 2.1      | PERSPECTIVAS POSSÍVEIS DAS CARACTERÍSTICAS GERACIONAIS .....   | 23         |
| 2.2      | O TRABALHO E SEUS SENTIDOS PARA OS TRABALHADORES .....   | 27         |
| 2.3      | O FENÔMENO <i>SLASH</i> E OS SEUS DESDOBRAMENTOS .....   | 32         |
| 2.4      | PROCESSOS IDENTITÁRIOS DOS <i>SLASHERS</i> NA CONTEMPORANEIDADE<br>A PARTIR DO PENSAMENTO DE GOFFMAN ..... | 37         |
| 2.5      | O FENÔMENO <i>SLASH</i> À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO NA<br>CONTEMPORANEIDADE.....                    | 43         |
| <b>3</b> | <b>UMA NECESSÁRIA DISCUSSÃO METODOLÓGICA</b> .....   | <b>51</b>  |
| 3.1      | APRESENTAÇÃO DOS INTERLOCUTORES .....  | 57         |
| 3.1.1    | <b>O olhar do pesquisador na pesquisa</b> .....  | <b>59</b>  |
| 3.1.2    | <b>Camila Costa: a cobrança pela liberdade</b> .....   | <b>62</b>  |
| 3.1.3    | <b>Felipe Melo: brindando as experiências da vida</b> .....  | <b>70</b>  |
| 3.1.4    | <b>Marcelo Oliveira: da informática para as descobertas nos grãos de cafés</b> .....                       | <b>79</b>  |
| 3.1.5    | <b>Mariana Sampaio: não deixa o samba morrer</b> .....   | <b>84</b>  |
| 3.1.6    | <b>Joaquim de Oliveira: entre o luxo e as descobertas de si</b> .....                                      | <b>92</b>  |
| 3.1.7    | <b>Patrícia Moraes: pelo direito de se descobrir na prática</b> .....                                      | <b>97</b>  |
| <b>4</b> | <b>CARTOGRAFANDO AS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DOS<br/><i>SLASHERS</i></b> .....                            | <b>101</b> |
| 4.1      | CARTOGRAFIA DAS ROTAS DOS <i>SLASHERS</i> .....  | 103        |
| 4.1.1    | <b>Rota inicial: a carreira <i>slash</i></b> .....   | <b>103</b> |
| 4.1.2    | <b>Rota A: das insatisfações ao longo de suas trajetórias profissionais</b> .....                          | <b>105</b> |
| 4.1.3    | <b>Rota B: desmobilizações e paragens</b> .....  | <b>107</b> |
| 4.1.4    | <b>Rota C: a lógica de “se virar”</b> .....  | <b>110</b> |
| 4.1.5    | <b>Rota D: as experiências e experimentações</b> .....   | <b>113</b> |
| 4.1.6    | <b>Rota E: os processos identitários dos <i>slashers</i> em suas trajetórias</b> .....                     | <b>116</b> |
| <b>5</b> | <b>REFLEXÕES SOBRE TUDO ISSO</b> .....   | <b>119</b> |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>127</b> |
|          | APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS .....   | 141        |
|          | APÊNDICE B – FOTOS .....   | 143        |

## 1 INTRODUÇÃO

A categoria trabalho ocupa uma dimensão fundamental para a organização de uma sociedade, pois é a partir do trabalho que o homem consegue, por exemplo, transformar a natureza e produzir bens necessários para o consumo. Considerando o trabalho em seu processo histórico e social, é possível caracterizá-lo pelo “modo de produção da sociedade” (ASSIS; MACEDO, 2008, p. 117). Sobre isso, Marx (1985a, p. 153) afirmou que “o processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer às necessidades humanas”. É nesse movimento interacionista entre homem-natureza, homem-ele mesmo e homem-cultura que se constitui o trabalho.

Consideramos, então, que, possivelmente, a atividade “trabalho” sempre existirá, o que pode ser alterada é a sua interpretação, o seu conceito ou a forma como as sociedades o dividem. O trabalho assume, dessa forma, papel central na constituição de uma sociedade, podendo sofrer modificações à medida que ela também se transforma. O homem, nessa conjuntura, constitui-se como ser prático e social que, ao produzir para a sua própria existência, produz a si mesmo a partir do trabalho (NETTO, 1986; KANTORSKI, 1997).

Acompanhando a literatura que discursa sobre a centralidade do trabalho, observamos que o trabalho sofreu fortes influências nos períodos de mudanças e revoluções vividas pelas sociedades. Pressupondo que o homem pode produzir a sua própria existência a partir do trabalho, percebemos que ao longo da história, notadamente sob a contínua luta pela sobrevivência, conquista da dignidade e felicidade social, o trabalho assumiu significativa importância para o homem, sendo preservada, até hoje, a sua centralidade na vida (KANTORSKI, 1997; ANTUNES, 2009; ALCADIPANI; MEDEIROS, 2016).

Entretanto, há quem defenda, como Offe (1989), que o trabalho não deve mais ser tratado como o principal formador das estruturas sociais. Assumimos nesse texto, concordando com os estudos de Batista-dos-Santos *et al.* (2014), o posicionamento de que o trabalho ainda representa categoria central para o homem na contemporaneidade por mediar as relações entre homem-natureza, as relações com os demais membros da sociedade e com a cultura e, principalmente, a relação consigo mesmo, aquela constituinte dos processos de construção ou modificação da identidade.

Essa centralidade resiste, especialmente, ao considerar que o trabalho fornece meios ao homem para satisfazer não somente as suas necessidades físicas, mas também de

identidade e posição social. Kantorski (1997, p. 5) defendeu a tese de que “o trabalho consiste em uma condição inexorável da existência humana”, demonstrando a importância dessa categoria para o homem. A literatura também indica que o estudo sobre trabalho, especificamente sobre significado do trabalho, foi um dos temas mais recorrentes nos últimos quinze anos na imprensa de negócios dos Estados Unidos (KUCHINKE *et al.*, 2009).

Ocorre que “o homem é um ser que permanentemente busca um sentido para si e para o mundo em que se vê envolvido” (PEREIRA, 1990, p. 14), por isso percebemos que o trabalho está para além do comportamento da individualidade dos sujeitos, uma vez que ele atua no modo como os indivíduos interagem socialmente. O trabalho carrega uma função social e esse trabalho tem sentido para eles, revelando histórias de sujeitos que constroem suas trajetórias de vida e profissional entre caminhos e descaminhos, avanços e recuos, elaborando no próprio fazer humano um campo de descobertas de si.

No entanto, a centralidade e a relevância que o trabalho tem na vida social do homem nos faz pensar que, provavelmente, é preciso fugir dos trabalhos que alienam ou infelicitam o indivíduo na busca de sentido (ANTUNES, 2009). Assim como Calvino (1990) narra a construção de cidades em torno de símbolos complexos e fundamentais para a existência humana, deparamo-nos com sujeitos empenhados em encontrar seus símbolos e sentidos para enfrentar, cotidianamente, a missão de formular seus trabalhos com estratégias e táticas criativas. São nos populares desdobros ou, como sugere Eugênio (2012), um trabalhar sob a lógica de “se virar”, um aprender na prática, que os cotidianos desses trabalhadores são reinventados.

São inegáveis as profundas transformações no campo do mundo do trabalho, fortemente vivenciadas a partir dos anos 1970 que mudaram, supostamente, a visão dos trabalhadores sobre ter um emprego estável e permanente (ARRUDA, 2011; KANAN; ARRUDA, 2013). A propósito, pensamos ser possível tratar a expressão “mundo do trabalho” de outra forma, uma vez que é a capacidade de trabalhar e de produzir pelo uso da força de trabalho que formam a noção de mundo para o trabalhador e não o trabalho em si.

Dejours (1992, p. 99), precursor da corrente teórica da Psicodinâmica do Trabalho, traduz bem a importância do trabalho na vida dos sujeitos ao afirmar que “não é só um modo de ganhar a própria vida, é um status social [...], uma atividade, uma fonte de interesse, um *savoir-faire* [...], um meio de desenvolvimento”. Dejours (1992) acredita e considera que “o trabalhar” pressupõe aspectos subjetivos e não apenas a objetivação ou o resultado do trabalho em si. Logo, pensar em tudo o que circunda “o trabalhar” e não somente

no que se produz “a partir de”, é o que desponta no processo de formação de sentido do trabalho para os trabalhadores.

Foi o que Morin (2001) descobriu em uma de suas pesquisas, assim como Dejours (1992) já havia teorizado, ao identificar que é a forma como o sujeito trabalha atrelada ao que ele produz que gera impactos sobre o que ele pensa e formula sobre os seus sentidos de trabalho. Aliás, a questão dos sentidos do trabalho não apresenta unanimidade entre os pesquisadores, por isso, apesar de citarmos Morin (2001), circunscrevemos nossa pesquisa a partir da abordagem *dejouriana* como uma das vertentes existentes para explorar os sentidos do trabalho.

As leituras, o desenrolar dessa pesquisa e as vivências enquanto sujeitos e pesquisadores, sinalizam que não poderíamos simplesmente transportar conceitos clássicos sobre trabalho para “os dias de hoje” sem considerar, especialmente, o atual contexto e as mudanças no mundo contemporâneo. Principalmente quando são conceitos originados, em sua grande maioria, na Europa e na América do Norte, ou seja, em contextos diferentes ao que observamos no Brasil que, por exemplo, conviveu com o trabalho escravo até pouco mais de um século, considerado, aqui, como extremo de uma condição de atividade de trabalho.

Contudo, alguns desses conceitos precisam ser abordados na tentativa de compreender a evolução do que pensa o homem a respeito do trabalho e de suas trajetórias profissionais. E, sobre isso, a literatura aponta que o conceito de trabalho passou a ter relação com o conceito de emprego apenas na modernidade (MORIN, 2001; BERTANI; BARRETTO, 2004; OLIVEIRA; SILVEIRA, 2012). Especificamente sobre as concepções de carreiras e trajetórias profissionais, construtos abordados nessa pesquisa, constatamos mudanças conceituais desde a década de 1970 (CHANLAT, 1996; KILIMNIK; CASTILHO; SANT’ANNA, 2006; OLTRAMARI, 2008; CAVAZZOTE; LEMOS; VIANA, 2012; WILKOSZYNSKI; VIEIRA, 2012).

Novos cenários mercadológicos, organizações e profissões surgem, requisitando novas formas de organizar o trabalho. Nessas novas formas de organizar o trabalho, percebemos que a lógica da construção de uma carreira tradicional e linear, sustentada pela alta especialização e vocacionada pelo exercício de uma única habilidade, cultivando um currículo verticalizado com experiências e trajetórias similares, tem sido substituída por concepções modernas de trabalho no campo das experiências e experimentações, principalmente por jovens (CHANLAT, 1995; CAVAZZOTE; LEMOS; VIANA, 2012; EUGENIO, 2012; ALMEIDA, 2012).

Compreendemos que o campo das experiências, aquele lugar onde o sujeito vivencia, acumula e pratica inúmeras atividades de trabalho, desponta como um possível percurso de trabalhadores contemporâneos que descubrem novas maneiras de construir suas trajetórias profissionais. Do mesmo modo está o campo das experimentações, termo aparentemente análogo ao anterior, tratado, aqui, como consequência, ou seja, as experiências abrem ou dão espaço para a experimentação. A sutil diferença entre os termos está no campo do “aprender enquanto se faz” ou no ato de “se descobrir quando experimenta”. Diógenes (2016), metaforicamente, acredita que a experimentação pode funcionar como uma brincadeira que, nesse contexto, atua como um “camarim de ensaio”, revelando possibilidades sucessivas de novos horizontes profissionais. O campo da experiência permite que o trabalhador experimente e em uma brincadeira, por exemplo, se descubra em um novo estilo de vida.

Estamos interessados em conhecer os detalhes da dinâmica de trabalho desses trabalhadores e nos debruçar sobre o que há de mais particular em seus movimentos profissionais no mundo contemporâneo. Sabemos que são sujeitos que podem se descobrir em múltiplas experiências, por isso nos distanciamos da perspectiva de autores que os caracterizam apenas como profissionais que pulam de galho em galho ou que pulam de empresa em empresa (DIAS; FREITAS; COSTA, 2009). A subjetividade que há nessa dinâmica é o que nos move e, por isso, alinhamo-nos ao que pensam Ibarra (2009), Eugênio (2012), Diógenes (2016) e tantos outros autores que acreditam na experiência como possibilidade de descobertas de si.

Dessa forma, acreditando que os trabalhadores podem se descobrir enquanto fazem, propomos um estudo multidisciplinar dentro do campo dos estudos organizacionais, interagindo, principalmente, com a psicologia e sociologia do trabalho, considerando a atuação desse novo *modus operandi* do trabalhador contemporâneo e a compreensão dos significados e sentidos do trabalho para ele (DEJOURS, 1992; ANTUNES, 2009), os novos rumos das trajetórias profissionais no campo das experiências e experimentações (IBARRA, 2009; EUGÊNIO, 2012; DIÓGENES, 2016) e os processos identitários desse trabalhador (GOFFMAN, 1961; 2002). Tendo em vista tal empreendimento, escolhemos a Psicodinâmica do Trabalho como lente teórica para tentar compreender a relação homem-trabalho na contemporaneidade (DEJOURS, 1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012).

Mesmo acreditando que o trabalhador pode mobilizar as suas descobertas experimentando, Pereira (1990, p. 14), ainda na década de 1990, trouxe a reflexão de que

“não se teoriza só porque pensa. Teoriza também porque sente, porque age”. O desafio parece considerar a dialética e as múltiplas possibilidades existentes entre teoria e prática na busca de compreender essa nova dinâmica profissional dos trabalhadores contemporâneos. São sujeitos que descobrem possibilidades de carreira ao fazer, “tentando novas atividades, encontrando novos grupos, seguindo novos modelos e reescrevendo sua história à medida que é contada àqueles que estão ao seu redor” (IBARRA, 2009, p. XXVII), mas que também não entendem a teoria apenas como contemplação abstrata, mas uma teoria que atua no corpo que age, que vivencia, enfim, teoria como práxis (PEREIRA, 1990).

Além das experiências e da experimentação no campo do trabalho, sentir-se aprovado e ter a sua identidade profissional reconhecida pelos outros também é desejo desses trabalhadores (IBARRA, 2009). Atrelado a isso, o contexto econômico-social revela que o desemprego e a falta de oportunidade para os jovens (EVANS, 1996; PAIS, 2001) têm despertado o pensamento e a formação de estratégias para a sua inserção no mercado de trabalho. Sobreviver no cenário contemporâneo de instabilidade, tem direcionado os olhares dos pesquisadores organizacionais para a ruptura desse modelo tradicional (CHANLAT, 1995) para o despontar dos novos horizontes profissionais (PAIS, 2012). Cenário que abriga trabalhadores que, muitas vezes, percebem-se divididos e em situação de conflito tentando equilibrar qualidade de vida e o desejo de construir uma carreira de sucesso, tantas vezes deixada de lado pelos trabalhos considerados tradicionais.

Essa conjuntura que demonstra mudanças nos padrões de percepção, orientação e inclinação das trajetórias profissionais, indica o aparecimento de um “novo agente criativo contemporâneo” (EUGENIO, 2012, p. 238). Esse novo agente surge em um contexto onde o mundo do trabalho tem requisitado novas formas de construção de sua carreira, horizontalizando e acumulando, simultaneamente ou não, experiências de trabalho, com organizações que esperam dele uma atuação e um domínio de múltiplas atividades, rompendo com os padrões tradicionais da especialização (FERREIRA, 2012).

A novidade não está, necessariamente, relacionada ao acúmulo de atividades como forma de atuação profissional, mas sim no caráter inventivo dos desdobros profissionais de sujeitos que reivindicam prazer, mesmo em espaços considerados de controle, reivindicam criatividade, mesmo em cenários de dominação e reivindicam a possibilidade de criar rotas diferentes como protagonistas de suas trajetórias profissionais. Tomamos como premissa a via de mão dupla necessária para o conhecimento organizacional, considerando as agências diárias de sujeitos que oferecem resistência aos tradicionais percursos profissionais e o

posicionamento das organizações que convivem com esses trabalhadores. É preciso compreender, essencialmente, quem é esse novo agente criativo contemporâneo e a sua aparente autonomia em construir uma carreira de forma particular e diferente das já conhecidas na contemporaneidade.

Discussões atuais sobre esse tema ganham campo à medida que o número de profissionais inseridos nessa nova dinâmica das relações de trabalho aumenta. Assim, novos conceitos ligados a trajetórias profissionais emergem, a exemplo da geração *slash* (EUGENIO, 2012). Geração *slash*, objeto de estudo dessa pesquisa, ganhou esse nome devido ao sinal gráfico da barra diagonal (/). É utilizado para designar a geração que acumula e pratica múltiplas atividades, aparentemente sem qualquer correlação, como: administrador/fotógrafo; arquiteta/atriz/cantora; advogado/chef de cozinha/DJ/produtor musical (EUGENIO, 2012). Presumimos que são profissionais que encontram na prática *slash* alternativas de enfrentamento e construção de uma teia entre o que se gosta e o que é preciso fazer (ALBOHER, 2012), muito embora o nosso interesse esteja muito mais em investigar “o que eles gostam de fazer”, mas sem deixar escapar outras possíveis dimensões.

Pesquisar sobre a geração *slash* abre campo para o historicismo que circunscreve a trajetória do trabalho, bem como das pesquisas acadêmicas que se esforçam para mapear a diversidade das questões cultural-político-social do mundo atual. Influenciados pelo pensamento de Ferreira (2010), entendemos que a história em si nos desperta para tantas possibilidades de se teorizar sobre os fenômenos contemporâneos, justamente por permitir um saber-reflexivo a partir de acontecimentos passados. Sermos inspirados pelo historicismo, nesse caso, parece fundamental na tentativa de capturar, por exemplo, aspectos que diferenciam os trabalhadores de diferentes gerações dentro de uma mesma organização (SANTOS *et al.*, 2011). Com isso, consideramos a história evolutiva das gerações, a saber: *Baby Boomers*, X, Y e Z, para tentar compreender o que torna diferente o *slasher* dos “dias de hoje” em comparação aos demais indivíduos que, provavelmente, também acumulavam, no passado, atividades de trabalho.

O que sabemos é que o conceito de geração supera o entendimento de que abrange apenas pessoas que nasceram num mesmo período. Ele contempla, de modo geral, os indivíduos que são influenciados pelo espírito do tempo atual e, por isso, podem transitar entre outros períodos geracionais (FORQUIN, 2003). A partir dessa reflexão, pensamos não existir corte etário entre os *slashers* como, normalmente, observamos entre as gerações. E da mesma forma como constroem as suas trajetórias profissionais sem linearidade, não há

fronteiras entre eles e as gerações. Compartilhando com Forquin (2003) a compreensão de que essa possibilidade de fluxo transitório geracional demonstra o poder adaptativo dos sujeitos em seus respectivos contextos, é possível perceber, também, o papel dos que primeiro descobriram e gestaram as mudanças que serão plenamente vivenciadas e experimentadas pelas gerações posteriores.

Por isso, propomo-nos a observar o objeto de pesquisa não como sujeitos-integrantes de uma chamada “geração *slash*” pela literatura, mas como sujeitos-participantes que se identificam com um “fenômeno *slash*”, na expectativa de contribuir com uma ciência social aplicada que considera as práticas desses sujeitos como elas são, de aproximar teoria e empiria de trabalhadores que se descobrem no campo das experiências e das experimentações e de fornecer subsídios para tentar elucidar essa nova dinâmica laboral no mundo contemporâneo.

As conexões que se formam nessa trama do conhecimento à medida que mergulhamos no tema “trabalho” nos fazem perceber, por exemplo, que a definição de “sentido do trabalho”, muitas vezes, pode ser gerada apenas a partir da intuição e do senso comum sem profundas reflexões. Apesar da literatura também tratar do tema em sua pluralidade de tentativas de definições, concordamos com Rodrigues, Barrichello e Morin (2016, p. 193) que afirmaram, em uma de suas pesquisas, que “o que é ou não um trabalho que tem sentido passa sempre por subjetividade e interpretação”. Pesquisar sobre “sentido do trabalho” é adentrar no mundo subjetivo dos sujeitos, em suas vivências, experiências e em suas concepções de si e do trabalho.

Especificamente sobre o fenômeno *slash*, o acúmulo e a atuação em diferentes atividades podem gerar, concordando com as teorias de Goffman (1961; 2002), momentos de “crise de identidade” e uma variação no que tange à “representação dos papéis” em seus respectivos ambientes de trabalho. Tomamos como lente teórica a Psicodinâmica do Trabalho, ou apenas PDT, para tentar compreender o que há de mais particular e subjetivo no fenômeno *slash* na contemporaneidade (DEJOURS, 1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012).

Propomos um fazer científico que dê voz à vida dos sujeitos que, muitas vezes, ultrapassa o que dizem as normas acadêmicas consideradas tradicionais, sem o fetiche de construir uma ciência totalizante ou que encaixota as vivências dos sujeitos em padrões e regras. Planejamos atuar em rotas conhecidas e consolidadas pela comunidade científica, mas sem deixar escorrer as requisições particulares de um objeto ainda em construção e que revela possuir sua própria dinâmica, alterando, por exemplo, as sequências dessa pesquisa ou nos

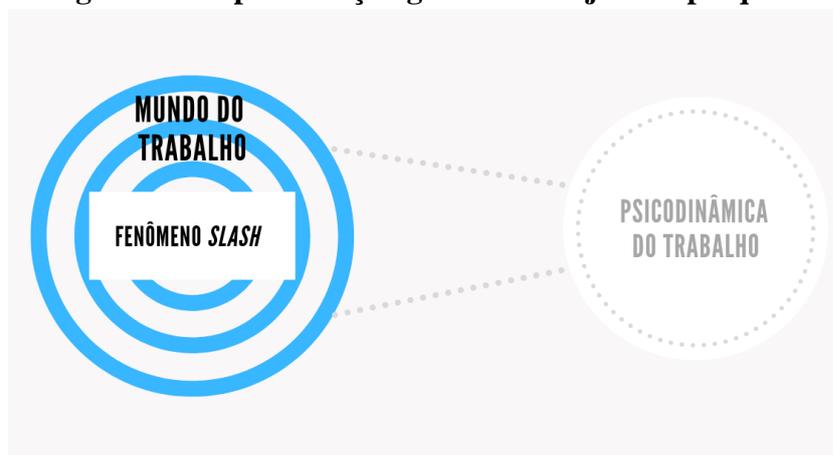
fazendo buscar novas formas metodológicas de aproximação com ele. Nossa intenção é construir uma pesquisa com diálogos teórico-metodológicos que buscam contribuir para o melhor conhecimento da realidade de um fenômeno que se desdobra em tantos outros ou que busca múltiplas rotas em suas trajetórias profissionais.

Em face desse contexto, essa dissertação tem como objeto de estudo: A relação identitária do trabalhador contemporâneo em suas trajetórias profissionais e o fenômeno *slash*, à luz da Psicodinâmica do Trabalho. Tomamos como questão orientadora: Como se caracterizam os processos identitários dos *slashers* em suas trajetórias profissionais na contemporaneidade?

O objetivo geral é compreender, à luz da Psicodinâmica do Trabalho, as características dos processos identitários dos *slashers* em suas trajetórias profissionais na contemporaneidade; que se desdobra nos seguintes objetivos específicos: i) Conhecer a história de vida profissional de trabalhadores imersos no fenômeno *slash* na contemporaneidade; ii) Identificar e mapear as possíveis rotas nos percursos profissionais dos *slashers* na contemporaneidade; e iii) Caracterizar as dimensões que circunscrevem os processos identitários dos *slashers*, à luz da Psicodinâmica do Trabalho.

Elaboramos a Figura 1 para tentar esclarecer onde nos situamos enquanto pesquisadores sobre o nosso objeto de pesquisa. A grande área de estudo é o mundo do trabalho, especificamente sobre carreiras e novas profissões, com o fenômeno *slash* inserido nesse contexto. A Psicodinâmica do Trabalho abrange todo esse cenário como lente teórica para nos ajudar a compreender os aspectos mais subjetivos dessa nova dinâmica profissional no mundo contemporâneo.

**Figura 1 – Representação gráfica do objeto de pesquisa**



Fonte: Elaborada pelo autor.

Organizamos o texto com uma introdução para contextualizar e despertar os leitores para o tema; em seguida a literatura utilizada como fundamentação teórica para esse trabalho; a metodologia utilizada na pesquisa de campo; a apresentação dos interlocutores e de suas histórias; a discussão dos achados a partir da cartografia dos percursos profissionais dos nossos entrevistados, inclusive com a exposição de um mapa como um dos resultados dessa pesquisa; reflexões provisórias; as considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas e os apêndices desse trabalho.

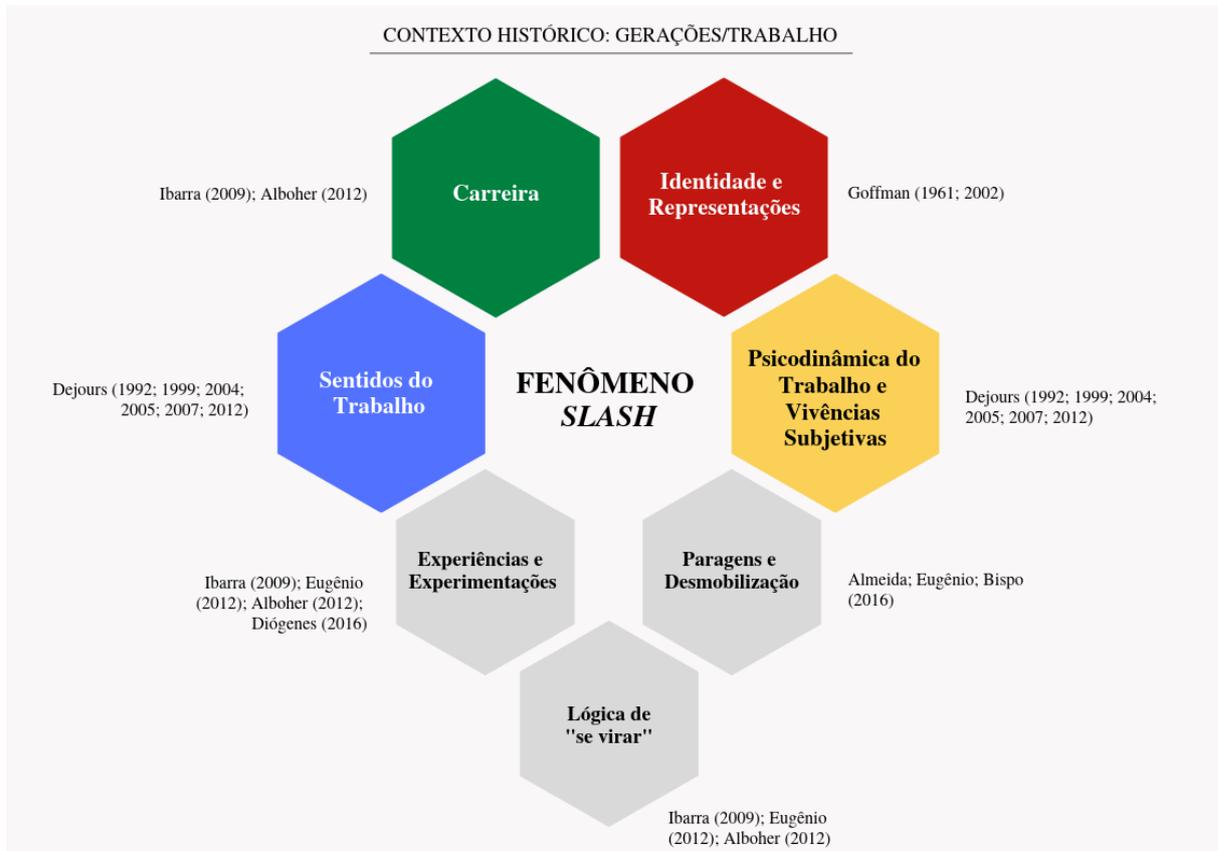
## 2 REVISÃO DA LITERATURA

“Pela série encadeada de suas descobertas ou de suas invenções, o sujeito se experimenta e se transforma.”  
(DEJOURS, 2007, p. 160).

Empreendemos esse trabalho na perspectiva de que a construção de conhecimento deve ser coletiva e constante entre pesquisadores acadêmicos, tornando claros os caminhos seguidos no processo de desenvolvimento de trabalhos científicos e na expectativa de produzirmos um trabalho vivo e mais próximo da realidade. Discussões com a banca de qualificação nos fizeram mudar algumas rotas, principalmente, metodológicas, além de outros ajustes no campo da literatura. A decisão de nos aproximarmos do objeto na construção dessa pesquisa fez emergir o que Dejours (2007), provavelmente, quis dizer com a frase acima, trazendo a reflexão sobre sujeitos que podem se descobrir e se transformar no caminhar e no campo da experimentação. Dessa forma, fomos percebendo durante o processo que estávamos sendo conduzidos e aprendendo a partir das múltiplas rotas dos *slashers*. Mas antes disso, separamos essa seção que socializa os resultados de pesquisas na literatura sobre os temas representados na Figura 2.

Dividimos essa revisão de literatura da seguinte forma: para tentar compreender o fenômeno *slash*, consideramos ser fundamental observar o contexto histórico-político-social numa perspectiva geracional e do trabalho; o que pensa Dejours (1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012) sobre os sentidos do trabalho; as interpretações de Ibarra (2009) sobre carreira; os conceitos de identidade e representações de papéis de Goffman (1961; 2002); e, como lente teórica dessa pesquisa, buscaremos acessar as vivências subjetivas dos *slashers* teorizadas por Dejours (1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012). Adentrar na subjetividade do trabalhador parece ser um dos grandes desafios dessa pesquisa, por isso tomamos como inspiração outros conceitos para facilitar essa conexão multidisciplinar, como: o campo das experiências e experimentações de Ibarra (2009), Eugênio (2012) e Diógenes (2016); a lógica de “se virar” observada, principalmente, por Eugênio (2012) e Alboher (2012); e o conceito de paragem e desmobilização de Almeida, Eugênio e Bispo (2016).

**Figura 2 – Representação gráfica da revisão de literatura**



Fonte: Elaborada pelo autor.

Reforçamos que, apesar de já termos identificado e apresentado a relevância do tema para os estudos organizacionais contemporâneos, as linhas desse trabalho apresentam características de “início” sobre o tema “fenômeno *slash*”, principalmente, no campo dos estudos organizacionais e considerando, ainda, o baixo número de citações científicas pela academia, visto que parte dos textos sobre o assunto são de blogs e livros originados de pesquisas. Portanto, não esgotamos o que diz a literatura, mas procuramos abrir os horizontes para a construção de conhecimento de um objeto ainda em formação.

## 2.1 PERSPECTIVAS POSSÍVEIS DAS CARACTERÍSTICAS GERACIONAIS

Decidimos iniciar essa seção abordando o grande tema “gerações” com a preocupação de não criarmos generalizações e estereótipos dos sujeitos integrantes de cada período, inclusive dos *slashers*. Tentamos dialogar, criticamente, e amadurecer as discussões sobre um assunto bastante discutido pela literatura. O conceito de geração ultrapassa o que,

comumente, observa-se na sociedade: o de pessoas nascidas num mesmo intervalo de tempo. Entretanto, a literatura também aponta que esse termo enquadra as pessoas que, mesmo nascidas em tempos distintos e anteriores aos “dos dias de hoje”, são influenciadas pelo espírito do tempo presente, podendo, por isso, transitar entre períodos geracionais (FORQUIN, 2003).

Essa possibilidade de fluxo transitório demonstra o potencial adaptativo daquelas gerações que realizaram as primeiras descobertas e gestaram as principais mudanças que seriam plenamente vivenciadas, com aparência de lugar comum, pelas gerações seguintes. Neste sentido, é característica própria do mundo contemporâneo aderir e se adaptar com facilidade aos diferentes ambientes que se configuram a todo instante, mas olhar para as gerações é olhar para sujeitos que também não se conformaram com tudo o que acontecia em suas respectivas épocas e foram agentes de grandes transformações.

Para tentar compreender como se manifestam as características geracionais no mundo do trabalho contemporâneo, consideramos, como pano de fundo, alguns dos principais episódios do contexto histórico-político-social de cada época. Por exemplo, os *Baby Boomers*, nascidos entre os anos de 1946 e 1964, vivenciaram marcos importantes na história, tais como: movimentos de luta pelos direitos civis, movimentos estudantis, movimento *hippie*, surgimento do *rock'n'roll*, ditadura militar entre outros. Observamos, dessa forma, dois perfis diferentes de jovens: os disciplinados, que aceitavam as condições determinadas pelos pais e funcionavam obedecendo a certos padrões considerados tradicionais, como: constituição da família, estabilidade no emprego e rápida iniciação na vida adulta. E os rebeldes que, em sua maioria, eram filhos de pais ricos e militares e tentavam infringir as regras socialmente aceitáveis, como: usavam drogas lícitas e ilícitas sem disfarces, roupas coladas ao corpo, cabelos compridos, seguiam astros do cinema e da música, lutavam e participavam de movimentos feministas, homossexuais e civis (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016; COLLISTOCHI *et al.*, 2012; SANTOS *et al.*, 2011; MALAFAIA, 2011).

Sobre as características dessa geração no mundo trabalho, a literatura aponta que: eles vestem a camisa da empresa, acreditam que o sacrifício pode trazer sucesso, gostam de trabalhar em grupo, supervalorizam as atividades de trabalho, mantêm bom relacionamento com os chefes diretos e colegas, além de procurarem estabilidade no emprego e construir uma longa carreira na empresa (WESTERMAN; YAMAMURA, 2007; CENNAMO; GARDNER, 2008; SANTOS *et al.*, 2011). Essas características revelam que os *Baby Boomers*, provavelmente, se identificam mais com empresas de perfil mecanicista, pois tendem a

apresentar uma estrutura organizacional burocrática, com hierarquia rígida e decisões centralizadas (PENA; MARTINS, 2015). Considerando a permanência de muitos dessa geração no mercado de trabalho atual, supomos um possível ponto de conflito ao considerar as características dessa geração e o perfil das atuais organizações que precisam se adaptar rapidamente à dinâmica contemporânea.

Sobre a Geração X, ou *Xers*, nascidos entre 1965 e 1979, pesquisas apontam que essa geração presenciou a Guerra Fria, a queda do muro de Berlim, a expansão tecnológica, o início da decadência de padrões sociais e a utilização de músicas para representar posicionamentos políticos e sociais, outrora marcada pela censura de imprensa (SANTOS *et al.*, 2011). Alguns desses acontecimentos, como a queda do muro de Berlim, por exemplo, são considerados como “uma nova era” e, simbolicamente, representam grandes mudanças no mundo. Passaram a acreditar que “juntos eram mais fortes” tanto no âmbito político como na esfera profissional. Sobre isso, Hank, Sirias e Arnold (1999) afirmaram que as pessoas da Geração X, num contexto de trabalho em equipe, e diferentemente dos *Baby Boomers*, buscam a sinergia das equipes e consideram as diferenças e as forças de cada um e que a força do grupo pode impulsionar as suas individualidades.

A literatura afirma que os *Xers* não são tão leais e fiéis às empresas como os *Baby Boomers*, dão menos ênfase ao trabalho, priorizam a vida pessoal, apresentam uma visão mais idealista sobre trabalho e podem deixar o emprego se perceberem o engessamento de sua criatividade (COUPLAND 1991; SMOLA E SUTTON 2002; EVERSOLE; VENNEBERG; CROWDER, 2012; CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA 2012). Uma reflexão possível ocorre se considerarmos o ambiente, muitas vezes rígido, no qual nasceram esses sujeitos. Jovens que começavam a se posicionar frente aos caminhos que se configuravam e, ao que parece, não estavam dispostos a aceitar o que os pais esperavam ou consideravam ser “o melhor” para eles. Apresentam, ainda, características ligadas à determinação, ambição, independência e buscam trabalhar para viver, não o contrário. Trabalho em equipe, coletividade, compreensão organizacional e equilíbrio parecem ser os grandes temas dessa geração que, conseqüentemente, antecede a próxima que revolucionou o cenário tecnológico do mundo (CONGER, 1998; BENSON E BROWN, 2011; DIXON; MERCADO; KNOWLES, 2013; SANTOS *et al.*, 2011).

Provavelmente o principal ponto do contexto histórico-político-social da Geração Y, nascidos entre 1980 e 2000 (EVERSOLE; VENNEBERG; CROWDER, 2012), seja a chamada “era das inovações tecnológicas”, sem grandes rupturas sociais, vivendo em

sociedades democráticas e com liberdade política. Além disso, observamos que o modelo considerado tradicional de família foi substituído por uma organização que não é, necessariamente, representada pela figura do pai ou pela mãe, o modelo, ao que parecer ser, é o mais próximo do flexível, muitos são filhos de pais separados, convivem com irmãos de pais diferentes, madrastas, padrastos. Percebemos, ainda, que o propósito de muitos pais é preparar os filhos para o futuro, por isso, desde cedo, alguns desses filhos têm uma agenda lotada de atividades, como: curso de idiomas, esportes e outras atividades que preenchem o dia a dia da criança. Parece que os sujeitos da Geração Y, em comparação aos *Xers*, não valorizam com a mesma intensidade a permanência em uma única empresa e começam a abrir os horizontes para o campo da experimentação e da diversificação de suas trajetórias profissionais (SANTOS *et al.*, 2011).

A Geração Y é considerada a primeira a crescer em um ambiente com forte influência da tecnologia, imersa na interatividade, multitalentosa, socialmente consciente, exigente, habituada a mudanças, aberta a diversidade, preocupada com questões sociais e que preza pela liberdade e flexibilidade quando o assunto é trabalho. Em contrapartida, os sujeitos dessa geração apresentam certa dificuldade em trabalhar em equipe, diferentemente dos *Xers*, associada ao fato de serem individualistas e imediatistas (VASCONCELOS *et al.*, 2010; LIPKIN E PERRYMORE, 2010; MALAFAIA, 2011; BONIFÁCIO, 2014; COMAZZETO *et al.*, 2016; VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016). Veloso, Dutra e Nakata (2016) dizem, ainda, que por serem mais individualistas que as gerações passadas, costumam defender as suas opiniões, muitas vezes controversas, e priorizam, ainda mais que os *Xers*, o lado pessoal em relação às questões de trabalho. São sujeitos que mantêm lealdade a si mesmos e ao que acreditam ser melhor para as suas carreiras. Começam a assumir o controle de suas trajetórias profissionais, a protagonizar o que pensam sobre “sucesso na carreira” e a repensar a forma que desejam criar os filhos.

Pesquisadores afirmam que a Geração Z, nascidos a partir de 1990, é formada por jovens que não conheceram o mundo sem as influências da tecnologia e que coexistem, no cotidiano, entre movimentos *online* e *offline*. Esses também são conhecidos como Nativos Digitais, *iGeneration*, *Net Generation* e *Centennials* (PRENSKY, 2001; INDALÉCIO, 2015; CASELLA, 2015). Acompanhando o pano de fundo da geração anterior, o avanço tecnológico parece ser o que mais se destaca no contexto dos nativos digitais. E em tempos de alta tecnologia, onde está cada vez mais difícil perceber as diferenças entre os mundos real e virtual, o campo das possibilidades profissionais foi aberto, permitindo aos trabalhadores

atuar, por exemplo, como “seres híbridos”, com uma parte do trabalho orgânica e a outra tecnológica, um pouco *online* e um pouco *offline*, divididos entre uma, duas, três ou quantas atividades decidirem assumir, podendo ter parte do emprego no mundo físico e a outra no mundo digital, parte do trabalho acionando a sua objetividade e a outra a subjetividade (NOORDEGRAAF, 2015; HENDRIKX; GESTEL, 2016).

No entanto, observamos, no mundo do trabalho, que não é apenas a facilidade com o domínio tecnológico a única característica associada a essa geração. Para autores como Veen; Vrakking (2009); Levickaite (2010); Bublitz (2012); Colet; Beck; Oliveira (2015); Morais, Andrade-Neto e Souza (2016); Billings; Shatto (2016), os jovens da Geração Z são ambiciosos, otimistas, autoconfiantes, são considerados ávidos, inquietos, estão sempre em busca de novidades, assimilam com facilidade diversas informações ao mesmo tempo, são potenciais influenciadores, capazes de desenvolver múltiplas atividades ao mesmo tempo, apresentam baixa tolerância para os sujeitos que não compreendem com rapidez o funcionamento das tecnologias e têm dificuldade em aceitar “não” como resposta e, ainda, consideram-se empreendedores, principalmente, no mundo das *startups*, passando de “empregado” a “empregador”.

Contudo, tais características não podem ser generalizadas para todos os membros das gerações abordadas nessa seção. Especialmente sobre os que nasceram em tempos de alta tecnologia, a saber os da Geração Y e Z, concordamos com a afirmativa de Oliveira (2016, p. 16) de que a “sociedade atual possui enormes lacunas em ‘bolsões de pobreza’, nos quais jovens encontram muitas limitações, com um nível de ensino extremamente inferior, num paradoxo inacreditável”.

## 2.2 O TRABALHO E SEUS SENTIDOS PARA OS TRABALHADORES

Teóricos defensores da centralidade do trabalho argumentam que o mesmo “sempre ocupou um lugar preponderante e central desde a formação e o desenvolvimento do pensamento sociológico, isto é, desde o surgimento da sociologia” (CARDOSO, 2011, p. 266). O trabalho é fundamental para a vida humana (MARX, 1988) e, para Bauman (2001, p. 15), ele se configura como um dos “conceitos básicos em torno dos quais as narrativas ortodoxas da condição humana tendem a se desenvolver”. Dejours (1992) afirma, ainda, que ao invés do desaparecimento dessa centralidade, o que se verifica é uma intensificação ou crescente pressão do trabalho na vida dos trabalhadores e, além disso, exploração de muitos

que continuam trabalhando de forma precarizada. Em contrapartida, Offe (1989) questiona essa centralidade do trabalho afirmando que “trabalhar”, no sentido de ter uma ocupação, tem sido cada vez menos relevante para o conteúdo da atividade social. Confronta essa centralidade, ainda, ao afirmar que descobrir que alguém está empregado não causa estranheza e não tem nada de surpreendente.

Apesar disso, assumimos como posicionamento teórico o pensamento de Dejours (1992), que defende a valorização do elemento humano e a sua subjetividade para tentar compreender a centralidade do trabalho na contemporaneidade. Concordamos, também, com os teóricos que defendem a tese de que a crise estrutural do capitalismo como, por exemplo, a queda do tradicional sistema taylorista/fordista de produção industrial, lançaria uma nova forma de racionalidade sobre a dimensão trabalho, antes orientada de forma instrumental, calculista e supervalorizando a objetividade do que se produzia a partir do trabalho, direcionando os olhares para a subjetividade que envolve “o trabalhar” garantindo, assim, a centralidade dessa categoria na vida do homem (DEJOURS, 1992; FRANCO, 2004; CARDOSO, 2011; BATISTA-DOS-SANTOS *et al.*, 2014).

Presumimos ser fundamental considerar o processo evolutivo da “organização do trabalho”, ou de como as organizações se movimentavam e agenciavam “o trabalhar” entre os trabalhadores, para tentar compreender a formação dos sentidos do trabalho para eles. É como se tentássemos fazer um esforço reflexivo de sermos transportados para o período da Revolução Industrial e observar possíveis formas de como o trabalho se organizava nas fábricas. Morgan (1996), teórico organizacional que utilizava metáforas para entender as organizações, defendeu a ideia de que Taylor enxergava as organizações como sistemas fechados, representadas a partir da imagem das “máquinas”, com pouco espaço para erros humanos, imprevisibilidades, imprecisões e improdutividades. O autor acreditava que as organizações eram interpretadas como mecanicistas, engessadas e com foco na objetividade do trabalho. Por outro lado, Fayol, apesar de conciliar alguns de seus pensamentos com os de Taylor, foi o primeiro a narrar as organizações como corpo social, abrindo o campo para a possibilidade de pensar as organizações como sistemas abertos que dependem de constante contato, ou fluxo, com o mundo exterior. É oportuno considerar a profundidade do discurso de Fayol, em face do contexto da transformação gradual dos sentidos do trabalho para os trabalhadores, ao conceituar que as organizações vivem, sobrevivem e morrem, que são formadas de órgãos e atuam a partir da metáfora do “corpo social” (MORGAN, 1996).

Nesse ponto, pensamos ser necessário fazer uma breve contextualização sobre a evolução do capitalismo com o intuito de tentar elucidar os sentidos do trabalho para os trabalhadores a partir do que se vivia em cada época. Na verdade, tentar compreender o trabalho e os seus sentidos para os trabalhadores sem considerar o contexto do macroambiente poderia distanciar essa pesquisa do que de fato existiu no real. Pensando nisso, o capitalismo tem tanta importância que, para Bresser-Pereira (2011), só existem duas fases na história humana: uma fase pré-capitalista, com comunidades primitivas, impérios antigos escravistas, feudalismo, sociedades aristocráticas; e a fase capitalista. No entanto, entre essas fases existiu o que a literatura chamou de “revolução capitalista”, onde aconteceu: i) no plano econômico: surgimento do capital e demais instituições fundamentais do sistema, como o trabalho assalariado, lucros, desenvolvimento econômico; ii) no plano científico e tecnológico: transformação da sociedade agrícola em sociedade industrial; iii) no plano social: surgimento da burguesia e classe trabalhadora; e iv) no plano político: surgimento das nações e Estado moderno (BRESSER-PEREIRA, 2011).

Conceituar “o que é trabalho” para os trabalhadores, ao que parece, acompanhou essas transformações e os seus sentidos foram modificados à medida que o mundo mudava. Por exemplo, observamos que o regime capitalista de produção “pressupõe a generalização da produção para a troca. [...] e para participar desse processo de troca, para ter existência social, o produtor precisa então levar a sua mercadoria para o mercado” e operacionalizar a sua venda para continuar sobrevivendo. Nesse sentido, percebemos o trabalho perdendo o sentido para os trabalhadores que consideram apenas a objetividade do que é produzido por eles, com a sua força de trabalho produzindo apenas mais uma mercadoria para o mercado, com trabalhadores contrafeitos, “como alguém que levou a própria pele ao mercado e agora não tem mais nada a esperar” a não ser entregar o produto para quem de fato irá consumir (TEIXEIRA; SOUZA, 1985, p. 65). Estamos diante de uma concepção extrema do que se pode pensar sobre “trabalho”, por isso ponderamos e consideramos a importância da sua objetividade para a sustentação do sistema capitalista.

As tentativas de reestruturação das atividades de trabalho a partir desse período considerado como “crise do taylorismo-fordismo”, favoreceram discussões sobre os objetivos do trabalho, sobre a relação homem-trabalho e sobre as cargas dos trabalhadores, percebendo que as novas condições de trabalho faziam emergir “sofrimentos insuspeitos” até então (FRANCO, 2004, p. 311). Parte da literatura que aborda a evolução do que pensa ser o trabalho para os trabalhadores diz que “a conceituação moderna de trabalho se constitui a

partir dos sistemas de racionalização e pode-se afirmar que tais sistemas são consequências de mudanças ocorridas no ambiente sociocultural”, considerando as transformações geradas pelo homem sobre a natureza e a sociedade, decorrentes da Revolução Industrial (BATISTA-DOS-SANTOS *et al.*, 2014, p. 353).

Antunes (2009, p. 131) afirmou que a tendência do mundo produtivo é a de que haja cada vez mais uma diminuição do pensamento de trabalhos estáveis e regulamentados, herdado da fase taylorista e fordista, e a ampliação das múltiplas formas de se organizar o trabalho, como o “trabalho atípico, [...] trabalhos terceirizados, *part time*, subcontratados, quarteirizados, [...] empreendedorismo e trabalhos voluntários”. Pressupomos uma alteração do que se pensava sobre trabalho pelos operários no período taylorista, qual seja o de construir suas carreiras a partir da metáfora das linhas de montagem, linear, sequencial, para uma forma mais autoral, como protagonistas de suas trajetórias profissionais que buscam se descobrir no campo das experiências e experimentações.

O pensamento organizacional considerado clássico associava o trabalho à própria função do trabalhador em seu cargo. Olhava-se apenas para as questões objetivas dos sujeitos no contexto do trabalho e somente após o século XX, como afirmou Mendes (1995), a comunidade científica passou a considerar os aspectos subjetivos no estudo da relação homem-trabalho. A partir disso, passou-se a entender que também era dever das organizações dar sentido ao trabalho para os seus trabalhadores. Escolhemos Dejours (1992) para nos auxiliar nas interpretações dos aspectos objetivos e, principalmente, subjetivos dessa relação, principalmente, por ter afirmado que a organização do trabalho é responsável pelo que ocorre com os trabalhadores, tanto de forma positiva, como negativa. Apesar de apresentarem epistemologias diferentes, optamos por dialogar com outros autores, como Morin (2001), para enriquecer a discussão acadêmica de um tema socialmente relevante.

Morin (2001) debateu e levantou pontos importantes sobre modelos de organizações do trabalho para tentar compreender como se constituíam os sentidos do trabalho para os trabalhadores, a saber: o de Hackman e Oldham (1975), expondo as características do emprego, a partir da década de 1970; e o de Emery e Trist (1965), caracterizando o que chamaram de concepções de sistemas sociotécnicos, após a década de 1950. Descreveremos, sucintamente, os principais pontos desses modelos para tentar compreender as dimensões envolvidas no processo de transformação das concepções de trabalho e carreira para “os dias de hoje”.

O modelo proposto por Hackman e Oldham (1975) tentou relacionar e desvendar como as interações, os atributos do emprego e as particularidades dos sujeitos influenciavam a motivação, a satisfação e a produtividade dos trabalhadores. De forma específica, os referidos pesquisadores buscavam compreender quais eram as características que davam sentido ao trabalho. Os achados e a consequente construção do modelo de Hackman e Oldham (1975) levantaram a discussão sobre a variedade das tarefas, identidade e significado do trabalho, autonomia e *feedback*, questões que, como já discutido brevemente, apontavam para a objetividade da relação organização-trabalhador. Características que, de modo geral, relacionavam-se com as tarefas a serem exercidas pelos trabalhadores e não com “o trabalhar”, como proposto por Dejours (1992). Mas era a partir dessa objetividade, segundo Hackman e Oldham (1975), que os sujeitos conseguiam extrair motivação e dar sentido ao seu trabalho (MORIN, 2001).

Antes disso, após a década de 1950, Trist mostrou que a insatisfação dos trabalhadores em um setor de minas no Reino Unido era gerada por motivos que iam além da questão salarial. Também argumentou sobre as questões mais objetivas do trabalho, propondo, juntamente com outros colegas, como Emery, uma abordagem sociotécnica para tentar compreender quais eram as condições que motivavam os sujeitos a terem comprometimento com o trabalho. As pesquisas de Emery e Trist (1965) forneceram dados para a elaboração de um modelo cujo principal objetivo era estimular o comprometimento dos trabalhadores. Diversos assuntos foram tratados pelo modelo, tais como: a variedade e o desafio das atividades; o trabalho como gerador constante de aprendizagem; autonomia para tomar decisões; o reconhecimento do outro sobre o seu trabalho; o prazer de contribuir para a sociedade; a construção de um futuro desejável, questões salariais, regras organizacionais entre outros (MORIN, 2001).

Borges e Yamamoto (2014, p. 25) afirmaram que “muito provavelmente, todos nós, no cotidiano, ouvimos frases como ‘primeiro o trabalho, depois o prazer’” como uma forma de dar sentido, valorizar ou até mesmo para reforçar a importância de exercer alguma atividade laboral, mesmo que, como sugere a frase, seja necessário renunciar o prazer. Sobre o processo de pesquisar o mundo do trabalho e os seus sentidos, a Psicodinâmica do Trabalho de Dejours (1992), nossa lente teórica, surge como teoria possível para observarmos o que há de mais sutil e subjetivo na relação homem-trabalho. Essa corrente, que será discutida em outra seção, traz para o tema “centralidade do trabalho” aspectos da subjetividade e do que não está aparente entre o sujeito e o seu trabalho.

É a partir dessa compreensão que entendemos a pluralidade de possíveis diálogos entre trabalho e, por exemplo, carreira, emprego, ocupação em firmas, atividade laboral, tudo isso na expectativa de revelar os sentidos desse termo para os trabalhadores. Apegamo-nos, em termos da linha de pensamento dessa pesquisa, aos construtos que relacionam às concepções de carreira à construção de trajetórias profissionais no campo das experiências e experimentações.

### 2.3 O FENÔMENO *SLASH* E OS SEUS DESDOBRAMENTOS

Como sugerem Pais, Lacerda e Oliveira (2017, p. 304), entre a vida e a morte “há um meio, uma travessia, um mistério, um mundo de constrangimentos e possibilidades” e é nesse meio misterioso, nas indefinições, incompreensões e imprevisibilidades da vida, mas na potência do que a expressão “fazer acontecer” pode representar, onde os *slashers* parecem aprender experienciando o campo do trabalho, entre tropeços e itinerários ainda não conhecidos. É o que pensa Ibarra (2009, p. 2) ao afirmar que “nenhuma quantidade de autorreflexão pode substituir a experiência prática” e, também, Pais, Lacerda e Oliveira (2017, p. 305) ao, metaforicamente, afirmarem que “o jogo da vida não é, contudo, um jogo de xadrez ou de futebol. Em qualquer jogo há dois tipos de conhecimento: o das regras do jogo e o do jogo praticado” (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 305). Descobrir-se na prática mobiliza os *slashers* que parecem atuar como protagonistas de suas trajetórias profissionais, experimentando o suposto prazer que há em desvendar os sentidos do trabalho para eles “fazendo acontecer”. Por isso, muito mais do que descrever o pouco que diz a literatura sobre os *slashers*, estamos interessados em refletir sobre esse fenômeno articulando temas multidisciplinares para tentar compreender como ele se dá na contemporaneidade.

Considerando as transformações mencionadas até agora, basicamente as que ocorreram no período industrial em decorrência da crise estrutural da sociedade capitalista, verificamos certas modificações no mundo do trabalho, principalmente no que diz respeito ao aumento do desemprego, à precarização das formas de trabalho e à diminuição das oportunidades para os trabalhadores no mercado de trabalho (EVANS, 1996; PAIS, 2001; COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007). Uma possível consequência desses eventos está relacionada à transformação da própria representação de trabalho dos trabalhadores na contemporaneidade. O entendimento de como deveria ser estruturada a vida profissional abre espaço para uma lógica adaptativa, que funciona em regime de acúmulo simultâneo, ou não,

de atividades de trabalho e não mais na construção de uma carreira linear em um único lugar. E a dimensão “carreira” tem papel central nessa pesquisa quanto à compreensão do que se pensa ser “o trabalhar” (DEJOURS, 1992) para os sujeitos que se organizam dessa forma. Muda-se, então, “o próprio entendimento sobre si como agente criador” nesse processo de se entender como “novo trabalhador” nos tempos atuais (EUGENIO, 2012, p. 229).

A literatura revela que carreira, emprego formal e ocupação em uma firma eram, em muitos casos, entendidos como sinônimos de trabalho (TOLFO, 2002). O estudo sobre carreiras contempla, teoricamente, a compreensão da individualidade dos profissionais. Individualidade que relaciona o par “trabalho-carreira” às práticas de atividades laborais ao longo da vida profissional (HALL, 2012). Essa mesma individualidade indica, ainda, distintas possibilidades de trajetórias profissionais, inclusive as consideradas tradicionais, a exemplo da carreira linear (EUGENIO, 2012). De forma sequencial, o trabalhador estabelece, a partir de certa habilidade específica, uma linha de condução de sua trajetória profissional. Esse modelo, segundo Sant’anna e Kilimnik (2009, p. 34), esteve fortemente presente até meados da década de 1970, “caracterizado pela estabilidade e progressões lineares e verticais”. Outro aspecto desse modelo se relaciona à lógica vocacional, que pode atuar como terreno para a construção de trajetórias lineares, devendo partir do profissional a iniciativa de exercer com excelência a sua vocação no trabalho (CORDEIRO, 2012).

As novas práticas profissionais surgem, dessa forma, rompendo com os padrões tradicionais de trabalho e apontando para o surgimento de um sujeito que constrói de forma particular suas trajetórias profissionais. Esse profissional enfrenta um mercado de trabalho diferente, com cenários competitivos e de disputa considerando, principalmente, a tendência de mudança do que se pensa sobre trabalho para um modelo que inspira independência e autonomia (BAUMAN, 2001; CORDEIRO, 2012). E é nesse contexto mutante que emerge o conceito geração *slash*, tratado nessa pesquisa como fenômeno *slash*.

Eugenio (2012, p. 229) afirma que “*slash* é o nome do sinal gráfico de uma barra diagonal (/), utilizado em endereços *web* e também para indicar múltiplas habilidades ou funções acumuladas por uma mesma pessoa” em um fluxo migratório próprio ou acúmulo de atividades que, aparentemente, não apresentam qualquer correlação. Também em 2012, o repórter Eduardo Magalhães, no *website* do O Globo, lançou uma reportagem sobre a geração *slash*: “Eles fazem de tudo: conheça a ‘*slash generation*’”. A trajetória profissional dos *slashers* se caracteriza de forma diferente quando comparada ao modelo tradicional, cujas funções e atividades são lineares e sequencialmente similares (ROTUNNO, 2016). Não ser o

especialista que sabe tudo de um assunto só, mas experimentar o novo, avançar em diferentes territórios do conhecimento, ter uma formação ampla, diversificada e próxima de saber um pouco de tudo, revelam o que parece ser o perfil criativo dessa nova geração profissional (EUGENIO, 2012).

Outro termo relacionado a esse tema foi popularizado por Alboher (2012), que defendeu a dinâmica de uma carreira *slash* como estratégia de sujeitos que buscam equilíbrio entre o que se ama e o que é preciso fazer. Dessa forma, é possível ser advogado/comerciante/cantor, professor/empreendedor/poeta, engenheiro/blogueiro/fotógrafo. O acúmulo de atividades em paralelo é uma das estratégias de posicionamento e principais características desse novo agente criativo (EUGENIO, 2012), que encontra na conciliação de múltiplas atividades, aparentemente distintas, a experimentação de uma vida prazerosa, mesmo atuando em atividades consideradas tradicionais. A vida dinâmica e repleta de atividades diferentes, que podem ser ou não complementares, parecem definir o perfil desses trabalhadores que têm a criatividade pulsando entre as suas práticas profissionais (EUGENIO, 2012). Os *slashers* despontam, fundamentalmente, em um cenário de experiências e experimentações.

Apesar disso, acumular diversas atividades e saber “dançar conforme a música” não é, essencialmente, uma novidade da modernidade. Preocupamo-nos em abordar, pelo menos em relação a esse assunto, o protagonismo e o movimento de construção de uma trajetória profissional entre as múltiplas possibilidades no campo das experiências e experimentações do fenômeno *slash*. Estamos muito mais interessados em investigar a dimensão do “querer fazer” e não somente do “precisar fazer” determinada atividade de trabalho, mesmo sabendo que existem atos de interesses<sup>1</sup> por parte desses sujeitos e que não podemos trabalhar a pesquisa considerando essas práticas apenas como meras situações ocasionais.

A literatura também nos despertou para outra possível característica desses sujeitos: funciona como uma “autossuficiência” que parece ser necessária para viver o fenômeno *slash*, onde os sujeitos decidem assumir os riscos de fazer o que gostam com a menor intervenção possível dos tradicionais modelos de controle. Para Almeida (2012, p. 239), a vida profissional pode ser um “acontecimento emergente, a partir do agenciamento filigranar de desejos, singularidades, ocasiões, brechas e oportunidades”. Um dos pesquisados

---

<sup>1</sup> Por exemplo, o trabalhador que “faz de tudo” para deixar as portas abertas ou “o que faz” com certos interesses.

de Almeida (2012, p. 239), o Rodrigo, afirma, por exemplo, que “para ser empreendedor precisa ter coragem”, mas isso não o fez agir de forma inconsequente: ele manteve o seu emprego em um banco de investimentos enquanto fortalecia seu negócio, chamado Frugale, de lanches saudáveis dentro de escritórios. São duas atividades que não têm qualquer relação, mas que funcionam em um processo de retroalimentação, uma “dependendo” da outra para existir, “equilibrando os pilares”, como disse, Guilherme, outro entrevistado de Almeida (2012, p. 240). Parece que existir no mundo contemporâneo, para os *slashers*, é arriscar-se entre caminhos de prazer e desprazer.

Desenhar novas paisagens e esboços de rotas possíveis é o que fazem os *slashers*, a exemplo de João, um terceiro entrevistado de Almeida (2012, p. 241), que afirma “desenhar um mapa das possibilidades e ficar olhando, agir com ele” e, assim, trabalhar em uma atividade principal e, ao mesmo tempo, “calculando o entorno” possível (ALMEIDA, 2012, p. 242), aprendendo na prática, “colocando mãos à obra” entre prováveis trabalhos (IBARRA, 2009, p. 02). Também parece que ter um emprego fixo, com salário garantido e estabilidade pode ser o desejo de muitos, mas a subjetividade dos interesses que existem para além disso parece ditar as “regras do jogo” para os *slashers*. Não acreditamos que eles não busquem segurança profissional, mas sim que não conseguem dissociar da busca pelo prazer no trabalho e começam a conduzir sua vida nessa estranha condição que se alterna entre estabilidade e risco, segurança e insegurança, começos e recomeços. Provavelmente esse malabarismo seja necessário para sobreviver nas “realidades duras”<sup>2</sup> abordadas por Pais (2001). Eugenio (2012) também traz esse pensamento ao falar das “invenções dos possíveis”, retratando histórias de sujeitos que conseguem, criativamente, encarar realidades difíceis.

A criatividade é uma das principais dimensões presentes nas relações dos *slashers*, por isso, percebemos, principalmente nos achados de Almeida (2012) e Eugenio (2012), que as ideias de novas práticas profissionais podem surgir, até mesmo, a partir de conversas despreziosas. Mas não basta ter boas ideias, é preciso dar ordem ao processo criativo, possibilitando o seu desenvolvimento com aspectos profissionais (ALMEIDA, 2012; PAIS, 2012). As diferentes frentes criativas atuam em rede e geram conexões entre as atividades ou entre os profissionais, estabelecendo um grande corpo de funcionamento no processo de construção de suas trajetórias.

Ainda sobre Almeida (2012), a autora verificou que profissões distantes, como o caso da médica/DJ/poeta/música, podem atuar em relações de retroalimentação, em sinergia

---

<sup>2</sup> Desemprego, imprevisibilidades, fluxos migratórios em busca de empregos.

no cotidiano profissional. É possível suprimir a vida pessoal e fazer algo só pelo dinheiro, “mas não a qualquer preço”, como disse Manu, outra entrevistada de Almeida (2012, p. 242). Parecem construir suas trajetórias profissionais balanceando o que dá prazer e o que é preciso fazer (ALBOHER, 2012), mas resistimos à tentação interpretativa de observá-los apenas como sujeitos intolerantes às dificuldades da vida e que se dedicam, nesses casos, a uma simples prática de *hobbies*<sup>3</sup>, pelo contrário, parecem aceitar essas dificuldades para depois recusá-las (ALMEIDA, 2012).

Sobre a mistura profissional vivenciada pelos *slashers*, Ibarra (2009, p. 14) defende a ideia de que “tornar-se músico, escritor, artista, fotógrafo ou estilista de moda quando se tem uma carreira consolidada em outra área exige grandes sacrifícios pessoais e, evidentemente, espanta as pessoas à nossa volta”, é preciso, primeiro, experimentar na prática para tomar uma decisão sobre sua carreira. Isso parece apontar para outras formas de atuação profissional que se configuram no campo da lógica de “se virar: um aprender enquanto se faz” (EUGENIO, 2012, p. 230) ou, como sugere Ibarra (2009, p. 02), “um processo de transição em uma prática de aprender fazendo”. São profissionais que praticam outras atividades para dar vida a uma atividade principal. É como um músico que, em uma apresentação artística, precisa não somente cantar, mas atuar como diretor, ajudante de som, encarregado da criação e divulgação do evento, entre outras possíveis atividades. São profissionais que se viram para possibilitar a execução de outra atividade, seja pela falta de recursos financeiros ou, ainda, pelo prazer que vão descobrindo em participar de todo o processo criativo (EUGENIO, 2012).

Além de serem criativos e inventivos, a imaginação parece ganhar cada vez mais espaço como elemento natural da lógica da vida corrente da sociedade moderna, sendo “hoje um palco para a ação e não apenas para a evasão” (APPADURAI, 2004, p. 20). E é considerando esse cenário onde encontramos o nosso campo de pesquisa. Observamos que são nessas sutilezas, nessas rotas de fugas, nos desdobros profissionais e até nas práticas de resistências onde estão os *slashers*. Knowles (2004), ao pesquisar e acompanhar os processos de produção, circulação, consumo e descarte de chinelos em cinco diferentes países, aponta que são nessas fissuras do sistema onde agências criativas são produzidas e se desdobram em tantas outras possibilidades de reinvenção. Não seriam os *slashers* os novos agenciadores de mudanças no campo do trabalho, especificamente na forma de construir uma carreira? A própria evolução das gerações demonstra que eles vivem em um contexto onde “tudo é possível”, primando pela diversidade e espontaneidade. Não é mais necessário ter um papel

---

<sup>3</sup> Atividades praticadas por prazer no tempo, como passatempo.

definido enquanto trabalhador, cada um pode ser criativo, inventivo, imaginativo e ter múltiplas identidades profissionais, escolhendo ser jornalista/escritor/blogueiro, por exemplo. Bendassolli (2006, p. 70) utilizou a expressão “o trabalho morreu” para tentar explicar que os trabalhadores devem buscar muito mais um projeto de vida que seja coerente com as suas crenças, valores e colecionar desafios, do que procurar apenas um emprego.

Bendassolli (2006) pode ajudar, ainda, a elucidar o que parece ser preponderante entre os *slashers*: o desejo de vivenciar o prazer que há em acumular diversas atividades de trabalho. Diógenes (2016) afirma que conquistar o emprego dos sonhos e o prazer misturam-se de tal forma que realizar várias atividades ao mesmo tempo parece se desconectar do ritmo enfadonho do trabalho tradicional. Pensamentos como esses nos ajudam a hipotetizar, por exemplo, que os *slashers* podem funcionar como nômades no mundo do trabalho e, assim como Rotunno (2016) sugeriu, buscam defender a própria liberdade e conviver com as incertezas em seus cotidianos. Diante de um cenário possível e real, essa nova forma de viver parece ser mais comum entre os que têm mais acesso à informação e capacidade de assumir atividades diferentes, por isso distanciam-se da suposta visão de que são “meros aventureiros”. Reconhecer-se nas múltiplas atividades e considerar as vivências desse período de mistura onde as “diferentes versões de nossas identidades batalham entre si” (IBARRA, 2009, p. 19), ocupam dimensão fundamental neste trabalho para tentar compreender a subjetividade dos processos identitários desses trabalhadores.

#### 2.4 PROCESSOS IDENTITÁRIOS DOS *SLASHERS* NA CONTEMPORANEIDADE A PARTIR DO PENSAMENTO DE GOFFMAN

“... o sujeito nunca é idêntico a si mesmo por todo o sempre, já que guarda uma abertura para o tempo, um tempo histórico que o vai posicionar na diferença e não no mesmo, através dos tempos.”

(GUARESCHI *et al.*, 2003, p. 47).

Goffman (2002), em sua obra “A representação do eu na vida cotidiana”, detalhou a sua visão sobre o funcionamento da vida social e descreveu, numa perspectiva sociológico-dramatúrgica, como ela se organiza em espaços limitados, como, por exemplo, em uma fábrica. Para ele, “um ator<sup>4</sup> se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens

---

<sup>4</sup> Goffman (2002) se utiliza de metáforas teatrais para caracterizar elementos presentes num contexto social amplo. Nesse caso, o ator é o homem que atua encenando um determinado papel para outros atores ou plateia.

projetados por outros atores” (GOFFMAN, 2002, p. 9), afirmando, ainda, que é preciso reconhecer o fato de que “todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel. E é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos” (GOFFMAN, 2002, p. 27). Pressupondo que os *slashers* situam-se no campo das experiências e experimentações, é possível que eles enfrentem questões ligadas à identidade e às respectivas representações de papéis de suas diferentes atividades de trabalho.

Essa questão da “crise de identidade” é tratada por Goffman (2002, p. 58) como um ponto de atenção, já que “quando nos revestimos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos”, pelo contrário, é importante que haja certa constância na postura para evitar que a sua atuação corra o risco de ser desacreditada pelo público. Dessa forma, poderiam os *slashers* se identificar com cada uma de suas múltiplas identidades? Como eles se reconhecem no momento da representação dos diferentes papéis? Utilizamos as obras de Goffman (1961; 2002) como principais norteadoras para esses e outros questionamentos sobre os processos identitários dos *slashers*.

Coutinho, Krawulski e Soares (2007, p. 30) trazem o conceito de identidade “como um conceito dinâmico, adotado frequentemente para compreender a inserção do sujeito no mundo e sua relação com o outro”, distanciando-se da possível lógica de uma identidade única e inflexível, entendendo que o sujeito contemporâneo “é híbrido, pois ele vive um tempo de crise de paradigmas [...]. É um e muitos ao mesmo tempo” (HALL, 2014). Antes disso, Ciampa (1987, p. 59) já havia argumentado sobre o papel da relação com o outro, já que “a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele”. Nesse sentido, é oportuno refletir sobre a complexidade e multiplicidade das identidades dos trabalhadores que acumulam diferentes atividades. Sader (1988) enxerga os sujeitos como participantes de um grande coletivo social e suas identidades plurais são decorrentes dessas interações, reforçando o nosso interesse em investigar essa pluralidade vivenciada por um único sujeito. Assumimos, dessa forma, o posicionamento de que identidade, para os trabalhadores, funciona como uma espécie de sentir-se lugarizado num certo mundo e que é preciso observar a subjetividade desse fenômeno para tentar compreender a complexidade das relações sociais desses sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 2002).

Em contrapartida, Hall (2004, p. 104) parece ser cauteloso ao apontar a importância de preservar alguns dos conceitos primários sobre identidade para tentar compreender os processos identitários percebidos na contemporaneidade. Por isso, nós, também, mantivemo-nos prudentes em preservar o equilíbrio conceitual de um tema abordado

por múltiplas áreas. Não obstante, parece que a sociedade contemporânea vive um período marcado por reflexões profundas e dúvidas sobre “quem somos” e “qual é o nosso papel nesse mundo”. Lago (1999, p. 124) teoriza, ainda, sobre trabalhadores que lidam “com a fragmentação, com a multiplicidade de significações e organizações complexificadas, mantendo um mínimo de unidade interna”, por isso “as configurações da contemporaneidade, [...] inegavelmente produzem processos de construção das identidades, nesse arranjo societário, mais complexos e efêmeros que em modelos sociais precedentes” (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007, p. 33). Nesse contexto, o trabalhador crítico e reflexivo, que volta o pensamento para si mesmo, situando-se como homem no mundo, traça com mais facilidade novas rotas profissionais (JUNIOR, 2010).

O tom metafórico no discurso de Goffman (2002), principalmente, quando traz assuntos do cotidiano em uma linguagem teatral, pode ajudar a compreender a atuação dos *slashers* em seus diferentes papéis. Para ele, estamos a todo instante representando algum tipo de papel para uma plateia que precisa ser convencida. Parece que a subjetividade presente nas relações de trabalho, a forma como os *slashers* constroem suas carreias e os processos identitários de suas múltiplas atividades, afetaram a forma de viver de muitos dos que fazem parte desse fenômeno, abrindo o campo das possibilidades do “trabalhar” em sua máxima heterogeneidade e singularidade. Segundo os modelos de Hackman e Oldham (1975) e Emery e Trist (1965) apresentados por Morin (2001), o que antes era papel das organizações, qual seja o de fornecer sentido ao trabalho para os trabalhadores, agora, pelas perspectivas modernas, os trabalhadores se apresentam como protagonistas no processo de construção de suas carreiras e interpretação de seus sentidos sobre o trabalho (DEJOURS, 1992; EUGENIO, 2012).

A outra obra de Goffman (1961) que utilizamos como inspiração nesse trabalho, nos ajuda a refletir, por exemplo, que ainda há muito das instituições totais<sup>5</sup> teorizadas por ele na contemporaneidade. Organizações que parecem requisitar cada vez mais tempo dos seus trabalhadores e estabelecem mecanismos de controle cada vez mais sofisticados, como: fiscalização da entrada e saída, atividades extra expediente, trabalho ininterrupto pela incorporação das TICs<sup>6</sup> à vida laboral intra e extra muros, discursos com cunho motivacional-psicológico, criando uma relação de troca onde se vê muito mais uma disposição necessária

---

<sup>5</sup> De acordo com Goffman (1961, p. 17), “toda instituição tem tendências de ‘fechamento’, [...] algumas são muito mais ‘fechadas’ [...] e seu ‘fechamento’ ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída”.

<sup>6</sup> TIC, ou Tecnologia da Informação e Comunicação, pode ser definida como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum.

dos trabalhadores para se adaptarem ao ritmo “imposto” pelas organizações. E são nessas organizações, provavelmente, onde muitos *slashers* começam a se descobrir na dinâmica de acumular mais de uma atividade de trabalho, hipoteticamente, como forma de enfrentar possíveis conflitos ou insatisfações com esse modelo considerado tradicional.

Para Goffman (1961, p. 18), “quando as pessoas se movimentam em conjuntos [...]”, como parte de um movimento considerado natural, é papel das instituições “fazer com que todos façam o que foi claramente indicado como exigido, sob condições em que a infração de uma pessoa tende a salientar-se diante da obediência visível e constantemente examinada dos outros”. Por vezes, as instituições com tendências totalizantes criam mecanismos de controles e forjam sujeitos que, por estarem tão envolvidos com a organização, também passam a exercer controle sobre si e os outros. É possível que os sujeitos que constroem as suas carreiras de forma linear cruzem com alguns dos conceitos de Goffman (1961, p. 59) relacionados às “táticas de adaptação em diferentes fases de uma carreira moral”.

Uma das práticas padronizadas é chamada pelo autor de “colonização”, onde “o pouco do mundo externo que é dado pelo estabelecimento é considerado pelo integrante como o todo, e uma existência estável, relativamente satisfatória [...]” (GOFFMAN, 1961, p. 60), pode ajudar a elucidar o comportamento linear, contínuo e sem grandes movimentos de um sujeito dentro de uma organização. Algumas experiências do mundo externo podem ser usadas como referência para demonstrar “como a vida no interior da instituição é desejável” e única (GOFFMAN, 1961, p. 60). Para Goffman (1961), algumas instituições colonizam os seus internos que passam a demonstrar, por exemplo, que encontraram um lar e que não há outro lugar melhor. Supomos, de igual modo, ser possível observar esse mesmo comportamento na contemporaneidade, com trabalhadores colonizados<sup>7</sup> por instituições que os fazem acreditar que elas podem oferecer uma “carreira de sucesso” para eles.

Outra prática, essa chamada por Goffman (1961, p. 61) de “conversão”, indica que o integrante da instituição “parece aceitar a interpretação oficial e tenta representar o papel do interno perfeito [...], apresentando-se como alguém cujo entusiasmo pela instituição está sempre à disposição da equipe dirigente”. Esse comportamento pode ser associado aos sujeitos que, direcionados para a construção de uma carreira linear e verticalizada, assumem com frequência o papel do funcionário ideal, percorrendo um caminho constante, sem muitas

---

<sup>7</sup> Utilizamos com o termo “trabalhadores colonizados” o sentido que Goffman (1961) trouxe ao teorizar sobre os “internos colonizados”

mudanças e atuando em um cenário de pouca experimentação, priorizando os seus percursos profissionais apenas no estabelecimento que, aparentemente, lhes dá sentido.

Goffman (1961, p. 16), ainda teorizando sobre as instituições totais, afirmou que “toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo”. Seguir a pesquisa com esse pensamento, onde já dialogamos com diversos autores sobre o mundo do trabalho, nos faz perceber que ele, o trabalho, acontece, muitas vezes, nessas conexões e trocas presentes nas relações entre instituição e seus participantes. Dessa forma, pensando sobre o mundo do trabalho contemporâneo, os trabalhadores estabelecem certas conexões entre o que podem oferecer e o que esperam receber por parte da instituição e começam a se perceber, como sugerem Marra, Fonseca e Marques (2014, p. 53), como partes de “uma mesma categoria social e se auto definem como membros integrantes daquele determinado grupo”. Identificam-se ou não com a filosofia da organização, dedicando boa parte do seu tempo em um *modus operandi* requisitado pela própria atividade a ser exercida.

Esse movimento defendido por Goffman (1961), qual seja o de que as instituições costumam subtrair parte da liberdade de atuação dos seus internos, sinaliza, ainda, que há um movimento de reação ativa por parte deles, revelando um sistema de “ajustamentos secundários” que dão a eles a certeza de que continuam com suas autonomias preservadas. Goffman (1961, p. 54) percebeu que, “às vezes, um ajustamento secundário era quase uma forma de abrigo para o eu, uma *churinga*, em que a alma parece estar alojada”. Eram estratégias consideradas de resistência, de luta contra a tentativa de mortificar totalmente o seu eu, uma revolta muitas vezes silenciosa, mas ativa, com movimento. Do mesmo modo, mas em outra época, Dejours (1992) trouxe essa mesma noção ao tratar das estratégias de defesa dos trabalhadores que buscavam alternativas para encarar situações de conflito no ambiente de trabalho. Aqui, assim como Goffman (1961) afirmou, a criatividade se configura como campo de atuação desses sujeitos que elaboram suas estratégias de enfrentamento. Sujeitos que protagonizam e assumem a responsabilidade de trilhar seus caminhos no campo das experiências e experimentações.

As pesquisas de Eugenio (2012) sobre o *slashers* geram conteúdo suficiente para pressupormos que eles, de modo geral, são inquietos, criativos e tentam se descobrir experienciando no campo do trabalho. Por exemplo, uma de suas entrevistadas, uma médica que também é escritora, mantém essas duas atividades tão diferentes em um processo de retroalimentação, entendendo que precisa das duas atividades para conquistar prazer no

campo profissional. Além disso, não bastava apenas atuar nesses dois papéis, havia a necessidade de se identificar e ser reconhecida como médica e como escritora, sem sobrepor uma atividade à outra. O que poderia ser tratado como “crise de identidade”, esse caso nos permite refletir sobre o cotidiano desses trabalhadores que precisam atuar em seus diferentes papéis (GOFFMAN, 2002). É possível que os *slashers* atravessem conflitos ligados as suas múltiplas atividades, por isso, também concordando com o pensamento de Goffman (2002, p. 58), é importante que haja certa constância em sua postura para evitar que a sua atuação corra o risco de ser desacreditada pelo público, ou seja:

como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando porém nos revestimos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos. [...] Espera-se que haja uma certa burocratização do espírito, a fim de que possamos inspirar a confiança de executar uma representação perfeitamente homogênea a todo tempo.

Goffman (2002, p. 66) defende, ainda, a ideia de que “as impressões alimentadas pelas representações cotidianas estão sujeitas a ruptura”, requisitando dos *slashers* certa atenção em manifestar uma impressão da realidade que não fragilize a impressão que desejam mostrar da realidade. Isso pode ajudar a compreender a importância da identidade e a aparente necessidade que esses sujeitos apresentam de se auto afirmarem em cada uma de suas múltiplas atividades profissionais. Acumular diferentes atividades requer dos *slashers* habilidade em atuar nos respectivos papéis e gerar no público confiança e crença suficiente para garantir a continuação das suas atuações.

Em contrapartida ao que já observamos ser “comum” entre os *slashers*, pelo menos no que diz respeito à construção de suas identidades no campo do trabalho, Sennett (2001) afirma que o capitalismo contemporâneo, a flexibilidade do trabalho, a terceirização e as múltiplas experiências profissionais podem diminuir as possibilidades dos sujeitos construir narrativas coerentes para as suas vidas. Segundo ele, “como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos?”. Ao que parece, alguns pesquisadores passaram a considerar, além das questões objetivas já discutidas, aspectos subjetivos dos trabalhadores em um movimento pendular de idas e vindas, um equilíbrio interpretativo sobre as organizações. Buscamos esse equilíbrio, também, no que diz respeito à construção desse trabalho. Por isso, não fugiremos do que discorreu Sennett (2001) e, apesar de não pretendermos colocá-lo em nossa matriz

conceitual, confrontaremos o seu pensamento com as histórias de vidas dos sujeitos dessa pesquisa para tentar compreender, essencialmente, o fenômeno *slash*.

## 2.5 O FENÔMENO *SLASH* À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE

“... o trabalho é, também, um fator essencial de nosso equilíbrio e de nosso desenvolvimento. Talvez não importe qual trabalho; talvez não importe em que condições.”

(DEJOURS, 1992, p. 99)

Christophe Dejours (1992), precursor da Psicodinâmica do Trabalho (PDT), foi um dos primeiros a teorizar sobre as relações que ocorrem entre o trabalho e a vida psíquica dos trabalhadores com a publicação da sua obra “A Loucura do Trabalho” em 1980, revelando o sofrimento psíquico do homem causado, especialmente, pelos conflitos existentes entre a sua subjetividade e a organização do trabalho. O termo “psicodinâmica” surgiu da teoria psicanalítica e está orientado para os estudos dos movimentos psicoafetivos que são elaborados a partir dos conflitos inter e intrasubjetivos emergentes no trabalho (ASSIS; MACEDO, 2008). Buscamos nos estudos de Dejours (2004, p. 53) o que ele afirmou ser a PDT, uma corrente teórica que “abre caminho para perspectivas mais amplas, que, como vemos, não abordam apenas o sofrimento, mas, ainda, o prazer no trabalho: não mais somente o homem, mas o trabalho nos detalhes de sua dinâmica interna”.

Dejours afirma, ainda, que o trabalho, além de carregar aspectos utilitários, representa, para o trabalhador, uma forma de afirmar sua identidade e de sentir-se realizado e reconhecido (OLETO; MELO; LOPES, 2013; GUIMARÃES JUNIOR, 2017; AMARAL *et al.*, 2017). Dessa forma, pressupondo a força das repercussões causadas pela dimensão trabalho na psique dos trabalhadores, a PDT busca “compreender as vivências subjetivas dos trabalhadores” (SILVA, DEUSDEDIT-JUNIOR, BATISTA, 2015, p. 416) ao estudar “as condições de articulação das inteligências singulares [...] no nível da organização do trabalho. [...] Passando do singular ao plural, do individual ao coletivo”, da objetividade para a subjetividade que há no “trabalhar” (DEJOURS, 2005, p. 57). E essa dimensão, qual seja a do “trabalhar”, para a PDT é a “possibilidade de desenvolvimento das capacidades humanas, de acesso à autonomia, à construção de sentidos para o sujeito e a sociedade” (FERREIRA; MENDES, 2012, p. 143). Em uma de suas pesquisas, Dejours (2009, p. 153) demonstrou que são “as pressões do trabalho que põem particularmente em causa o equilíbrio psíquico e a

saúde mental” dos trabalhadores e observar a psicodinâmica do trabalhar parece ser o mais indicado para adentrar no mundo subjetivo dos *slashers*.

A organização do trabalho considerada rígida e tradicional, idealizada pelo modelo taylorista, pode ter entrado em conflito com a subjetividade dos trabalhadores. Dessa forma, pesquisar sobre o trabalhar, sob a perspectiva da PDT, é considerar que os trabalhadores enfrentam, no ambiente coletivo de trabalho, prescrições, procedimentos e instrumentos que podem ser manipulados por eles. Situamo-nos, enquanto pesquisadores organizacionais, na tentativa de compreender a relação homem-trabalho, investigando os *slashers* nessa conjuntura e considerando, principalmente, o que Dejours (2012, p. 365) chamou de “real do trabalho”, um espaço de incidentes, imprevistos, falhas nos sistemas técnico e pessoal, não cumprimento de ordens, resistências, acordos, desacordos, movimentos transitórios. Observaremos situações desse tipo que, provavelmente, resultam de dificuldades entre o mundo prescrito, que são as diretrizes, normas e técnicas formalizadas pela organização de trabalho, e o mundo real, considerado como produto da experiência, da criatividade e do saber-fazer.

Ainda sob a perspectiva *dejouriana*, “o trabalho é compreendido como o saber fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar” (DEJOURS, 2004, p. 28). Orientados por esse pensamento, adentramos na subjetividade dos *slashers* para observar como esses sujeitos conseguem preencher, com inventividade, a lacuna que existe entre o prescrito e o real através de suas novas maneiras de trabalhar, percorrendo caminhos que parecem ser inventados ou descobertos a todo instante por eles (GUIMARÃES JUNIOR, 2017), concordando com o pensamento de Ferreira, Martins e Vieira (2016, p. 40) de que “há sempre um hiato entre o prescrito e o real, convocando o sujeito a expressar criatividade, engenhosidade, podendo desenvolver sua inteligência e autonomia”.

De acordo com a PDT, é inevitável fugir do sofrimento no trabalho, visto que esse mesmo trabalho coloca o trabalhador diante do real, das incertezas, dos imprevistos. Essa pode ser uma vivência de fracasso, onde o “trabalhador experimenta o fato de que as prescrições necessariamente não são suficientes para uma atividade com êxito e é preciso inventar na atividade” (LIMA, 2012, p. 205). Neste estudo, pressupomos que é preciso inventar na atividade e também fora dela. Dejours (2012) já relacionava o trabalhar, enquanto movimento de aprendizagem, com o fracasso no real, mas muito mais do que nos prender ao fracasso, consideramos que “o trabalhar” seja “experenciado” o que se configura ao longo das trajetórias

profissionais de sujeitos que tentam escapar das realidades organizacionais por eles tidas como duras. São trabalhadores que assumem novas habilidades oriundas desse confronto com o real, sendo cada habilidade “o resultado de uma elaboração da experiência subjetiva do corpo em luta com o real” (DEJOURS, 2012, p. 366).

E é o corpo repleto de vivências e experiências que confere inteligência e criatividade ao trabalhador para encontrar alternativas de enfrentamento a possíveis situações de conflito no mundo do trabalho, fazendo desse trabalho um “trabalho vivo” (DEJOURS, 2012, p. 365). Esse já era um tema bastante discutido por Marx (1988), que atribuía o duplo caráter ao trabalho, qual seja o de “trabalho vivo”, caracterizado como útil, concreto e positivo e o de “trabalho morto”, estranho ao trabalhador, abstrato, contidos nas mercadorias, bens. “Com a proposição de que trabalhar é fazer a experiência do real”, é fundamental considerar as experiências como categoria central para tentar compreender o que mobiliza o trabalho vivo dos *slashers* na contemporaneidade (FERREIRA; MARTINS; VIEIRA, 2016, p. 40).

O argumento de que “trabalhar” é “a experiência do real – do que resiste ao saber” (FERREIRA; MARTINS; VIEIRA, 2016, p. 40), justifica o que discorre a PDT sobre o trabalho vivo ao considerar toda a subjetividade que existe no trabalhar pelo trabalhador. Trabalhador que sente, pensa, inventa, cria, tenta e faz acontecer em seu cotidiano. Analisar a psicodinâmica das novas formas de trabalhar dos *slashers* atravessa a tentativa de compreender como o trabalho vivo atua no equilíbrio da psique frente às adversidades reais que surgem no dia a dia das organizações. Para Ferreira, Macêdo e Martins (2015, p. 37), “honrar a vida no trabalho consiste em pensar e sustentar a experiência do trabalho vivo, do trabalho no sentido em que a vida se manifesta com toda sua força” e é nesse sentido, na experiência do trabalho vivo, onde os *slashers* parecem se mobilizar subjetivamente para tentar encontrar sentido e qualidade “no fazer”, no trabalhar em diferentes atividades e contextos.

Ao que parece, “trabalho vivo” e “trabalhar” são termos, aparentemente, similares, mas observamos pequenas diferenças, como: o trabalho vivo está relacionado às habilidades que surgem a partir da experiência individual de cada corpo (DEJOURS, 2012), e o trabalhar como forma de aprender e elaborar conjuntamente para depois consolidar regras práticas de ação aceitas por todos (FERREIRA; MARTINS; VIEIRA, 2016). Embasado pelo que disse Dejours (2012), tomamos como pressuposto a ideia de que os *slashers* se descobrem e se situam no mundo do trabalho a partir do corpo que vive, no campo das experiências e

experimentações, nas múltiplas possibilidades que se formam, antes de partir para a elaboração conjunta de forma coletiva. Supomos que os *slashers*, de modo geral, se descobrem no campo das experiências e experimentações de forma individual, cada um vivenciando o que determinada atividade pode oferecer. Após esse período, é possível se juntar à coletividade e mostrar para o corpo social a sua atuação e entrega de algo.

Motivados pelo pensamento de Deusdedit-Junior e Batista (2015, p. 416), também acreditamos que uma organização sem flexibilidade, “onde não exista a possibilidade de se subverter o trabalho prescrito em um trabalho que permita o trabalhador fazer uso de sua inteligência, criatividade, variabilidade no modo de executar as tarefas”, pode gerar sofrimento para os trabalhadores. Por outro lado, mas nessa mesma perspectiva, um trabalho que não gera grandes demandas, mas exige a presença do trabalhador e a atuação de um papel de “fazer de conta que está ocupado”, também pode ser gerador de sofrimento (DEJOURS, 1992, p. 103). Parece que o desafio de explorar e compreender o mundo dos *slashers* está em garantir o movimento do pêndulo e considerar a análise da subjetividade e da objetividade, do trabalho tradicional e das novas formas de trabalhar e da possibilidade do mesmo ambiente de trabalho promover prazer e sofrimento.

As obras e pesquisas de Dejours (1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012) defendem que é preciso observar todas as dimensões que circundam o trabalho para tentar compreender a relação homem-trabalho e os seus movimentos psicoafetivos. Com isso, Dejours propõe a análise das i) dimensões de contexto: condições de trabalho; organização do trabalho; relações de trabalho e ii) dimensões de conteúdo: carga psíquica; prazer-sofrimento; saúde-adoecimento; estratégias de defesa. E alguns dos conceitos básicos de PDT, tais como: sublimação, ressonância simbólica, mobilização subjetiva, vivências de prazer e resignificação do sofrimento, reconhecimento no trabalho, processos identitários, criatividade e inventividade no trabalho. Apesar dessa breve exposição dos principais temas estudados pela PDT, reforço que essas e outras dimensões poderão surgir na empiria, considerando um objeto que ainda está em construção (BARROS; MENDES, 2003; ASSIS; MACEDO, 2008; SOUSA *et al.*, 2016; SOUSA; BATISTA-DOS-SANTOS, 2017; SILVA, 2017).

De certo modo, consideramos o fenômeno *slash* como um movimento disruptivo, principalmente, quando observamos o protagonismo de sujeitos que decidem como querem construir suas carreiras. A ponderação de Dejours em relação ao mundo subjetivo dos trabalhadores norteará o nosso olhar diante dos *slashers* para tentar compreender as possíveis

motivações que os levam a romper com os modelos tradicionais de carreira. Por isso a importância de observar esses sujeitos à luz da Psicodinâmica do Trabalho e as dimensões envolvidas na relação homem-trabalho propostas por Dejours. Barros e Mendes (2003, p. 65) afirmam que “as dimensões de contexto de produção são determinadas por fatores como tarefa, ritmo, tempo e controle do trabalho, ambiente físico, equipamentos e material oferecido pela instituição”, além das informações fornecidas para execução das tarefas, a comunicação e a relação entre os pares. Esses aspectos mais objetivos, cheios de prescrições ou, ainda, todo o processo e a dinâmica envolvida no contexto do trabalho podem ser responsáveis por possíveis distúrbios mentais dos trabalhadores, sendo “algumas organizações perigosas para o seu equilíbrio psíquico” (DEJOURS, 1992, p. 104). Dialogar com a subjetividade do trabalhador, como propôs Dejours (2005, p. 33), “abre espaço para outros temas, como: clima, liderança, motivação, gratificação e poder” (DEJOURS, 2005, p. 33).

A corrente *dejouriana* defende, ainda, que os possíveis conflitos resultantes das dimensões de contexto se manifestam “através de dimensões [de conteúdo], como: carga psíquica, prazer-sofrimento, saúde-doença, estratégias de defesa” (SOUSA; BATISTA-DOS-SANTOS, 2017). É nesse ponto onde dedicaremos atenção especial ao tratar dos *slashers*, observando, principalmente, a subjetividade da relação homem-trabalho, mas sem deixar de considerar a objetividade que as dimensões de contexto trazem para esclarecer as motivações que podem levar os *slashers* a romperem com os tradicionais modelos de carreiras. Não obstante, percebemos uma possível correlação entre essa e as pesquisas de Almeida e Eugenio (2016) e Almeida, Eugenio e Bispo (2016) e tentaremos compreender como os fenômenos nomeados [pelos autores] de “paragem” e “desmobilização” acontecem entre os que fazem parte do fenômeno *slash*. Para os autores, esses movimentos acontecem com sujeitos que “procuram estancar a mobilização<sup>8</sup> por meio da tática de habitar a pausa, o parênteses provisório e a paragem [...]. Desmobilizam porque preferem não fazer”, vivem um tempo onde “tudo pode”, inclusive “poder não escolher, poder não exercitar a potência própria” (ALMEIDA; EUGENIO, 2016, p. 28 e 29).

Percebemos que procurar compreender os processos identitários dos *slashers* requisita, necessariamente, uma interlocução com o que ocorre na era moderna e com as agências de sujeitos protagonistas de suas trajetórias profissionais (ALMEIDA; EUGENIO, 2016). Temos tantas informações disponíveis, tanto conhecimento na palma da mão, que falta

---

<sup>8</sup> Os autores fazem menção à “mobilização infinita” do filósofo Sloterdijk, como um movimento sob “a lógica colonizadora e imperialista de infinitude (o desenvolvimento progressista)” (ALMEIDA; EUGENIO, 2016, p. 28), ou seja, sujeitos que vivem um tempo urgente e estão sempre em busca de algo de forma insaciável.

o silêncio, o parênteses, o hiato para perceber o que há de mais sutil na subjetividade de uma atividade que pode ser considerada “trabalho”. Supomos que os *slashers* possam estar nesse cenário de paragens, em oposição ao cenário sugerido por Brum (2016), onde muitos conseguem “a façanha de abrigar o senhor e o escravo no mesmo corpo”. O autor afirma que muitos trabalhadores são exploradores de si mesmo, utilizando categorias “falsamente emancipatórias”, como empreendedorismo, flexibilização, profissionais autônomos. Profissionais que conseguem construir impérios, mas estão presos em suas próprias construções. Os *slashers* parecem construir e caminhar em rotas de fuga, ressignificando atividades e suas trajetórias profissionais.

Então, tomada a devida proporção da centralidade do trabalho na vida do trabalhador, ele pode ser entendido como “meio de descarga ou retenção de carga psíquica e em uma organização inflexível, [...] ou que impeça a satisfação da vontade individual, pode favorecer o adoecimento” desses trabalhadores (GUIMARÃES-JUNIOR, 2017, p. 48). E é nesse contexto onde o fenômeno *slash* parece surgir, a partir de insatisfações com os modelos considerados tradicionais, os *slashers* assumem o controle de suas trajetórias profissionais e optam, como sugerem Almeida, Eugenio e Bispo (2016), por parar e modificar o campo das vivências do corpo e acumular novas experiências profissionais e de vida.

Acumular e praticar diversas atividades ao mesmo tempo, inevitavelmente, requisita dos sujeitos uma múltipla atuação e autoafirmação enquanto sua identidade e representação profissional. Pesquisar e conhecer os processos identitários dos *slashers*, como um dos objetivos dessa pesquisa, sem considerar a subjetividade que existe na relação homem-trabalho poderia ser enganoso, por isso concordamos com Guimarães-Junior (2017, p. 38) ao afirmar que “o trabalho deve, portanto, possibilitar a formação da identidade do trabalhador e a descarga de suas pulsões, estabelecendo o equilíbrio e a saúde mental”. Mas como os *slashers* “acontecem” nesse contexto onde o trabalho determina a sua identidade, uma vez que eles acumulam uma, duas ou tantas outras atividades ao mesmo tempo? Para Sznelwar, Uchida e Lancman (2011, p. 18), “a constituição de uma profissão depende da possibilidade de fazer parte de um determinado coletivo [...], e, nesta constituição, reforça sua identidade ao trilhar caminhos para a realização de si”. Trabalhadores que são capazes de encontrar alternativas, rotas ainda não pensadas, que possuem a capacidade de emancipação, de estabelecer resistências, de inventar e reinventar o cotidiano, de utilizar a criatividade para solucionar os desafios.

Nessa perspectiva, Guimarães-Junior (2017, p. 53) afirma que a PDT “considera que o trabalho não ocupa um lugar marginal dentro da construção da identidade do sujeito, e que deve ser dada ênfase ao estudo da sublimação ao invés de processos patológicos”. Pressupondo que todo trabalho gera sofrimento (DEJOURS, 1992; LIMA, 2012; SILVA; DEUSDEDIT-JUNIOR; BATISTA, 2015), o trabalhador pode transformar esse sofrimento em prazer através do mecanismo da sublimação em tantas estratégias defensivas que encontrar. Apesar disso, consideramos que essas estratégias defensivas podem se esgotar caso a organização do trabalho continue exercendo “o que pesa” para o trabalhador. É preciso um “caminhar junto” para minimizar os impactos sobre a psique dos sujeitos. Com isso,

a luta do trabalhador para lidar com o sofrimento psíquico, decorrente da organização do trabalho, requer que ele faça uso de sua engenhosidade, ou seja, de sua inteligência subjetiva que o leva a determinados momentos a transgressão de certas regras que lhe são impostas e que pode leva-lo ora ao prazer ou em alguns casos a -sublimação (transformação do sofrimento em prazer) e ora a repressão de suas pulsões (dos impulsos, de sua engenhosidade) que subtrai os seus desejos causando-lhe sofrimento (JUNIOR, 2017, p. 46)

Amaral *et al.* (2017, p. 208) defendem que a corrente *dejouriana* aborda três níveis de mobilização, quais sejam: i) mobilização da inteligência prática, “em que o trabalho convoca a relação do sujeito consigo próprio e possibilita a expansão das capacidades; ii) reconhecimento no trabalho, que “implica a relação do sujeito com o outro”; e iii) contribuição do trabalho a cultura, “implicando a relação do sujeito com a cultura e a civilização”. Vale destacar que a sublimação não está relacionada apenas a lógica de resistir às mudanças, Dejours deixa claro que é possível encontrar prazer no trabalho, mesmo em situações conflituosas, desde que as organizações deem espaço para a subjetividade do trabalhador, considerando o trabalho como um espaço de constante sublimação, funcionando como uma relação necessária, e que ocorra o reconhecimento do trabalhador pelo seu trabalho, qualquer que seja a atividade exercida por ele (GUIMARÃES-JUNIOR, 2017).

Embora o objeto dessa pesquisa seja o fenômeno *slash*, as suas rupturas e as tentativas de atribuir sentido ao trabalho no campo das experiências e experimentações, vale ressaltar que não temos a intenção de criar nenhuma dualidade, sendo o trabalho tradicional um lugar só de dor e sofrimento e as atividades e ações dos *slashers* apenas prazerosas. Estas e outras dimensões, quais sejam: prazer e sofrimento, serão consideradas, também, dentro do próprio fenômeno *slash*, tentando evidenciar outros aspectos desse campo ainda em construção. Os conceitos de paragem e desmobilização (ALMEIDA; EUGÊNIO; BISPO,

2016), identidade e representações de papéis (GOFFMAN, 1961; 2002) prazer-sofrimento; sublimação; reconhecimento; carga e descarga psíquica; inteligências; zelo; mobilização subjetiva; e identidade (DEJOURS, 1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012), despontam como aspectos importantes na observação do fenômeno *slash*. Dedicamos a próxima seção para descrever os passos adotados para investigação desse fenômeno.

### 3 UMA NECESSÁRIA DISCUSSÃO METODOLÓGICA

“Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram”  
(GUIMARÃES-ROSA, 1967, p. 77).

A trajetória do fazer científico nas ciências sociais aplicadas, onde teoria e campo caminham juntos, desafia-nos a assumir a importância de revelar algumas das facetas do processo de pesquisa que, por vezes, são omitidas pelos pesquisadores da área. Concordamos com Duarte (2002, p. 140) que afirmou ser a pesquisa “um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. [...] É um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência” de objetos ou fenômenos que desejamos compreender em profundidade. A proposta deste trabalho, como já observada nas primeiras páginas, é tentar mostrar a realidade de sujeitos que se desdobram em tantos outros na esperança de encontrar prazer e sentido no trabalho, o protagonismo com que empreendem as descobertas de novas rotas profissionais e os seus processos identitários; mas também o que ocorre objetiva e subjetivamente no desenrolar da pesquisa enquanto pesquisador.

Fazer ciência, para nós, é viver na íntegra tudo o que uma aventura aqui na terra pode representar. Percebemos, com isso, a cultura científica sendo, paulatinamente, fortalecida por pensadores que atuam no campo do fazer científico que rejeita considerar apenas o tradicionalismo dos métodos já conhecidos em suas pesquisas. E, assim, também tem sido a nossa atuação enquanto pesquisadores diante de um objeto tão dinâmico, qual seja a de transformar métodos considerados tradicionais a partir do que o objeto requisita, sem fugir das exigências da comunidade científica.

“Fazer ciência”, na Administração, por vezes implica demasiada preocupação com o método, a teoria e as codificações de especialistas que, em muitos casos, não vivenciaram a pesquisa. Buscamos gerar conhecimento com o rigor requerido pelo objeto, mas sem cair nas armadilhas da rigidez, justamente por acreditarmos que processos considerados engessados podem não ter as melhores respostas sobre os questionamentos da vida e da academia nos campos das “ciências do homem” como o são as ciências sociais aplicadas tal qual a Administração. Nesse sentido, acreditamos que não há ciência sem experiência e, de modo

geral, atuar no campo do experimento é encarar, pelo menos no primeiro momento, que não há situações ou condições absolutas. As experiências nos permitem dialogar com as possibilidades, com o diverso, com as dispersões, com o sutil, com o distinto. Nessa perspectiva, direcionamos nosso olhar para o que há de mais fugitivo no campo de pesquisa para tentar compreender contextos mais amplos.

Pesquisar é caminhar. E assim como as configurações dos caminhos alteram-se diariamente, consideramos, também, que a pesquisa também pode mudar. A mudança faz parte desse processo, assim como Bauman (2001) discorreu sobre a modernidade líquida, onde nada permanece estático ou fixo por muito tempo. O objeto dessa pesquisa, qual seja o fenômeno *slash*, não caminha em passos lineares, então como poderíamos gerar aproximação com ele presos em processos metodológicos rígidos e estáticos? As discussões coletivas com a banca de qualificação nos fizeram perceber que a linearidade, nesse caso, poderia ser enganosa.

Resolvemos, então, sair da estrada. Inicialmente, buscamos desestruturar metodologias consideradas tradicionais na Administração, como a própria linguagem do texto, a partir da necessidade de olhar para esses sujeitos de maneira particular, quando, na verdade, foi o próprio objeto que requisitou um “*mix metodológico*”. Organizamos essa seção para descrever o tipo e as linhas gerais dessa pesquisa, as mudanças no percurso de elaboração dessa dissertação de mestrado, os participantes entrevistados, os critérios de seleção dos participantes, os instrumentos da pesquisa, os procedimentos de coleta e de análise dos dados. Mais do que justificar o “*mix metodológico*”, preocupamo-nos em relatar como esse trabalho foi se desenvolvendo.

A pesquisa tem uma orientação integralmente qualitativa, desde a imersão na literatura até a análise dos dados coletados nas entrevistas em profundidade e nas vivências de observação entre pesquisador e pesquisado, acreditando que o “primado metodológico mais central da construção de uma pesquisa com orientação qualitativa é exatamente o de ser uma [permanente] construção” (ALBANDES-MOREIRA, 1993, p. 74). Em relação à tipologia, essa pesquisa pode ser classificada como exploratório-descritiva. Exploratória, justamente por se tratar de um assunto pouco pesquisado pela comunidade científica e descritiva por tentar caracterizar esse fenômeno a partir da descrição das vivências de sujeitos imersos no mesmo contexto (VERGARA, 1998).

Sabíamos que as próprias referências teóricas poderiam mudar ao longo da pesquisa, mas o pensamento de Mills (2009) sobre o artesanato intelectual permaneceu

presente em todo o processo, bebemos dessa fonte, principalmente, considerando a nossa aproximação pessoal com o objeto, influenciados pelo fato de que os “mais admiráveis pensadores da comunidade acadêmica em que decidi ingressar não separaram seu trabalho de suas vidas. [...] querem usar uma coisa para o enriquecimento da outra” (MILLS, 2009, p. 21). Precisávamos ser flexíveis quanto à metodologia e, por exemplo, com o próprio processo de descoberta do campo que também foi um desafio. Campo que foi acessado antes mesmo de iniciarmos a revisão de literatura, ainda em meados de setembro de 2017, justamente para tentarmos compreender de forma exploratória o que estava pulsando entre os sujeitos desse fenômeno.

Provavelmente, a primeira customização da metodologia dessa pesquisa tenha sido o da “territorialização do campo”. Delimitar espaços e limites da pesquisa poderia ter nos privado de conhecer sujeitos interessantes e distintos. Os territórios são dinâmicos, sem demarcações aparentes e esse pensamento de deslocalização proporcionou encontros marcantes e simbólicos. Os próprios entrevistados revelavam deslocalizações em suas histórias, por exemplo: um deles nasceu no sul do país, mas já morou no norte, no nordeste e hoje reside no sudeste. Além de assumir o processo de deslocalização do campo, e apesar da pesquisa ter sido realizada apenas nas cidades de Fortaleza e São Paulo, entendemos que era preciso acompanhar os sujeitos de acordo com os seus movimentos cotidianos e, de algum modo, deixá-los livres em suas rotinas, essas tomadas como ritmos da vida.

À medida que fomos deixando o objeto “falar por si”, fomos inspirados a participar não somente dos entornos da pesquisa, mas do que acontecia por dentro, o mais próximo possível desses sujeitos que pareciam ter prazer em falar e pela possibilidade de suas histórias integrarem um trabalho acadêmico. Estávamos fugindo, inicialmente sem perceber, de uma possível neutralidade científica e foi isso o que mais nos instigou a procurar novas formas de acompanhá-los para além das entrevistas em profundidade. Inspirados pelo pensamento de Romagnoli (2009, p. 167), entendemos que “para se conhecer realmente uma realidade, é necessário estudá-la em todos os seus aspectos, relações, conexões, pois tudo está em constante transformação e correlação”.

Ir a campo antes de revisar a literatura nos fez perceber, por exemplo, a complexidade de um objeto cheio de singularidades, de detalhes, que se formava a partir do que era mais particular nos processos de descobertas de si e da própria subjetividade que parecia confrontar um certo tipo de conhecimento imposto como verdade, generalizante e simplificado (ROMAGNOLI, 2009). Por isso, nós, também, precisávamos ser plurais em

relação à metodologia, uma vez que “cada método é uma linguagem, e a realidade responde a língua em que foi perguntada” (SANTOS, 2002, p. 48). Queríamos driblar as certezas para tentarmos apreender a complexidade que existe quando nos propomos a pesquisar cientificamente um objeto de estudo.

Para tentarmos apreender essa complexidade, e a partir da discussão coletiva gerada na fase da banca de qualificação desse trabalho, passamos a trabalhar inspirados pelo método cartográfico, com o conceito rizomático, proposto por Deleuze e Guattari (1995, p. 14), a partir da lógica de que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem”. Já estávamos cartografando, mesmo que transitoriamente, com a preocupação de conceber uma pesquisa que fosse um registro próximo da realidade. Cintra *et al.* (2017, p. 45) argumentam que “o rizoma não se fecha sobre si, é aberto a experimentações, é sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam” e, por isso, sentimos que estávamos encontrando novas rotas metodológicas na própria experiência e em fases diferentes da pesquisa.

Pesquisas revelam que essa metodologia vem sendo praticada no Brasil, principalmente, nas áreas de ciências da saúde coletiva, sociais e humanas, mas, fundamentalmente, quando os objetos de estudo apontam para processos e produção de subjetividade (LIMA-DE-SOUZA; LÚCIA-FRANCISCO, 2016). A nossa proximidade e identificação com o objeto de estudo já tinha nos direcionado para a principal estratégia da cartografia, que trabalha sob uma perspectiva não prescritiva, qual seja a de participação e envolvimento do pesquisador com o pesquisado. Não se trata, nesse caso, de uma pesquisa sem direção, a proposta é

um caminhar que traça as suas metas e considera os efeitos do processo de pesquisa sobre o objeto estudado, o pesquisador e seus resultados. Com isso, dá outro rigor metodológico, no sentido de que sua precisão é tomada como compromisso e interesse em conhecer, como implicação com a realidade para a sua transformação, cujo percurso está voltado para a produção de vida (CINTRA *et al.*, 2017, p. 46)

E não adotamos um posicionamento de rigidez frente aos nossos objetivos e estratégias metodológicas, que foram se desdobrando em tantos outros durante a pesquisa. Permitimos, sempre que necessário, que outros elementos integrassem nossas análises, mesmo que isso implicasse mudanças de rotas. “Por este motivo, a cartografia defende a manutenção de um posicionamento flexível e de um pensamento aberto a tudo aquilo que

possa emergir” no campo, com o “rigor metodológico que se traduz exatamente pela capacidade do pesquisador em acompanhar o processo de mostrar-se no objeto investigado no contexto que o sustenta e lhe dá (no sentido de produzir) significado” (LIMA-DE-SOUZA; LÚCIA-FRANCISCO, 2016, p. 813).

Pesquisar é processo e cartografar, enquanto método que envolve produção da realidade, é uma possibilidade de produzirmos conhecimento, processualmente, a partir da subjetividade que há no objeto de estudo (CINTRA *et al.*, 2017). Nesse sentido, o papel do pesquisador parece ser fundamental na cartografia, já que o conhecimento é produzido a partir de suas percepções, sensações e afetos compartilhados na etapa de campo (ROMAGNOLI, 2009). E “cartografar é, antes de tudo, uma arte. Mas é, também, uma ciência. Como ciência, tradicionalmente, refere-se a habilidade de elaborar mapas, cartas ou outras formas de representar, descrever detalhadamente ou expressar objetos, fenômenos” (LIMA-DE-SOUZA; LÚCIA-FRANCISCO, 2016, p. 812); assim, tornou-se, também, um produto a ser apresentado nas próximas seções desse trabalho.

Cartografar só foi possível, também, com o auxílio da técnica do relato oral dos nossos entrevistados que, segundo Queiroz (1988, p. 15), é uma “técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado”. Serve, por exemplo, para captar o que não está explícito ou até mesmo o indizível. São histórias contadas com “relatos de fatos não registrados por outro tipo de documentação. [...] Buscando uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo” (QUEIROZ, 1988, p. 19). E são essas histórias as principais geradoras de matéria prima para analisarmos o que pensam os *slashers*.

A partir das falas dos sujeitos, utilizamos como inspiração, principalmente, os princípios da técnica de análise e interpretação dos núcleos de sentido (ANS), adaptada por Mendes (2007) no âmbito dos estudos da Psicodinâmica do Trabalho, fundamentada na técnica de análise de conteúdo criada por Bardin (2011). Antes disso, ainda na fase da revisão de literatura sobre as “concepções de carreira” e as “trajetórias profissionais no campo das experiências e experimentações” dos *slashers*, entrelaçando esses dois construtos que foram escolhidos como bases dessa pesquisa, tudo isso à luz da PDT, emergiram como principais temas: (i) mundo do trabalho e seus subtemas, como: (i.i) organização do trabalho, (i.ii) características e (i.iii) desemprego; (ii) prazer-sofrimento; (iii) reconhecimento; (iv) identidade; (v) definição; (vi) estratégias de defesa; (vii) criatividade; (viii) sofrimento

criativo; (xix) adoecimento; (x) mobilização subjetiva; (xi) bem estar e (xii) vivências, servindo como estrutura para montarmos o esquema conceitual dessa dissertação de mestrado.

Na etapa da pesquisa de campo, que aconteceu no período de setembro de 2017 a janeiro de 2019, nas cidades de Fortaleza e São Paulo, contamos com a participação de seis entrevistados, cujos nomes fictícios são: Camila e Patrícia, em Fortaleza; e Felipe, Marcelo, Mariana e Joaquim, em São Paulo. Foram entrevistados três homens e três mulheres, com idades variando entre 29 e 50 anos. Já apresentávamos algum tipo de relação com parte dos entrevistados, situação que consideramos possível em termos de produção científica, facilitando, também, a própria operacionalização da pesquisa. Buscamos lugar para esse pensamento e para a formação do nosso campo de pesquisa em Eugenio (2012). Ela, que também pesquisou sobre a criatividade profissional dos *slashers*, optou por não escolher seus entrevistados a partir de indicadores fechados, como: renda, classe, idade, gênero. Acreditava que mais importante do que isso era encontrar sujeitos que participavam de um mesmo modo de vida. Por isso, apesar das relações com os sujeitos, iniciamos o campo de pesquisa certos de que não estávamos mergulhando em águas conhecidas, justamente por sabermos que ali poderíamos nos deparar com o incomum.

Buscamos ser transparente com os passos do fazer científico, inclusive sobre os momentos em que tivemos que refazer e redesenhar as atividades dessa pesquisa. Especificamente sobre o processo de escolha dos sujeitos, que já tínhamos algum tipo de relação com eles, com exceção de um dos entrevistados que surgiu como uma daquelas gratas surpresas do campo, assumimos que não temos qualquer pretensão de nos mantermos neutros ou distantes dessa seleção e do próprio objeto. Acreditamos que o simples fato de termos decidido estudar esse objeto nos coloca, automaticamente, e nesse caso, num nível de envolvimento que não poderíamos desconsiderar.

No entanto, a inquietude surgida após essa reflexão nos fez estabelecer formas que garantissem o equilíbrio para não desenvolvermos um trabalho fixado “em extremos”. Acreditamos que a partir das experiências pessoais é possível estudar as experiências humanas de forma ampla e, desse modo, não colocamos o conhecimento científico acima do que vimos e vivenciamos no real como conceito totalizante e nem queremos ser meros relatores dos discursos dos sujeitos. Nossa intenção está no campo do equilíbrio científico, promovendo o encontro entre teoria e campo, objetividade e subjetividade.

É no momento da pesquisa de campo que experimentamos grande realização do esforço profissional enquanto pesquisadores. É como se ali, na empiria, fôssemos banhados

pelos afetos dos encontros, escritos e registros. É quando permitimos acessar, por exemplo, a dimensão do prazer ao vivenciar, de fato, um bom encontro com os interlocutores. Felipe, um dos nossos entrevistados, escolheu um bar e um fim de tarde para encenar o nosso primeiro encontro. E, sem o fetiche procedimental de utilizar isso apenas como um discurso metodológico, vivenciamos o que era importante para ele. Claro que nem tudo fica no campo da ideia e do prazer. Existe uma dimensão do “trabalho braçal”, como desenrolar em linhas tudo o que foi visto e transcrever horas e horas de gravações, tudo isso após um dia cansativo. O fato é que damos o devido valor e atenção à parte técnica dessa pesquisa, mas não permitimos escorrer uma gota sequer da sensibilidade de cada história revelada. O “sentir”, nesse caso, foi muito mais importante do que a busca por textos que justificassem a saturação do campo. Debruçamo-nos sobre os dados coletados e deixamos o “perceber” tomar conta dos nossos olhares, fugindo das narrativas consideradas tradicionais para resumir e generalizar a vida dos sujeitos.

Apresentar os nossos interlocutores e suas histórias em forma de narrativas só foi possível pela abertura que optamos fazer desde o início dessa pesquisa. Ir a campo antes de acessar a literatura, em seguida procurar o que a literatura falava sobre eles e perceber que precisávamos utilizar múltiplas formas metodológicas para compreendermos o fenômeno *slash*, são aspectos fundamentais que foram descobertos, muitos deles, ao longo da própria pesquisa e oferecidos aos leitores a partir do que a inspiração cartográfica nos mostrava.

### 3.1 APRESENTAÇÃO DOS INTERLOCUTORES

Constatamos que, por vezes, o processo de realização do produto final de uma investigação científica não é relatado como poderia ser. É como se o material utilizado para a pesquisa e os dados que observamos no real estivessem prontos, aguardando apenas a disposição dos pesquisadores em utilizar instrumentos “adequados” para a correta extração. O fato é que acreditamos que a definição do objeto de pesquisa e as opções metodológicas escolhidas ocupam um lugar tão importante quanto à própria elaboração do texto pelos pesquisadores (DUARTE, 2002). E assim buscamos construir esse texto sobre pessoas, com pessoas e para pessoas que se identificam (ou não) com o fenômeno *slash*.

Separamos essa seção para apresentar os seis interlocutores dessa pesquisa. Buscamos “uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento” a partir das histórias de vida narradas por cada interlocutor (QUEIROZ, 1988, p. 16), inspirados pelo

método cartográfico “que se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente por abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação” (ROMAGNOLI, 2009, p. 1690). Defendemos, também, a proposta de Queiroz (1998, p. 15) sobre o relato oral como técnica de registro do que poderia desaparecer se não fosse anotado, servindo, por exemplo, “para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível”. Com isso, essa seção funciona como lugar de contar história dos outros e, principalmente, com os outros.

Adentrar no mundo dos *slashers* foi experimentar descobertas de nós mesmos no processo de pesquisa qualitativa que parecia requisitar novas formas de observação desse objeto. Por isso, decidimos socializar as narrativas dessa seção a partir das falas dos sujeitos, da literatura e das observações dos pesquisadores, dimensões conectadas em um texto corrido para tentar compreender como se dá o funcionamento do fenômeno *slash* na contemporaneidade, sem deixar que a frieza dos discursos apague a poética do que é mais sutil e subjetivo.

Além disso, essa seção entrega aos leitores a chance de conhecerem os nossos entrevistados e, pensando nessa aproximação, é possível que as nossas observações se misturem com as falas dos sujeitos ao longo do texto para dar organicidade e fluidez à leitura. Para isso, utilizamos, eventualmente, aspas nas falas literais dos sujeitos e, por fim, montamos um mapa das rotas dos *slashers* a partir da identificação de aspectos conceituais e de vida, pontos de encontros e desencontros, particulares ou não, em suas trajetórias profissionais. Especificamente sobre a estrutura do texto, respeitamos a ordem dos eventos narrados pelos sujeitos e alguns assuntos ou episódios podem ter sido retomados mais de uma vez por eles.

Sobre os interlocutores, considerando a cidade de Fortaleza, Camila foi entrevistada e acompanhada desde setembro de 2017 a janeiro de 2019; Patrícia foi entrevistada e acompanhada desde agosto de 2018 a janeiro de 2019. Já em São Paulo, Felipe, Marcelo, Fernanda e Joaquim foram entrevistados e acompanhados no período de outubro a dezembro de 2017. Como parte do *mix* metodológico adotado nessa pesquisa, começamos a acompanhar os entrevistados, desde o primeiro encontro, também nas redes sociais para tentar identificar as suas possíveis múltiplas atuações no ciberespaço (SILVA; TEIXEIRA; FREITAS, 2015, p. 178), também orientados por Godoi e Uchoa (2016) que falaram sobre a recente incorporação da análise imagética nos estudos organizacionais. Apesar dessa pesquisa ter sido pensada, construída e analisada coletivamente, as entrevistas, a imersão no cotidiano

dos *slashers* e o contato direto com eles foi realizado por apenas um dos pesquisadores, por isso o texto pode apresentar alternância nos pronomes, ora utilizado o “eu” e, em outros momentos, o “nós”.

### 3.1.1 O olhar do pesquisador na pesquisa

Olá, eu também estou aqui! Ponderei iniciar a seção com essa mensagem, justamente por observar a ausência da figura do pesquisador inserido nas produções científicas que acessamos, principalmente, nas ciências da administração. Refiro-me àquele momento duvidoso sobre a hora de nos lugarizarmos em nossas pesquisas enquanto pesquisadores. Pensar dessa forma pode limitar a nossa atuação ou experiência no campo que deveria ser plenamente criativa. Então, muito mais do que tentar explicar uma condição que poderia reverberar em juízo de valor acerca do tema dessa pesquisa, tomo o pensamento de Mills (2009) sobre o artesão intelectual que não separa o seu trabalho da vida, que é possível produzir conhecimento científico a partir dessa interseção entre dimensões indissociáveis, entre trajetórias do pesquisador e pesquisado que se cruzam em diferentes pontos das próprias histórias. Essa aproximação com Mills (2009) me permite pesquisar sobre o que me atrai e também sobre o que eu sou.

Ainda assim, é fundamental destacar a importância de buscar respostas na objetividade do que pesquisamos, mas deixando as dimensões das possibilidades e das surpresas da realidade abertas, administrando a capacidade crítica e o respeito metodológico, mesmo com inovações. O fato é que não partimos do zero. Falar em realidade é pensar que antes mesmo de iniciarmos essa pesquisa, a temática do fenômeno *slash* já existia e funcionava. Igualmente, minha vida já acontecia na conciliação de diferentes atividades: administrado/empreendedor/escritor/fotógrafo/pesquisador/professor. Somos indivíduos repletos de marcas de nossas trajetórias, marcas que podem nortear a nossa atuação como participantes de um mundo social. E, assim, considerando minha dupla condição de pesquisador-pesquisado inserido no tema dessa pesquisa e respeitando a própria construção do texto que defendemos desde o início, resolvi dividir com os leitores um relato particular de como aconteceu minha identificação com o fenômeno *slash*.

Nasci na cidade de Fortaleza, mas morei até os 12 anos no interior do estado do Ceará, em uma cidade chamada Itapajé. Tinha uma vida confortável, meu pai, funcionário do Banco do Brasil, garantia o sustento da casa e oferecia a função de dona de casa para a minha

mãe. Mesmo assim, desde pequeno, lembro-me de que já tinha a curiosidade de acumular algumas atividades: produzia e vendia dindin<sup>9</sup>, comprava filmes em fita cassete e alugava para os amigos [um “quase dono de locadora de filmes”], confeccionava e vendia pipas nos períodos de ventos na cidade. Meus pais sempre me deixaram bastante a vontade para criar, inventar e executar alguns dos meus desejos infantis. Refletindo sobre isso, percebo o quanto de mim, enquanto *slasher*, foi construído “desde aquela época”.

Aos 13 anos, após minha mãe ter falecido de câncer, fui morar em Fortaleza com meus irmãos mais velhos e continuar cursando o ensino fundamental e médio em um dos colégios mais burgueses da cidade à época. Lembro que nessa época comecei a me virar dentro de casa, mesmo que apenas preocupando-me com o almoço ou como iria organizar o meu dia de estudo sem a supervisão dos pais. Foi um período de muito aprendizado, mas acabei perdendo um pouco do garoto que aprendeu na prática o prazer em acumular e conciliar atividades e processos diferentes. Com o tempo, tornei-me prático, objetivo e, pensando eu, comecei a acreditar que “ser criativo” não cabia no campo do trabalho.

Já no 3º ano do ensino fundamental, ouvi uma amiga comentar que iria prestar vestibular para o curso de administração, justamente por ainda não saber o que queria da vida, sabia apenas que “trabalho tem que ser algo objetivo, prático, exato”. Influenciado por esse pensamento, decidi fazer o mesmo e cursei Administração na Universidade Federal do Ceará. Logo no início, movido pelo pensamento de praticidade e objetividade no campo do trabalho, optei por estagiar e ganhar meu próprio dinheiro. O tempo, as experiências e as distintas empresas por onde passei foram revelando que algo não funcionava tão bem como antes. Mesmo sem conseguir nomear, sentia falta do prazer em acumular atividades diferentes.

O tempo da graduação transcorreu em seu próprio ritmo e respeitei, até certo ponto, o tempo em que “conseguia levar o curso”. Digo “até certo ponto”, porque no último ano acelerei as disciplinas para finalizar essa etapa. E consegui! Aos trancos e barrancos, mas consegui! Lembro-me que, após concluir o curso de Administração, decidi fazer um curso técnico de fotografia e ganhar dinheiro com “minha arte”. Fiz o curso, comprei minha máquina fotográfica e consegui fazer alguns trabalhos. Mas eu queria mais! E então comecei a escrever alguns poemas e divulga-los entre alguns amigos para, também, “fazer um dinheiro”, mesmo conseguindo apenas a admiração de muitos. Estava me virando, queria me encontrar em algumas dessas atividades. E consegui encontrar partes de mim em cada uma delas, mas

---

<sup>9</sup> Também conhecido como sacolé, geladinho. É uma espécie de picolé artesanal preparado em pequenos sacos plásticos

ainda não era suficiente. Queria mesmo era continuar experimentando os prazeres de iniciar algo novo, do inusitado, do diferente.

Então, por três vezes tentei entrar no curso de mestrado em Administração para ser professor universitário. As vivências de um pós graduando geraram a criação de um blog, chamado “Torrado e Moído”, espaço de compartilhamento e diálogo sobre as experiências de um mestrando. E “experimentar”, para mim, sempre se configurou como “possibilidade”, mesmo que sutil ou momentaneamente. Foi no período do mestrado, por exemplo, que precisei me virar em casa e comecei a fazer cursos de culinária pela internet para economizar em minhas refeições. Lembro que cheguei a cogitar a possibilidade de fazer gastronomia por ter vivenciado tanto prazer na cozinha. E foi nesse período, também, que aceitei o desafio de empreender e tudo o que “ser empreendedor” poderia implicar. Além do curso, que considero trabalho, concilio com as atividades da gestão de um negócio próprio e dos textos e poesias do blog, paralisando, nesse momento, as outras atividades.

Assim como Ferreira, Macêdo e Martins (2015, p. 37), comecei a perceber que “honrar a vida no trabalho consiste em pensar e sustentar a experiência do trabalho vivo, do trabalho no sentido em que a vida se manifesta com toda sua força”, fui dando conta do meu processo de “aprender na prática” e entendendo a potência que há na dinâmica desse fenômeno. Enfrentei crises onde não conseguia me identificar com nenhuma dessas atividades, ou melhor, conseguia me identificar com partes delas, todo fragmentado, sem completudes, sem me satisfazer em apenas um lugar. Sentia-me realizado, mas incompleto. Feliz em ter tantas atividades, mas insatisfeito por não me enxergar inteiro nelas. A Psicodinâmica do Trabalho (PDT), logo no início do mestrado, caiu como uma luva para o que eu vivenciava, mas não sabia nomear. A PDT diz que é impossível fugir do sofrimento no trabalho, já que esse trabalho coloca o trabalhador diante do real, dos imprevistos e das incertezas (LIMA, 2012).

Dessa forma, sei que tive momentos de prazer, mas também sofri ao longo das minhas experiências de trabalho (DEJOURS, 2009). Tive que me virar para dar conta e para ter dinheiro (EUGÊNIO, 2012), mesmo precisando atravessar grandes insatisfações. Tive crises de identidade ao não me reconhecer como profissional em nenhuma das atividades de trabalho (GOFFMAN, 2002). Iniciei, parei e retornei algumas vezes nos meus percursos profissionais. Experimentei muito do que acumular várias atividades pode representar. Hoje, mais consciente sobre esse fenômeno, e mesmo ainda atravessando momentos incertos, não tenho dúvidas de que faço o que gosto. O grande desafio é tentar encontrar pontos de

intercessão em atividades que, aparentemente, não tem qualquer relação. Ser pesquisador tem me ajudado a olhar criticamente o meu lado empreendedor. Não faço apenas fotos, tento registrar a poética das paisagens, mesmo que elas permaneçam em arquivos pessoais. O que mais tenho tentado fazer é encontrar em meu cotidiano formas de alternar as atividades e atuar entre o que preciso e o que gosto de fazer (ALBOHER, 2012).

### 3.1.2 Camila Costa: a cobrança pela liberdade

Camila tem 35 anos, solteira, é publicitária/superintendente de cobrança/empreendedora/cantora e mora sozinha em Fortaleza. Conheço Camila há, pelo menos, 10 anos, quando morávamos, literalmente, nos extremos da cidade de Fortaleza. Eu, pelas redondezas do Papicu, ela, próximo a Vila Manoel Sátiro. Nosso primeiro contato aconteceu na festa de final de ano da firma onde ela trabalhava. Era uma festa de confraternização e Camila, curiosamente, tinha sido convidada para cantar uma daquelas músicas de natal. Digo “curiosamente”, porque assim que nos apresentamos ela me disse que estava cursando publicidade, trabalhava como supervisora de *call center* em uma empresa de cobrança e estava ali para cantar para os colegas da firma, além de também cantar em uma igreja do bairro. Sentamos em uma mesa reservada, conversamos por horas e nos despedimos com aquela sensação de que ainda seríamos amigos. A sua aparente relação com diferentes atividades, os inúmeros compartilhados ao longo desses 10 anos e a proximidade que tenho com ela nos despertou para adentrar e começar a compreender o funcionamento do fenômeno *slash* a partir de suas histórias. Camila foi “o nosso piloto” e dispensaremos bastante energia para apresentarmos a sua história de vida.

Camila nasceu em Acopiara, cidade do interior do estado do Ceará que possui, atualmente, pouco mais de 50 mil habitantes. Para ser mais específico, Camila cresceu no “interior de Acopiara”, em um sítio rodeado pela natureza, animais e, durante uma época, sem energia elétrica, o que explica, provavelmente, a sua paixão pelo brilho das estrelas e, especialmente, pela lua, já que “essa era uma programação normal, eu e minha irmã ficávamos vendo o brilho delas lá no céu”. Também contou com empolgação, já com energia na rua, sobre “a época em que chegou uma televisão na casa da vizinha”. Praticamente todas as casas enviavam um representante para assistir qualquer coisa na TV da “casa ao lado”.

Já na adolescência, deixou a sua cidade, o conforto que tinha com os pais para estudar e morar na casa dos tios na capital. Teve que dividir o quarto com a irmã, com a prima

e precisou se virar para concluir o curso de publicidade e desbravar o mundo do trabalho em *call centers* de cobrança. Menina valente, Camila enfrenta o que tiver que enfrentar, inclusive as geografias da sua cidade e das emoções em busca do que deseja. Iniciou sua jornada profissional muito cedo no mundo da cobrança, justamente para conseguir pagar a faculdade e se sustentar:

a minha experiência de trabalho iniciou muito cedo, eu iniciei a trabalhar primeiro por uma situação financeira mesmo, então não tinha nada a ver com aquilo que eu queria fazer na minha vida e na minha carreira e tal, era mais por uma situação de ter dinheiro para me sustentar.

Aqui, apesar do curso de graduação não ser considerado uma atividade de trabalho, percebemos Camila já inclinada para a dinâmica de execução de uma atividade em detrimento de outra. Começava a apontar e caminhar em rotas de quem busca equilíbrio entre o que se ama e o que é preciso fazer (ALBOHER, 2012). Ela tem alma livre, de múltiplos sonhos, um coração bondoso, é generosa e tem flexibilidade quando o assunto é enfrentar as durezas do cotidiano de uma jovem mulher no mercado de trabalho, tradicionalmente, masculino.

Tudo isso faz com que Camila avance, mas também saiba a hora de recuar e repensar novas rotas. Para Dejours (2004, p. 28), “o trabalho é compreendido como o saber fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar” que parecem mover Camila em seus percursos. Sua história revela a força e a inventividade de uma mulher que precisou elaborar estratégias para enfrentar o mercado,

por que pra mim as coisas tinham que ter muito sentido pra trabalhar e tal. Eu nunca fui muito de executar, então eu me envolvia em tudo, eu me envolvia na parte de treinamento e de desenvolvimento das pessoas, eu me envolvia na parte de gestão, me envolvia na parte de atendimento, de recepção das pessoas que chegavam na empresa e não exatamente só naquilo que era me dado como objetivo do meu trabalho.

E, abertamente, Camila contava que precisou atuar dessa forma nas empresas para conseguir atravessar possíveis conflitos em sua relação com o mundo do trabalho considerado, por ela, ultrapassado.

Após alguns anos trabalhando em *call centers*, Camila conquistou o cargo de Superintendente de Cobrança em uma das maiores empresas de cobrança localizada em

Fortaleza. Fruto de muito trabalho e dedicação, Camila abriu mão de parte da sua vida em função do seu trabalho e, ao que parece, “abrir mão de tantas coisas custou caro”. Ainda novinha no mundo da cobrança, percebeu que ali havia espaço para ganhar dinheiro e pensou em conquistar e fazer um patrimônio, para depois cuidar das outras dimensões da vida, sempre direcionada pelo sentido que enxergava em seu trabalho, já que

quando eu cheguei na empresa, ela já existia há muito tempo, mas nesse momento, que foi um novo marco, eu participei de todo ele [o marco]. E aí, pra mim, sempre fez muito sentido o trabalho por essa razão, porque eu sempre estive envolvida em um projeto que pra mim fazia muito sentido.

Camila se fez grande em terra de gigantes e, com um jeito muito particular, avançou rumo ao seu objetivo. Comprou apartamentos, terrenos, carro e não economiza quando precisa ajudar a sua família e amigos, chegou, rapidamente, onde muitos desejam chegar. O fato é que o discurso de Camila, a partir de certo momento, começou a ser direcionado por questões do tipo: “E aí, tudo isso vale a pena?” ou “Não sei se vejo mais propósito no que faço”. Ela, que é complexa em seus pensamentos, não recuou e, mais uma vez, atravessou as geografias do medo.

Justificando o nosso interesse em sua história de vida para tentar compreender o fenômeno *slash*, Camila parece ter deixado de lado a ideia de cantar, mesmo ainda sendo convidada por amigos e pela empresa, para se dedicar a publicidade, a cobrança e, atualmente, ao empreendedorismo. Então, como conciliar atividades que, aparentemente, não apresentam qualquer relação entre si? (EUGENIO, 2012). Teve dificuldade até para explicar em palavras como operacionalizava o seu dia a dia, mas aos poucos fomos percebendo que essa aparente dificuldade acontecia, porque Camila não se percebia atuando diferente em suas atividades, “então não consigo explicar muito bem como faço, porque é tudo tão natural, sou tão eu em cada uma delas”. Foi o suficiente para iniciarmos a adentrar em seu mundo do trabalho e identificar as mudanças que poderiam ocorrer em seus percursos profissionais. Por exemplo, voltamos a conversar com ela, especificamente, sobre o assunto dessa pesquisa um ano após o primeiro encontro e percebemos uma alteração na sua percepção sobre “arriscar-se como empreendedora”, que antes ocupava apenas o campo da possibilidade, mas permitiu em pequenas aberturas iniciar nesse mercado e aprender na prática como é conciliar mais uma atividade de trabalho, “sem aquele romantismo que muito falam”, porque

é delicado [pra mim], porque eu tenho atividades que comprometem muito a minha atenção durante o dia, então, por exemplo, não é que eu não tenha tempo de olhar coisas paralelas, mas em geral estou numa reunião, eu tô conversando com pessoas, então, assim, minha atenção fica muito voltada para aquilo, porque eu preciso estar com meu olhar sobre aquilo. [...] No início, eu tentei realmente dedicar horários da manhã, antes de entrar no trabalho, na hora do almoço eu olhava as coisas relacionadas a isso [empreendedorismo] e no final do expediente e tal. Só que tinham algumas coisas que, por exemplo, a atividade que eu estava coordenando eu precisava resolver na hora, não tinha como esperar [...] aquilo gerava muito conflito, eu me sentia, em muitos momentos, não como se eu estivesse traindo a empresa que estou trabalhando, mas é como se eu não achasse justo. Aquele tempo que eu estava ali sendo remunerada pela empresa, eu precisava estar focada ali e tal.

Camila trabalha em *call centers* há mais de 15 anos e, atualmente, é Superintendente de Cobrança de uma operação com mais de 500 funcionários. Há um ano, pouco antes de receber a promoção de superintendente, disse que seu trabalho não era “cansativo, porque tinha sentido”, que enxergava ali “a oportunidade de alcançar centenas de pessoas e deixar o meu legado” e que “nunca corri atrás de cargo ou status, tudo foi acontecendo num fluxo natural”. Apesar disso, sua rotina de trabalho não era fácil, entrava às 9h e saía entre 19h e 20h todos os dias, “a depender do fluxo de reuniões”. Falando em reuniões, sua rotina era cheia delas, chegou a relembrar certo episódio em que não conseguiu sequer entrar em sua sala para trabalhar por conta das inúmeras reuniões naquele dia. Mesmo assim, Camila sentia prazer e enxergava seu trabalho como uma forma de afirmar a sua identidade e de se sentir realizada e reconhecida (OLETO; MELO; LOPES, 2013; GUIMARÃES JUNIOR, 2017; AMARAL *et al.*, 2017).

Alternando as observações entre os mundos *online* e *offline*, conversamos em meados de setembro de 2017 e, ainda realizada com as atividades no mundo da cobrança, publicou sua última foto “do” e “no” trabalho nesse mesmo período, rememorando um texto de Patativa do Assaré sobre o nordeste, registrando o orgulho em replicar o “espírito nordestino para a sua equipe”, do orgulho que sentia ao fazer parte daquele time de funcionários e da satisfação em fazer parte de uma “equipe com propósito”. Após esse período, Camila publicou outras 71 fotos em seu perfil no Instagram com distintos temas em suas legendas, escrevendo mensagens como: (i) buscar a própria liberdade (14 postagens); (ii) mudanças e recomeços de rotas (13 postagens); (iii) sonhar e aproveitar a vida (11 postagens); (iv) enfrentar os próprios medos e avançar com ousadia nos percursos (9 postagens); (v) tempo acelerado (5 postagens); e (vi) agradecendo pelas vivências (5 postagens), entre outros temas. Ao que parece, da última foto postada sobre o trabalho até o nosso último encontro em

janeiro de 2019, Camila entrou numa fase de descobertas de si enquanto profissional a partir de sucessivos episódios de insatisfação.

Sobre isso, já como superintendente e com o repentino desligamento do seu diretor, seu gestor e amigo, a liderança da empresa foi totalmente modificada e Camila começou a vivenciar pequenos episódios que geraram grandes insatisfações sobre a forma como estava conduzindo a sua carreira

vi que no contexto do meu trabalho eu não me sentia bem e eu não tinha tempo também, então eu acabava comprometendo uma coisa e outra. Eu nem tava 100% focada ali [na empresa] no que eu estava fazendo e nem fazia direito o que eu precisava fazer no meu negócio [empreendedorismo], então a qualidade ficava, em alguns momentos, comprometida para ambas as questões.

Além disso, parecia que a empresa estava passando por um processo e estabelecendo um “novo modelo organizacional com a chegada de gente de fora”, relatando alguns momentos de tensão com esses novos líderes. O último episódio aconteceu quando Camila me ligou de sua sala, transtornada, assustada, como quem estava passando por um colapso nervoso. A fala trêmula não me deixava compreender muita coisa, somente um choro desesperado de alguém que não aguentava mais passar por toda essa pressão, desencadeando tristezas acumuladas que nem ela mesmo imaginava ter. Em uma de suas pesquisas, Dejours (2007) teorizou que são as pressões do trabalho que põem em risco o equilíbrio psíquico e a saúde mental dos trabalhadores. Camila estava esgotada, “parece que tudo o que estava acumulado veio à tona nessa fase da minha vida”.

Antes disso, nesse intervalo de pouco mais de um ano, Camila teve duas grandes decisões: entrou como sócia em uma *startup* do segmento de beleza e, recentemente, resolveu largar tudo ou, como sugerem Almeida, Eugenio e Bispo (2016), criar um parêntese, uma paragem no tempo. “A ideia do empreendedorismo surgiu de repente”, ou melhor, entrar como sócia dessa *startup* foi uma surpresa. Apresentei Camila à sócia majoritária dessa *startup* e, em pouco tempo, elas já estavam fechando uma sociedade. O fato é que acumular atividades diferentes nunca foi um problema para Camila, já que desde o início da sua graduação precisou conciliar o curso de publicidade, o trabalho em *call centers* de cobrança e o *hobby* como cantora. Deixou claro que, em muitos casos, “ter um plano B não pode dar certo se esse plano B não se tornar o plano A”, é como se ela percebesse que para fazer o negócio dar certo, teria que abrir mão, arriscar e deixar o plano B ser o seu plano A, largar o emprego corporativo para se dedicar ao empreendedorismo. Cada vez mais estávamos

percebendo que o canto, para Camila, ocupava apenas a dimensão do *hobby* e, por isso, não abordaremos, profundamente, essa atividade que ela não considera como trabalho.

Atualmente, Camila acumula as funções de superintendente de cobrança e os desafios de ser empreendedora, já que “para ser empreendedor precisa ter coragem”, como afirmou Rodrigo, um dos entrevistados de Almeida (2012, p. 239). Ela compartilhou que pela primeira vez conseguiu experimentar o que de fato pode ser acumular atividades de trabalho que não se relacionam muito bem. Há aproximadamente um ano, Camila confessou que tinha planos de empreender no ramo de pousadas em uma praia bastante conhecida do Ceará, chamada Jericoacoara. Alternava o discurso de alguém que parecia sentir prazer no trabalho atual, com o de alguém que continuava a se descobrir no campo das possibilidades profissionais. Mas “em um ano muita coisa pode mudar” e foi assim que encontrei Camila em nosso último encontro, em janeiro de 2019, que parecia continuar disfarçada numa espécie de personagem corporativo padrão, mas que, vez por outra, se deixava revelar protagonista de sua trajetória profissional em partes de suas falas.

Goffman (2002) discursa que todos estão a todo instante atuando em diferentes papéis e esses papéis são assumidos em diferentes momentos do cotidiano dos sujeitos, por isso que, provavelmente, percebemos, ainda, que Camila sustentava certa representação do papel de superintendente e discursava que, apesar dos inúmeros conflitos, continuava encontrando sentido em seu trabalho. Provavelmente, se revestir desse personagem era a única forma como aprendera a encarar o mercado de trabalho e, aos poucos, estava experienciando e começando a, mesmo que sutilmente, descobrir novas versões de quem pode ser em seus percursos profissionais.

O fato é que Camila aprendeu a conciliar as suas atividades de trabalho, dividia o seu dia “no horário do expediente em dedicação exclusiva para a empresa que pagava o meu salário fixo” e utilizava-se do horário de almoço e lanche para “responder mensagens do *whatsapp*, responder e-mails ou retornar ligações da *startup*”. Assim como Goffman (2002) afirmou que é importante manter certa constância na postura do papel para não colocar em risco a sua atuação, Camila conseguia separar muito bem as atividades dos seus trabalhos, conseguia ser

muito eu mesma, na verdade eu não assumo um papel onde eu tenho que ser muito certinha, eu já tenho naturalmente uma flexibilidade para ser mais de boa, não é comum no meu mercado, mas eu já consegui avançar muito, consigo ter um pouco mais da minha identidade impressa no negócio.

Apesar de gostar dessa dinâmica de conciliar mais de uma atividade, Camila teve que abrir mão de muitas coisas, “tipo tempo livre, finais de semana, feriados. Vivi na pele que acumular várias atividades ao mesmo tempo não tem nada de *glamour*”, mas continuava, mesmo que aos poucos, se permitindo experimentar novas trajetórias que se desdobravam em tantas outras versões de si.

Percebi que Camila tinha muito mais a falar sobre isso, mas o movimento do bar, a garçonete que insistia em interromper o nosso diálogo e o gravador, tiravam a sua atenção que, vez por outra, perguntava se o gravador realmente estava ligado ou se aquele lugar tinha sido a melhor escolha. Pensando que poderia deixá-la mais a vontade, resolvi desligar o gravador e continuamos a conversa. Depois disso, Camila relembrou o episódio do “colapso nervoso”, tentando encontrar na própria fala os motivos que justificassem esse fato. Foi e voltou em algumas possibilidades, mas algo parecia fixo: esse episódio aconteceu logo após Camila decidir largar tudo e ir morar no Canadá. Camila estava parando, separando “um tempo para pensar nos rumos que quero pra minha vida”. É verdade que ela sempre teve um pezinho na aventura, mas não se tratava apenas disso, não tinha características de uma de suas aventuras passageiras. Parece que Camila, realmente, tinha escolhido parar e caminhar num movimento contrário ao do que normalmente se pensa sobre “carreira de sucesso”.

Nesse momento, Camila me pediu para imaginá-la “presa em um castelo construído com o suor do trabalho” e que agora não queria mais, queria descer e pensar em novas rotas. Enxergava-se escrava do que ela mesma construiu. Presa numa torre onde valia muito mais o “ter” do que o “ser”. Parou para pensar sobre o que estava falando e concluiu que havia se esquecido de quem era, por conta dessa busca acelerada para ter cada vez mais, tornando a sua realidade particular em algo compartilhado com a sociedade, em uma condição “diretamente dependente do poderio social obtido” por ela (DEBORD, 2003, p. 19). Por isso, “decidir largar tudo não é fácil, demorei muito pra chegar onde estou e, de algum modo, sinto que preciso dar conta de quem eu sou para as pessoas [e sociedade], mas não é isso o que quero, não quero mais”.

Observamos, aqui, um movimento possível entre os *slashers*, qual seja o de atravessar crises e grandes insatisfações, mesmo acumulando diferentes atividades e experimentando formas alternativas de encontrar prazer na construção de suas trajetórias profissionais. Essas paragens, como sugerem Almeida, Eugenio e Bispo (2016), são fenômenos possíveis e reais entre esses sujeitos. Muito mais do que se aventurar pelo mundo, largar tudo, para Camila, foi uma decisão necessária, “pois achava que poderia surtar nesse

ambiente corporativo tradicional”. Ser empreendedora também está nesse contexto, ocasionando, segundo ela, “uma experiência não tão legal como imaginei que seria”. No entanto, pretendemos nos fixar nas dimensões vivenciadas por ela ao acumular duas atividades diferentes, já que durante o dia estava ligada ao universo de *call center* de cobrança e nas “horas vagas” a uma *startup* de beleza.

Por vezes falou o quão contraditório era “não poder estar conectada 24 horas com um serviço que jamais poderia parar, pois a *startup* funciona no âmbito virtual”. Mesmo demonstrando pequenas insatisfações com a atividade do empreendedorismo, Camila falava com empolgação ao discorrer sobre a conciliação dessas atividades. “Preciso me virar durante o dia e dividir muito bem minhas atividades. Minha maior questão, nesse caso, é que entrei num negócio onde não tenho tanto poder de decisão, sou apenas mais uma sócia do negócio”, reforçando o pensamento de Dejours (1992) de que a falta de autonomia pode agravar o sofrimento do sujeito. A insatisfação de Camila, nesse caso, não está na dinâmica de conciliação de atividades diferentes, mas com o ramo de uma delas e a falta de autonomia:

o problema não foi tanto em relação a conciliar [as atividades], porque eu acho assim, quando você tem um propósito e gosta muito do que você tá fazendo, aquilo passa a ser muito prazeroso e você acaba dedicando muito mais tempo e fazendo aquilo dar muito certo, mesmo você tendo que sacrificar o seu final de semana, suas noites.

O fato é que Camila continua se descobrindo no processo de vivenciar as suas atividades de trabalho, acompanhando o pensamento de Diógenes (2016) que defende a tese de que é possível se descobrir profissionalmente a partir de uma brincadeira. E é nessa dinâmica entre o que se gosta, o que é preciso fazer e as oportunidades que surgem, que o fenômeno *slash* parece acontecer (ALBOHER, 2012). No entanto, é preciso considerar o contexto tradicional e hierárquico da empresa em que Camila trabalha para tentar compreender o que se passa nos campos objetivo-subjetivo da relação homem-trabalho. Hipotetizamos que Camila sofre as consequências de mais de 10 anos trabalhando na mesma empresa, vivenciando grande frustração com um modelo de gestão que, segundo, ela, está “falido”, principalmente, em relação a hierarquização.

Lembrou com dor, ainda com a voz trêmula, ao relatar o episódio que a fez decidir largar tudo: após uma reunião com o novo CEO da empresa, Camila percebeu que sua opinião não era mais valorizada ou sequer ouvida. Nessa mesma reunião, Camila, por duas vezes, teve a sua fala atravessada pela tirania do CEO da empresa e foi moralmente agredida, teve a sua

honra questionada perante os principais líderes da empresa. Ao sair da reunião, Camila se perguntou “o que eu estou fazendo aqui?” e concluiu que precisava mudar. Naquele momento, percebeu que o seu trabalho havia perdido o sentido. Esperou alguns segundos até retomar o pensamento e, com entusiasmo, voltou a falar sobre a sensação de sentir-se “livre” ao ter decidido mudar de rota, mesmo ainda trabalhando na empresa de cobrança. Recentemente, antes de tirar férias, relatou que alguns gestores a procuraram para “tentar me recuperar”, mas finalizou dizendo que, infelizmente, “não havia nada que mudasse essa decisão, não aguentava mais imaginar ficar por mais tempo nesse lugar”. Esse relato foi tão simbólico, que Camila compartilhou o *print* da tela do seu despertador no celular referente ao dia em que retornaria ao trabalho para conversar com o CEO sobre a sua permanência na empresa, nomeando esse episódio como “vida nova” (ver Foto1). Ao sair da sala, Camila disse, ainda sem entender muito bem o que estava acontecendo, que estava “livre e pronta para voar”.

Esse desejo de liberdade que pulsa em Camila está para além do seu discurso. Voltamos repetidas vezes ao seu perfil no Instagram, que também se configurou como campo de pesquisa e, de fato, faz sentido os principais temas postados em suas legendas, tais como: “liberdade”, “protagonista do próprio caminho”, “resiliência” entre tantos outros. Camila parecia se apagar cada vez que precisava cumprir as suas obrigações na empresa e voltava a brilhar quando executava algum projeto da *startup*. O desapontamento com o mundo do trabalho tradicional parece ter tirado sua energia, como se essa fosse a única forma conhecida de mundo do trabalho até então. O ponto principal, nesse caso, foi os movimentos de desmobilização e paragem propostos por Almeida, Eugenio e Bispo (2016) vivenciado por alguns *slashers*. Camila decidiu parar, experimentar novas sensações e, provavelmente, “acumular atividades ainda não imaginadas no Canadá”. A sua história está tão em aberto quanto às novas rotas que parecem se configurar em seu caminho. E hoje, trocar o certo pelo duvidoso não parece mais ser algo tão distante. Se assim ela decidir.

### **3.1.3 Felipe Melo: brindando as experiências da vida**

Felipe tem 36 anos, solteiro, é publicitário/*sommelier* de cervejas e mora com os pais na cidade de São Paulo. Aproveitei o período sanduíche do meu mestrado em São Paulo para tentar entender como o fenômeno *slash* acontecia na região mais desenvolvida do país. Entrei em contato com alguns amigos e meu irmão, rapidamente, falou sobre o Felipe, seu amigo de intercâmbio. Pedi que ele fizesse um primeiro contato e introduzisse o assunto para

sentir se ele toparia uma conversa sobre o assunto “trabalho” e, segundo meu irmão, Felipe ficou bastante animado e disse que aguardaria o meu contato. Era início da noite de uma terça-feira quando resolvi entrar em contato com o Felipe, o publicitário especialista em bebidas, até então a única informação que eu tinha sobre ele. Trocamos poucas mensagens via *whatsapp* até ele aceitar o convite para conversarmos sobre as suas histórias de trabalho. Um sujeito objetivo, ou pelo menos de poucas palavras, sugeriu que o nosso encontro fosse num bar localizado na Rua Augusta, em São Paulo, na tarde de uma quinta-feira, às 18h. Cenário ideal para falarmos sobre um dos seus prazeres: bebidas.

Felipe já me aguardava sentado e assim que cruzamos os olhares soltou um sorriso e quebrou a aparente impressão fria das mensagens trocadas. Não estava preocupado em esconder sua inquietude e ansiedade, começamos a conversar e por diversas vezes o seu olhar, também entre um gole e outro no seu Mojitos<sup>10</sup>, era desviado pelos sons da rua, pela vibração do celular, pelas janelas dos prédios e pelo fluxo de pessoas que cruzavam a nossa mesa. O local, um bar gastronômico situado, literalmente, no meio da agitação paulistana, foi escolhido por ele, o Felipe de poucas palavras nas mensagens, confirmando a sua paixão por bebidas. Na verdade se apaixonou por bebidas depois do seu intercâmbio, mas antes disso preciso contar um pouco mais sobre a história do Felipe.

Publicitário de formação, iniciou a sua vida acadêmica, primeiramente, no curso de Administração, mas rapidamente percebeu que era “criativo demais” para permanecer em um curso considerado tão exato. Cursar administração o deixou confuso, porque ele até que gostava das matérias exatas, mas no fundo sentia que não seria feliz fazendo isso, “eu precisava me expressar no que fazia”. O fato é que Felipe não conseguia se identificar nas falas dos professores do curso de Administração e quando começou a imaginar que teria que trabalhar em escritórios fechados não pensou duas vezes: largou o curso. Decidiu que queria mesmo era criar conceitos, artes e ampliar a sua palheta de cores sobre o que imaginava ser o trabalho de um publicitário.

Desde pequeno, dentro de casa, Felipe teve o seu lado criativo mais desenvolvido pelos pais, “era algo mais ligado a educação mesmo, a gente sempre teve esse lado da criatividade mais estimulado” que um possível modelo metódico de conduzir a vida. Prestou vestibular para Publicidade, passou, cursou alguns semestres e logo conseguiu um estágio, mas brincou dizendo que era inquieto demais para ficar no mesmo lugar por mais de dois anos. Esse movimento se repetiu algumas vezes, aliás, em todas as suas experiências de

---

<sup>10</sup> Coquetel a base de rum branco originalmente de Cuba

trabalho em agências de publicidade, Felipe não conseguia permanecer por mais de dois anos. E assim ele foi saltando, experimentando novas possibilidades até perceber que, de fato, não queria construir a sua carreira em uma única empresa, confirmando as pesquisas de Santos *et al.* (2011) ao afirmarem que a Geração Y não valoriza a permanência em uma única empresa, mas sim a diversificação de suas experiências profissionais.

Em sucessivas experiências, Felipe contou que começou a vivenciar insatisfações com o modelo organizacional das agências de publicidade. Em todas elas acontecia uma repetição: exigia-se dos trabalhadores grandes entregas, mas em contrapartida a remuneração era baixa. Certa vez, logo no início do curso, trabalhou quatro meses de graça, comovido pelo discurso do seu ex-chefe de que ele “estava numa fase de aprendizado, era preciso começar de baixo para crescer na vida”. Em outra agência, comentou que “ganhava R\$ 400,00 e tinha que, praticamente, dormir na agência” ou virar a noite para entregar os trabalhos. E, segundo ele, essa era uma realidade comum de muitos publicitários.

Felipe sempre foi criativo em suas atividades e maneiras de encarar o que pensava sobre trajetórias profissionais. Quando saiu da última agência, resolveu experimentar “o design gráfico que era uma atividade diferente, para ver se mudando um pouco dava uma sacudida” na sua rotina e no que tinha visto e vivido no mundo das agências de publicidade. Em seguida, Felipe começou a se especializar em apresentações de PowerPoint em outra empresa, iniciando um mercado até então desconhecido: “de apresentações criativas, com animações, um produto legal onde poderei exercer meu lado mais conceitual”. Por fim, percebendo que o modelo de trabalho das agências era o mesmo em todos os locais por onde tinha passado, Felipe foi, aos poucos, migrando do emprego fixo em agências para o desafio de começar a desbravar a vida de um profissional autônomo, assumindo pequenos *jobs*<sup>11</sup> e aguardando que essa própria dinâmica revelasse novas rotas profissionais.

Ao que parece, características ligadas à ansiedade, imediatismo e desejo de mudança pulsam entre os *slashers*, senão vejamos o que disse Felipe sobre a nova experiência no mundo do design gráfico:

eu trabalhei lá uns dois anos e, cara, aprendi muito, foi uma baita escola pra mim, porque o ritmo de criação é outro, tinha que criar muito, então meu ritmo pra criar hoje é muito mais rápido por conta do tempo que trabalhei lá. Depois de um ano trabalhando lá, já estava louco, querendo matar todo mundo, não gostava mais de trabalhar lá, não concordava com nada. [...] quando eu saí de lá, falei: “preciso dar um tempo”.

---

<sup>11</sup> Termo utilizado por ele para caracterizar “trabalhos pontuais”

É possível perceber, assim como em relação à história de Camila, a necessidade de “parar” o que estava fazendo e repensar suas rotas, concordando com o pensamento de Almeida, Eugenio e Bispo (2016). Então, nesse período, Felipe decidiu, com 27 anos, que queria fazer um intercâmbio de um ano para encontrar novas possibilidades de vida e profissional. Começou a dedicar parte do seu tempo estudando sobre os locais possíveis, até chegar em Dublin, na Irlanda, e enxergar a possibilidade de viver essa experiência. Não se intimidou pelo fato de não saber falar inglês e, já como intercambista, limpou chão, pratos e se virou até conseguir o emprego em um bar. O contato com um produto que ele já apreciava surgiu no momento certo, Felipe viu que poderia se especializar em algo que ele tanto gostava: bebidas. Viveu intensamente tudo o que o seu intercâmbio poderia oferecer, experimentou um pouco de tudo até se lugarizar, pelo menos até o final desse período, em um bar, trabalhando com o que mais gostava.

Percebemos que, mais um vez, Felipe precisou se virar:

passsei o maior perrengue, cheguei sem grana, não falava nada em inglês, não conseguia emprego de jeito nenhum, comia uma vez por dia para economizar e tive que me virar com apenas 70 euros no bolso. Chegava mais cedo nas baladas para não pagar entrada e me soltava para conhecer muitas pessoas e pedir emprego. Até que um dia consegui trabalhar em um bar e as coisas começaram a melhorar.

A sua experiência no bar deu a Felipe novas possibilidades de sentir prazer sobre o que pensava ser um bom trabalho. Voltou para o Brasil decidido a explorar um pouco mais o universo das bebidas e começou a fazer o que Diógenes (2016) nomeou de se descobrir em uma brincadeira, utilizando essa metáfora para afirmar que alguns sujeitos podem se descobrir em uma brincadeira. Como ele tinha tempo livre, começou a fazer diversos cursos relacionados a bebidas:

como gosto de beber, vou fazer primeiro um curso de coquetelaria e aí fiz um curso de coquetelaria. [...] aí ia viajar para o Chile visitar uma amiga minha, então já que vou pro Chile vou fazer um curso básico de vinhos no Senac, porque entendendo um pouquinho de alguma coisa minha experiência vai ser muito mais legal. [...] depois me inscrevi num curso de *sommelier* de vinhos, mas como não abriu turma, migrei para o curso básico de cerveja [...] e depois fiz um específico de degustação de cervejas artesanais.

Nesse momento, Felipe encontrou lugar no mundo das cervejas. Começou a dedicar o seu tempo livre para esse universo e a desejar, ao final do curso, exercer na prática o

que tinha aprendido em sala de aula. Ele não tinha medo de desbravar um mundo desconhecido e, mesmo sem nunca ter trabalhado com vendas, pediu emprego em um quiosque de bebidas num shopping perto da sua casa. Depois de argumentar com o seu futuro chefe, Felipe conseguiu a vaga para trabalhar como temporário no período natalino. Ao final dessa temporada, Felipe tinha sido o melhor vendedor e foi convidado para ser gerente do quiosque. Aceitar a proposta poderia atrapalhar os planos de Felipe, quais sejam o de conciliar os trabalhos como *freela*<sup>12</sup> e continuar se aperfeiçoando no mundo das cervejas. Pensou e recusou a proposta, alegando que não tinha essa “pretensão, queria apenas ter a experiência prática de trabalhar com cervejas, mas podem contar comigo para ‘quebrar qualquer galho’ que precisarem”. Como ele morava perto do shopping, vez por outra era acionado pelo dono do quiosque para cobrir uma falta e ajudá-lo em épocas de grande movimento. Depois disso trabalhou em uma distribuidora, em outras lojas como vendedor, gerenciou um bar, elaborou cardápios de bebidas, promoveu eventos para cervejeiros<sup>13</sup>, produziu cerveja artesanal em casa, foi jurado de competições e, de novo, se virou e se vira até hoje.

Felipe não conseguia fazer muito dinheiro trabalhando com cervejas e, por isso, continuava aceitando demandas publicitárias de alguns clientes. O caráter financeiro era o único aspecto identificado por ele, até então, como ponto de intercessão entre essas atividades de publicitário e as cervejas. No entanto, há um episódio, talvez o primeiro de outros sucessivos, que revelou a possibilidade de conectar essas atividades. Ele contou que certa vez percebeu que precisava “dar um *up*” em sua imagem dentro do “mundo cervejeiro, porque ele é pequeno e preciso ser bem conhecido para as pessoas saberem quem eu sou”. Então resolveu fazer um “evento cervejeiro para mulheres na minha casa”, atraindo um público que também queria espaço “num território altamente masculinizado”. Felipe utilizou todo o seu conhecimento na publicidade e elaborou todo o conceito, as artes e gerenciou todo o processo de divulgação e organização do evento que “foi um sucesso” (ver Fotos 2 e 3).

Parece evidente que os *slashers*, costumeiramente, utilizam estratégias e manejos sob a lógica de “se virar” e dão conta de uma situação para vivenciar outras. Além disso, ser criativo e encontrar alternativas para realizar os seus desejos também surgem como características desses sujeitos. Por exemplo, além do caráter inventivo nas formas de se virar na Irlanda, atualmente, Felipe continua a trabalhar como *freela* dentro do universo da publicidade apenas para sustentar financeiramente a chance de continuar experimentando tudo

---

<sup>12</sup> Termo utilizado por ele para caracterizar trabalhos independentes de publicidade

<sup>13</sup> Segundo Felipe, termo utilizado para caracterizar os apreciadores de cervejas.

o que o mundo da cerveja pode oferecer. Seu discurso recorrente mostrou que não conseguiria “viver apenas da cerveja”, pois ainda paga-se pouco a um profissional da área. Essa dinâmica é defendida por Eugenio (2002, p. 230) ao afirmar que alguns sujeitos praticam a arte de “se virar: um aprender enquanto se faz”, e, do mesmo modo, Ibarra (2009, p. 02), ao dizer que em suas trajetórias profissionais, esses sujeitos podem atravessar “um processo de transição em uma prática de aprender fazendo”. Felipe precisou se virar e ainda se vira para dar organicidade ao que vive dentro do fenômeno *slash*.

Já no Brasil, Felipe acabou aceitando o que menos havia planejado: trabalhar como gerente de projetos em uma agência de publicidade. Ganhava mais que antigamente e, por isso, resolveu sair da casa dos pais e alugar um lugar só dele. Foi libertador, “nada melhor do que a gente ter o nosso lugar, nosso cantinho”. Dois anos depois, e mais uma vez, Felipe se deu conta de onde estava e percebeu que estava

fazendo aquilo que não queria fazer. O que adiantou morar fora, viver tudo o que vivi, experimentar o novo e voltar pra fazer a mesma coisa? Tá errado! Mas não posso mais parar, tenho 30 anos e estou montando a minha vida [...] e me desesperei, porque eu estava com a minha vida fora de casa tão gostosa. Respirei, larguei o apartamento e voltei a morar com meus pais. Imagina aí: voltar a morar com meus pais aos 30 anos [risos].

Felipe precisou se reinventar, novamente, e, já nas casas dos pais, começou a trabalhar por conta própria. Teve que se virar sozinho para prospectar clientes, sem o peso do nome de uma agência, e conseguir se organizar financeiramente, já que ganhava por demanda, e para continuar vivenciando o que dava prazer: o mundo das cervejas.

Além disso, Felipe, mesmo que sutilmente, revelava que não era feliz pelo modo como São Paulo funcionava. E apesar de ser urbano, ele não gostava do barulho, do trânsito e “da loucura que é essa cidade”. Atrelado a isso, a experiência de morar fora só reforçou o seu desejo de, um dia, ir embora do país e viver do que mais tem prazer: bebidas. Contudo, Felipe parece estar aberto às possibilidades que podem surgir até o dia de cruzar o oceano e ir embora do Brasil. É como se ele tivesse aprendido a caminhar sem muitas certezas e se antecipar, de algum modo, às surpresas da vida. Por vezes deixou claro e era insistente ao dizer que “a experiência na Irlanda foi incrível”. Confesso que em um determinado momento da nossa conversa o ponteiro do relógio não girava mais no tempo certo, as buzinas não incomodavam mais e conexões e mais conexões eram acionadas na minha cabeça: fiquei intrigado e bastante curioso para tentar entender como se configurava em sua cabeça essas duas atividades aparentemente sem qualquer relação.

Estava intrigado ao perceber que as insatisfações do Felipe não eram com as atividades de publicidade, mas com as empresas, por isso ele também falava com prazer sobre os trabalhos publicitários como *freela*. Ouvindo a gravação e refletindo sobre as falas de Felipe, percebemos que o seu maior incômodo, realmente, era em relação ao modelo organizacional das agências de publicidade e com as recorrentes tentativas de querer enquadrá-lo em padrões engessados, em regras e papéis a cumprir, logo o Felipe, um sujeito sem muitos limites definidos. E isso, provavelmente, justifique tanta inquietude, tanta ansiedade e justifique a sua não permanência por mais de dois nas empresas por onde passou.

Felipe, que encontrou certo equilíbrio entre as atividades de publicidade e bebidas, demonstrou que o campo das experimentações pode funcionar como uma estratégia de se lugarizar no mundo, de repetidas reflexões, de auto conhecimento e da própria construção da sua identidade a partir do que gosta e do que é preciso fazer (ALBOHER, 2012). Não parava de mexer suas pernas e mãos, e ele, é claro, precisou repetir a dose de Mojitos para continuar a narrar tantas histórias vividas e os sonhos que ainda esperava viver. A conversa se prolongou até o começo da noite, quando Felipe disse que continuaria no bar e esperaria alguns amigos “para tomar uns *drinks* e conversar sobre a vida”.

Conhecer a história do Felipe e, especificamente, o modo como ele conduz e concilia duas atividades tão diferentes modifica o que se pensa, até então, sobre construir uma carreira considerada “de sucesso”, opondo-se aos “funcionários que constroem suas carreiras trabalhando anos a fio, renunciando às alegrias da família, da cultura e do tempo livre” em um único lugar (DE MASI, 2014, p. 44). Sua história de vida continuava a pulsar nos dias em que permaneci em São Paulo, provavelmente por também me identificar com o seu espírito inquieto e, de certa forma, aventureiro. O campo tem desses encontros, não é mesmo? Uma semana após a nossa conversa, recebo uma mensagem do Felipe me convidando para participar de um evento de “amigos cervejeiros”. Não hesitei e, rapidamente, respondi positivamente.

Combinamos de nos encontrar às 20h na esquina da Rua Augusta com a Avenida Paulista, pegamos um metrô em direção à estação que ficava próxima ao Empório Alto dos Pinheiros, um bar gastronômico localizado em uma região de classe média alta de São Paulo, com um extenso balcão com mais de 20 torneiras que jorravam diferentes cervejas artesanais. Felipe soltou um sorriso tão largo assim que entramos no bar que, por alguns segundos, esqueceu que eu, um tremendo “gaiato no navio”, também estava ali. Cumprimentou, me

apresentou alguns amigos, mas fiz questão de deixá-lo à vontade com eles e, enquanto isso, aproveitei para dar uma volta entre as gôndolas e geladeiras com centenas de cervejas.

São inúmeros os rótulos que diferenciam os tipos de cervejas. Do mesmo modo os desenhos que as caracterizam, valorizando, simbolicamente, aspectos masculinizados: imagens de xerifes com dizeres “*mi nombre es vinganza*” (ver Foto 4); lutador de luta livre (ver Foto 5); Outras que podem, de certa forma, ser considerados machistas: mulher loira com o termo submissão (ver Foto 6); uma boca, aparentemente feminina, com a frase “vulgar sem ser sexy” (ver Foto 7); uma sereia seminua (ver Foto 8). Alguns outros rótulos apresentam certo humor: “passado negro” (ver Foto 7), para caracterizar uma cerveja forte; “*lacto vacillus*” (ver Foto 7), fazendo um trocadilho com o termo científico “*lactobacillus*”; o bobo da corte em uma tradicional cerveja belga (ver Foto 9); ou ainda com rótulos no campo religioso: imagens de santos (ver Foto 9); frades, freiras; e uma cerveja com o nome “Deus”.

No entanto, são imagens que remetem à morte que mais recorrem entre as garrafas e latas expostas: caveiras; armas de fogo; espadas; e ossos (ver Fotos 9 e 10). Observei, também, que no meio do bar, logo acima das gôndolas, tinha frase bastante chamativa: “a cerveja dissipou a doença que havia em mim”, caracterizando, supostamente, uma “brincadeira” sobre “vida e morte”, trazendo a metáfora a partir dos estados de “saúde e doença”.

Num dado momento, Felipe explicou que esse evento, na verdade, tinha sido organizado por um de seus grupos de cervejeiros para “recepcionar uma amiga cervejeira recém chegada de um intercâmbio”. À medida que me explicava um pouco da dinâmica desses encontros, sentamos atrás de uma bancada com várias torneiras de cervejas artesanais e o Felipe, pacientemente, mostrou-me todas as opções de cervejas expostas em uma espécie de cardápio fixado na parede oposta à bancada e falava em detalhes sobre as especificidades delas. Aliás, falava com bastante prazer das cervejas, como se tivesse desfrutando, naquele momento, dos seus ingredientes, escolhendo algumas para experimentarmos. Descrevia em detalhes o processo de fabricação, brincava com os termos técnicos e tinha domínio sobre os aromas, texturas e coloração.

Enquanto ele gastava parte do tempo escolhendo as próximas cervejas a serem experimentadas, comecei a observar o público presente no evento. Os homens tinham os mesmos aspectos físicos: barbudos, barriga de cerveja<sup>14</sup> e vestiam preto. O Felipe, que não gosta muito de padrões, destoava, pelo menos em relação a esse aspecto, de todos os demais:

---

<sup>14</sup> Felipe utilizou esse termo para caracterizar um perfil específico de homens apreciadores de cerveja.

ele não usa barba, magro e vestia estampas florais. Relatou que, no início, sofreu para se inserir no mercado cervejeiro já tão estereotipado, olhavam para ele e, por não possuir o que consideram itens fundamentais de um “bom cervejeiro”, não davam qualquer crédito. Só com muito trabalho e demonstração de conhecimento técnico, além da paixão pelo produto, o Felipe conseguiu se firmar nesse grupo, aparentemente, tão fechado. Ele chegava a caminhar e conversar entre eles de “igual pra igual”, a falta da barba, da “barriguinha” e do preto eram apenas detalhes.

Entre uma cerveja e outra, Felipe começou a se comparar com o restante do grupo e percebeu que muitos dos que estavam ali também acumulavam mais de uma atividade de trabalho. Alguns deles trabalhavam com cervejas, mas eram advogados, engenheiros, analistas e tantas outras profissões, chegando a concluir que “viver só da cerveja, infelizmente, ainda não é uma realidade possível para muitos. Mas são nesses encontros onde trocamos figurinhas e compartilhamos os prazeres gerados pela cerveja”. E foi o que mais percebi nesse bar, existia uma conexão diferente, todos conversavam como se fizessem parte de uma grande família [meio clichê, mas a sensação era essa].

Participar do mundo do Felipe e me perceber naquele lugar revelou a importância do pesquisador se inserir na pesquisa para tentar compreender aspectos que, provavelmente, emergiriam somente “olhando de dentro”. E olhando de dentro, vivenciando aquele momento, Felipe acabou contando que havia retornado a Europa para fazer um curso de cerveja na Bélgica e retornou ao Brasil muito mais desanimado com a realidade do país, porque entendeu:

que o mercado daqui não tá pronto para ser sustentável. Ainda não tá no momento de largar tudo para fazer isso, mas quero um dia trabalhar com isso na Europa. Como não consigo viver disso agora, tô nesse momento de transição, mas quero ir embora e por isso comecei a fazer uns cursos de marketing digital e outras coisas que podem me dar possibilidade de trabalho lá.

Olha o Felipe, novamente, demonstrando que estava se virando para conseguir realizar o seu desejo de morar fora. Além do que já estava fazendo, começou a fazer outros cursos, agora no âmbito da publicidade, hipotetizando que isso seria um diferencial para ele caso decidisse largar tudo e morar fora de novo.

Sentia Felipe contar cada vez mais detalhes sobre o seu real. O assunto das agências de publicidade, utilizado por ele, simbolicamente, para caracterizar o período em que

rompeu com o modelo tradicional de carreira, era recorrente. Lembrou e relatou que decidiu largar esse modelo

quando entrei em uma agência de publicidade, vesti a camisa da empresa, batia minhas metas, cumpria minhas obrigações, mas não aceitavam quando eu chegava 5 minutos atrasado. Daí o pessoal novinho ficava na agência até tarde, dormia e ia aos finais de semana, começavam a namorar entre si, viajavam juntos nos feriados e eu olhei pra tudo isso e disse: ‘não é isso o que quero pra mim’. Aquilo não se encaixava mais pra mim.

Esse relato no ajudou a compreender como, a partir de então, Felipe começou a pulverizar as suas experiências de trabalho. Parece mesmo que experimentar o novo, diversificar as suas atividades de trabalho, ser criativo e inventivo e se virar abriu os olhos de Felipe para os novos horizontes profissionais (EUGENIO, 2012; PAIS, 2012).

Encerrando a noite no bar, percebi que aproximadamente 40% das pessoas presentes eram mulheres e, provavelmente para se inserirem nesse contexto tão masculinizado, utilizavam um linguajar e cores de roupas próximas do que pode ser considerado masculino. Falavam palavrões, expressões duras e com pulso firme mostravam que entendiam do assunto. O Felipe decidiu que iria ficar um pouco mais, igualmente no primeiro encontro, para dividir com outros quatro amigos uma bebida que custava, aproximadamente, R\$ 150,00, justificando que apenas nesse formato, qual seja o de dividir o valor com amigos, é que conseguia saborear o gostinho de uma bebida tão valiosa. Antes da nossa despedida, fez questão de indicar as suas cervejas preferidas e me acompanhou até o caixa para ter certeza de que eu iria levá-las.

### **3.1.4 Marcelo Oliveira: da informática para as descobertas nos grãos de cafés**

Marcelo tem 40 anos, solteiro, é analista de sistemas de TI/micro digital *influencer*/empreendedor e mora sozinho em um famoso bairro de São Paulo. Tivemos a chance de nos conhecer, provavelmente, há 14 anos, ainda em Fortaleza. Lembro-me do Marcelo à frente daquela época. Eu, com apenas 15 anos, olhava com estranheza para o rapaz que dizia sonhar em sair do Ceará para tentar a vida em outro estado. E assim ele fez! Alguns anos após nos conhecermos, Marcelo, realmente, mudou para São Paulo e o nosso contato diminuiu, mesmo sem nunca termos deixado que as conexões estabelecidas fossem esquecidas pelo tempo através das redes sociais. O nosso encontro em São Paulo, anos depois, tomou o sentido inverso da ordem das coisas. Retornávamos por vezes para as histórias do

passado na expectativa de compreender o que se passava hoje, por isso tentarei preservar o fluxo natural da estrutura formada em nosso diálogo.

Marcelo é formado em Tecnologia da Informação (TI) e construiu a sua carreira como especialista em uma única área, foi analista de sistemas de grandes empresas, como: Secretaria da Fazenda, Oi e Polícia Civil em Fortaleza e Banco Nossa Caixa, Editora Abril e IBM em São Paulo. Até a experiência na IBM, considerado por ele como o “auge” da sua carreira na área de TI, Marcelo parecia conduzir as suas experiências profissionais com foco na estabilidade e progressão linear (SANT’ANNA; KILIMNIK, 2009).

E foi na IBM que Marcelo começou a observar que poderia abrir o campo das possibilidades e experimentar outras áreas na expectativa de traçar novas rotas em sua carreira, já que ele foi

pra área de vendas [...], mas não era vendedor de rua, eu trabalhava com relacionamento, fazia prospecções e trazia o cliente pra dentro da empresa. Foi muito bom, me senti super confortável. [...] e era totalmente diferente, tanto que deixei para trás a área de TI [mas continuava trabalhando na grande área de TI], aprendi muita coisa nova que eu acho que abriu minha cabeça para pensar em outras coisas.

Foi nesse contexto, a partir dessa vivência, que Marcelo começou a perceber a quantidade de histórias de outros profissionais que mudavam rotas e conseguiam ter sucesso. Foi despertado para tentar se conhecer enquanto profissional e, nesse tempo, acabou conhecendo muitos empresários e cada nova história o impulsionava para buscar novos horizontes profissionais (PAIS, 2012) e se arriscar:

nessa hora comecei a criar aquela pulguinha dizendo: “por que não abrir a minha empresa também, né? E aproveitar esses relacionamentos dessa experiência na IBM. [...] Além disso, 6 anos de IBM e eu já estava meio saturado do ambiente corporativo, que eu acho ser mais um motivo para ter largado e me arriscado. Era um risco, um tiro no escuro, mas eu estava disposto a passar por isso.

As metas, o estresse do setor e a pressão por vendas deixavam o Marcelo angustiada e “no fim do dia era uma pessoa louca, no final do mês se não batesse as metas queria enfiar uma faca no peito”. Então, trabalhar com vendas na IBM foi uma grata surpresa, mas a cobrança exagerada do mundo organizacional o deixava ainda mais insatisfeito com esse modelo. E foi ao “sentir na pele essa cobrança e a própria competição que existia dentro da empresa” que motivou Marcelo a arriscar e tentar algo diferente. O ambiente de TI já era estressante por si só, assumir parte das vendas da empresa era ainda mais complicado e foi

“de repente” quando Marcelo decidiu que não queria mais estar ali, queria mesmo era abrir uma empresa, motivado, principalmente, pelo discurso de muitos que fizeram o mesmo e deram certo na vida.

Marcelo precisava ser estratégico em sua decisão, porque precisava conciliar por um tempo essas duas atividades para se manter financeiramente na maior cidade do país. Começou a elaborar o seu “*business plan*” e, em paralelo, continuava no setor de vendas da IBM, mas sempre conversando com sua “chefe” sobre a possibilidade de abrir um negócio próprio. Conseguiu administrar essas duas atividades por certo tempo, mas viu na prática que precisava se dedicar mais ao plano de abrir a própria empresa e, por isso, negociou o seu desligamento. Apesar de ter sido contrariado pela gerente, conseguiu todos os seus direitos legais e foi com esse dinheiro que Marcelo conseguiu se manter por mais de um ano dedicando-se, exclusivamente, ao projeto do próprio negócio.

Com “tempo livre”, Marcelo teve sucessivos encontros com consultores do Sebrae/SP que o ajudaram a desenvolver o projeto de um negócio. Após alguns encontros, viu que, naquele momento, não tinha recurso financeiro suficiente para construir um estabelecimento do início. Era preciso ter uma boa quantia financeira disponível para realizar esse sonho e, por esse motivo, começou a se questionar sobre a sua decisão de largar o seu emprego fixo para descobrir, depois de desempregado, que não iria conseguir realizar o desejo de abrir um negócio próprio e que, provavelmente, teria que retornar ao mercado de trabalho privado.

No entanto, Marcelo, que sempre foi muito ativo no mundo *online*, começou a buscar inspiração sobre a vida empreendedora em alguns *youtubers*<sup>15</sup> que compartilhavam suas experiências nesse mundo e os desafios de abrir um negócio. Estava tão envolvido pela dinâmica de como os *youtubers* funcionavam na internet, que abriu a mente e começou a transferir todas as suas ideias para esse novo espaço. O ciberespaço, considerado como “plataforma de uma nova realidade humana, síntese da relação homem-máquina, homem-homem, cuja acronia e atopia ampliam os limites das possibilidades do homem”, revelou o poder inventivo e criativo de Marcelo para ressignificar o que pensava sobre “ter um negócio próprio” (SILVA; TEIXEIRA; FREITAS, 2015, p. 178).

Marcelo estava planejando montar uma cafeteria e tinha reunido muitas informações sobre esse mercado. Nesse momento, quando percebeu uma possibilidade de negócio no ciberespaço, Marcelo deixou que essa paixão por cafés tomasse forma e começou

---

<sup>15</sup> Pessoas que fazem vídeos de naturezas diversas para o Youtube

a migrar os pensamentos do plano objetivo para o subjetivo. Elaborou um plano de visitas às principais cafeterias paulistanas para buscar inspiração e tentar encontrar novas rotas de refazer seu sonho na internet. Ao que parece, Marcelo estava aberto ao que o próprio cenário poderia revelar e foi criativo ao pensar:

por que não aproveitar isso tudo e começar a criar um repositório e colocar tudo isso na internet? Esse é o melhor lugar! Então criei um site que é o “Grão do dia” e a partir disso comecei a criar o material publicado a respeito das minhas experiências pelas cafeterias do Brasil e de outros países. Comecei do zero, [...] criei Instagram, Facebook, [...] e comecei a fazer diversas parcerias para começar a gerar uma renda.

Naturalmente, Marcelo se questionava sobre a rentabilidade desse negócio, mas não deixou que uma aparente negatividade afastasse a empolgação que ele experimentava ao descobrir uma nova versão de si e de seu sonho. Diferentemente de outros sujeitos dessa pesquisa, Marcelo parece ter atendido ao pensamento de Alboher (2012) que, cautelosamente, defendeu a tese de que é preferível se especializar e dominar uma carreira para depois desbravar outra. Muito do que foi aprendido ao longo dos anos na área de TI foi utilizado por ele no mundo virtual. A facilidade com as ferramentas digitais que ele desenvolveu e aprimorou nas sucessivas experiências de trabalho abriu novas rotas em sua carreira e Marcelo, que já queria abrir algo no mercado de café, tornou-se “micro digital *influencer*” nesse segmento com o seu blog “Grão do dia” (ver Foto 12).

Segundo ele, estar conectado no mundo *online* exige, necessariamente, que “você se vire nos trinta”, justamente ao descrever como tem sido o seu processo de se descobrir brincando (DIÓGENES, 2016) e de descobrir na prática (EUGENIO, 2012) as outras versões do Marcelo empreendedor. Sem dúvidas um de seus maiores desafios é encontrar maneiras de rentabilizar o seu site, por isso tem dedicado boa parte do seu tempo para criar campanhas e fechar parcerias com empresas do segmento de café para criar posts patrocinados.

Ao falar sobre “rentabilizar o seu site”, Marcelo demonstrou certa fragilidade na voz, distanciava o olhar e por um momento achei que ele fosse se emocionar. O assunto “financeiro” mexia de forma diferente com ele, talvez pela dificuldade em conseguir fazer dinheiro com essa ideia. Parece que os *slashers* precisam alinhar o que amam com o que precisam fazer (ALBOHER, 2012) e isso, em alguns casos, como o de Marcelo, precisa acontecer na própria atividade de trabalho: rentabilizar a atividade que amam.

Deixar o trabalho com salário fixo para assumir os riscos que circunscrevem o mundo do empreendedorismo e gerar conteúdo como micro digital *influencer* fugiu, após um

ano dessa decisão, do campo do prazer e Marcelo começava a apresentar resquícios de vivências de angústia:

O dinheiro vai acabando, né? Tá acabando, mas tem dado para me manter aqui em São Paulo. Claro que tive que abrir mão de muitas coisas, tem coisas que eu fazia e hoje não faço mais. Era um risco, eu sabia disso, mas mesmo assim quis assumir. Agora percebo que sinto falta do ambiente corporativo, de viver no meio de um monte de gente falando de trabalho, naquele ritmo louco que a gente sempre reclama quando tá dentro.

A angústia apresenta uma dupla dinâmica, podendo ser perigosa (BRANT; MINAYO-GOMES, 2004) ou fonte de criação de estratégias de defesa (DEJOURS, 1992). Marcelo parece não perceber, mas conseguiu direcionar essa dinâmica para ressignificar outras tantas dimensões de sua vida, como, por exemplo, precisou modificar o seu ambiente doméstico para um mini escritório, seu “*home office*”. O desafio foi estabelecer horários, regras e atividades diárias comuns às empresas. Nesse momento, Marcelo abriu o coração e, apesar de todo o cenário idealizado por ele desde a sua saída da IBM, revelou que estava pensando em “retornar para o mercado de trabalho privado, justamente por ainda não ter conseguido rentabilizar o Grão do dia e conseguir viver disso”. Marcelo até fez algumas entrevistas, contando, com entusiasmo, sobre a possibilidade de voltar para o mercado, mas sem deixar o sonho do Grão do dia morrer.

As histórias de Marcelo revelam que ele funciona num cenário de experiências e experimentações (DIÓGENES, 2016), explicando, provavelmente, a própria dinâmica da construção da carreira *slash* (ALBOHER, 2012). Constatamos, também, que o tempo ocupa uma dimensão de urgência para Marcelo, que dizia “estar muito tempo trabalhando na empresa”, que “precisava de tempo para se dedicar aos projetos” e, ainda, que “precisava que o tempo caminhasse mais rápido para o seu negócio acontecer”. Um ano pode ser muito tempo para os *slashers* e, para Marcelo, muitas oportunidades e mudanças se configuraram em sua trajetória profissional nesse período.

Voltamos a conversar recentemente, em meados de janeiro de 2019, para entender o que havia mudado “de lá pra cá”, e ele relatou que o grão do dia estava “deixando de ser apenas um site e começando a virar uma plataforma digital”. Além disso, tinha conseguido estabelecer relações importantes com figuras do mercado de café e, hoje, estava “trabalhando diretamente com fornecedores e produtores de café, para compra e venda na mini Estação de Café”, inaugurada em dezembro de 2018 no atelier de duas amigas no bairro Vila Madalena, em São Paulo (ver Foto 13). Marcelo entendeu, com a experiência da IBM e os riscos

assumidos em se tornar micro digital *influencer*, que era preciso “se virar” nesse processo de retroalimentação (EUGENIO, 2012), onde uma atividade precisa acontecer para dar vida à outra. Por isso, para se manter e manter a própria existência do que experimenta no mundo do café, Marcelo abandonou a ideia de voltar para o mercado privado e está fazendo “trabalhos de *freela* com Marketing Digital”, sem grandes expectativas, apenas entendendo que é preciso, nesse momento, conciliar o que ama com o que é preciso fazer (ALBOHER, 2012).

### **3.1.5 Mariana Sampaio: não deixa o samba morrer**

Mariana tem 30 anos, solteira, é médica obstetra/cantora/professora de capoeira, natural de Vitória, mas mora em São Paulo. Conversando sobre como tinha “chegado ali”, contei a ela que costumo acreditar em “ideias-passarinho”, numa conversa sem grandes pretensões elas, as ideias, podem sair voando por aí e encontrar terreno firme em outros lugares. E foi assim que, desde o início, decidimos conduzir a pesquisa de campo desse trabalho, não economizando falar sobre o fenômeno *slash* que mexe tanto com a gente. Aqui, ideias e pensamentos foram cruzados com tantas pessoas em múltiplas conversas que, hoje, sabemos a importância de agirmos assim para a formatação das linhas dessa pesquisa. Funciona como uma teia repleta de conexões, com uma dinâmica própria, viva, que deixa rastros para que nós, pesquisadores, caminhemos entre os aspectos mais sutis e subjetivos de sujeitos protagonistas de suas próprias trajetórias profissionais.

O encontro com ela foi tão poético quanto a sua história de vida. Em um desses momentos de “ideia-passarinho”, no intervalo da disciplina de Identidade e Organizações na Fundação Getúlio Vargas-FGV/SP, compartilhei com alguns colegas o projeto dessa pesquisa e sobre o que penso a respeito das novas formas de construção de carreiras no mundo contemporâneo. Vivian, com os olhos atentos, disse que conhecia uma médica e cantora. Sem acreditar no que tinha ouvido, rapidamente pedi o seu contato para tentar marcar uma conversa “entre um plantão e outro”. E foi exatamente assim como aconteceu, Mariana aceitou conversar comigo sobre a sua história e suas experiências profissionais numa tarde pós plantão, no saguão do seu prédio. Ao chegar no local marcado, enviei uma mensagem e, rapidamente, recebi a sua resposta: “Espera só um pouco, acabei cochilando quando cheguei

do plantão e agora preciso só lavar o rosto”, seguido de um *emoticon*<sup>16</sup> simulando um sorriso forçado.

Outro aspecto importante dessa pesquisa é que deixamos os nossos sujeitos à vontade para a escolha dos locais dos encontros. Mariana nos deixou intrigado ao optar por marcar em sua residência e, depois de procurar na literatura algo que justificasse a sua escolha, fui encontrá-la com o pensamento de Duarte (2002, p. 145) na cabeça, que defendeu a ideia de que

registrar o modo como são estabelecidos esses contatos [com os sujeitos da pesquisa], a forma como o entrevistador é recebido pelo entrevistado, o grau de disponibilidade para a concessão do depoimento, o local em que é concedido (casa, escritório, espaço público etc), a postura adotada durante a coleta do depoimento, gestos, sinais corporais e/ou mudanças de tom de voz, etc., tudo fornece elementos significativos para a leitura/interpretação posterior daquele depoimento, bem como para a compreensão do universo investigado.

Estava muito mais atento à postura de Mariana e, concordando com Duarte (2002), percebi que o ambiente doméstico pode facilitar a pesquisa no sentido de ter mais liberdade de expressão, menos preocupação com o tempo, a pesquisa fluiu de forma mais tranquila, sem grandes interrupções e sem tantos barulhos externos. Fiquei esperando alguns minutos no saguão do prédio até que ela, logo depois, saiu apressada do elevador, toda vestida com roupa de academia para malhar no próprio prédio após o nosso encontro.

Fiquei fazendo algumas contas e, por alguns instantes, me perdi imaginando como ela conseguia dar conta de tudo: medicina, canto, musculação, capoeira, vida social, família e tantas outras dimensões. Mariana é uma menina de alma leve, fala sorrindo e, apesar de olhar nos olhos, demonstrou certa inquietude ao desviar a visão procurando as melhores palavras para o que queria dizer. Fomos conversando, conversando e fui percebendo que Mariana conseguia conciliar com rapidez e autenticidade as suas atividades de trabalho. Apesar de não ter curso de formação na área, a sua “primeira experiência profissional foi com a música, não tinha nem entrado na faculdade de medicina”. E essa experiência surgiu a partir da indicação de um amigo da capoeira, utilizando a sua própria rede de contatos para impulsionar ou, nesse caso, propiciar a realização de um desejo que surgiu na infância: cantar profissionalmente.

Ela cresceu ao som da viola do pai, um cirurgião-dentista que adorava “arranhar um samba” com os amigos em sua casa:

---

<sup>16</sup> É uma forma de comunicação paralinguística utilizada, principalmente, nas redes sociais e aplicativos de mensagens.

eu, que já cantava desde cedo, sempre participei das rodas de samba que meu pai organizava com a família e amigos, a gente sentava na roda e brincava, né? Mas a música sempre ocupou o espaço de um *hobby*, era uma coisa que eu gostava de fazer, mas nunca deixei a faculdade ou alguma outra coisa ser atrapalhada pela música.

E foi “brincando de cantar” que Mariana descobriu que poderia se profissionalizar na música. Mas foi em 2008, considerado por ela o seu principal ano, que tudo mudou: passou no vestibular para o curso de medicina na Universidade Federal do Espírito Santo e começou, quase simultaneamente, a cantar profissionalmente, oportunidade que surgiu em uma dessas brincadeiras de cantar com o pai, quando recebeu o convite do seu amigo de capoeira para montarem, juntos, a banda Bloco Black e começou a “levar os dois”. Lembrou, sorrindo, que havia “esquecido de falar sobre a capoeira em sua vida”. Na verdade não são duas atividades, mas sim três que coexistem nessa trama dos seus percursos profissionais. Desde os oito anos Mariana “jogava capoeira” e hoje também é professora do grupo de capoeira Bazú.

Além de se descobrir brincando (DIÓGENES, 2016), Mariana começou a se virar (IBARRA, 2009; EUGENIO, 2012) para conseguir conciliar atividades tão diferentes. Especificamente sobre a medicina e o canto, uma de suas estratégias para conseguir atuar como estudante e, ao mesmo tempo, cantora era utilizar as suas férias na faculdade para cumprir com a agenda de shows do grupo. E assim ela fez nos anos de 2009, 2010 e 2011, realizando inúmeras viagens para países, como: Alemanha, Suíça, França e Portugal, deixando a música se estabelecer no campo do trabalho e ocupar uma dimensão onde já conseguia “fazer uma grana para o seu sustento”. Assim, os *slashers* parecem existir no mundo: alternando entre o que gostam e o que precisam fazer (ALBOHER, 2012).

O ano de 2014, provavelmente, tenha sido o mais intenso em relação a exercer todas as suas atividades de trabalho ao mesmo tempo, já que deu

aula de capoeira em um projeto social, comecei a tocar bastante no meu projeto solo, tinha o Bloco Black tocando bastante em Vitória, consegui trabalhar como médica no Hospital Estadual do Espírito Santo, dava plantões, trabalhei no interior do estado, trabalhava três, quatro vezes por semana. Então acho que consegui conciliar as três coisas, ficando difícil apenas quando vim fazer residência em São Paulo em 2015.

Mariana também era engajada em questões sociais, gostava de ter contato com gente e amava atuar como professora de capoeira de um projeto social da sua cidade. À medida que contava sobre as suas experiências profissionais, Mariana deixava escapar que o desejo de fazer várias coisas, simultaneamente ou não, era fonte de prazer. Ser médica era um

sonho, estava realizada trabalhando com gente e, ainda mais, quando começou a fazer residência em obstetrícia. Além disso, a música era tão essencial que todas as atividades pareciam funcionar muito bem, numa sintonia que foi se descobrindo na prática, mas:

lógico que não sou uma exímia cantora, porque não me profissionalizei na música e ao mesmo tempo também não era a melhor médica, top master das ginecologistas [hoje em dia], porque eu gosto de fazer várias coisas, entendeu? Eu escolho fazer várias coisas e dar o máximo, o melhor que eu posso.

“Eu gosto de fazer várias coisas. Eu escolho fazer várias coisas”, também parece ser um dos pensamentos mais frequentes que observamos entre os *slashers*. Mas Mariana, diferentemente da forma que Marcelo conduziu as suas experiências profissionais, não atendeu ao que disse Alboher (2012) sobre, primeiramente, se aprofundar em uma profissão e só depois desbravar outra. Ela iniciou as duas atividades, coincidentemente, no mesmo ano, aprendendo na prática a alterná-las e a conseguir estabelecer uma relação autossustentável entre elas, sem permitir que uma interferisse no funcionamento da outra.

Apesar disso, chegou a considerar o canto como sua primeira profissão por ter conseguido retirar seu primeiro salário como cantora, “por isso não posso nem falar que a música é apenas um *hobby*. Se eu falar que é um *hobby*, vou desvalorizar até a profissão, entende?”. Ela trabalhou muito no período do verão em Vitória e conseguiu ganhar mais do que o que poderia ganhar como médica. Foi a partir desse episódio, de sentir que as pessoas estavam pagando para ouvi-la, que Mariana decidiu profissionalizar o seu canto.

Mariana parece estar cada vez mais disposta a caminhar entre essas profissões e a sua história nos despertou para tantas outras possibilidades. Desde o início permanecemos abertos para mudar rotas a partir do que o campo de pesquisa poderia revelar e sentimos a necessidade, principalmente, a partir da história de Mariana de aprofundar o nosso conhecimento sobre identidade e representação de papéis, por imaginar que ela, em algum momento da vida, poderia atravessar crises de identidades com suas múltiplas atividades. Esse *insight* surgiu quando ouvimos Mariana falar que

atendi uma paciente e carimbei com o carimbo do Espírito Santo e a paciente foi até a farmácia comprar o remédio e aí o farmacêutico olhou e falou: “nossa, essa médica que te entendeu é antiga, né? Porque o número é pequeno” e a paciente disse: “não, ela é novinha”. Gerou uma grande discussão, aí a paciente colocou o meu nome no *google* e apareceu um monte de vídeos no youtube como cantora. Ela foi na ouvidoria do hospital onde eu faço residência pra falar que eu era uma falsa médica, que eu não era uma médica, que eu era uma cantora.

Nesse momento, Mariana contou que, pela primeira vez, sentiu-se incomodada ao perceber que a sua profissão como médica tinha sido questionada por conta da banda. “Eu sou médica, quero ser reconhecida como tal, mas também sou cantora e quero ser vista assim. Uma atividade não interfere na outra”. Uma possível explicação para esse caso é que a dúvida pode ter surgido por conta da confusão gerada pelo farmacêutico a partir do número de CRM de Mariana e não pelos vídeos que a paciente encontrou dela no *youtube*. Apesar disso, Goffman (2002) nos ajudou a compreender esse conflito ao afirmar que é preciso existir constância nos papéis representados pelos sujeitos para evitar que a sua atuação corra o risco de ser desacreditada pelos outros, sem dar margem para que o seu personagem caia em descrédito, mesmo sem ela ter dado indícios de ter demonstrado qualquer fragilidade em sua atuação. E, assim como afirmou Ibarra (2009), constatamos a importância e a centralidade que o trabalho ocupa na vida de Mariana que, além de querer se sentir aprovada, busca ter a sua identidade profissional reconhecida pelos outros.

Sobre isso, Mariana contou que “o ano de 2015 foi muito difícil, estava psicologicamente mal, parecia que não estava fazendo nada direito”. Além de ter sido questionada por uma paciente, Mariana começou a se dividir entre a residência que acontecia em São Paulo/SP e a agenda de shows que só crescia em Vitória/ES. Ela precisava ir a Vitória ensaiar e cumprir com a agenda de shows da banda e, ao mesmo tempo, conciliar com os estudos da residência e os plantões em São Paulo. Apesar disso, Mariana demonstrou tanta identificação com as duas atividades que nunca teve “que optar ou escolher entre fazer uma coisa ou outra”, conseguiu e consegue administrar os conflitos entre duas atividades tão diferentes, vivenciando prazeres diferentes. Atravessar conflitos sobre suas identidades profissionais parecia ser

um mal necessário, porque, por exemplo, em Vitória sou muito mais conhecida como cantora do que como médica, porque eu apareci muito na mídia cantando por causa do bloco e porque é uma cidade pequena, então, assim, todo mundo me vê como cantora e vai ser muito difícil quando eu voltar pra Vitória e me inserir como profissional médica, porque vão falar: “Ah, é aquela menina que canta naquela banda, né?”. Acho que vai ser difícil as pessoas chegarem.

Um segundo relato de Mariana sobre esse assunto revelou que, possivelmente, os questionamentos sobre as funções podem mudar a partir de qual tenha sido a primeira experiência da relação com o seu público. No caso acima, Mariana acredita que o seu trabalho como médica poderá ser questionado em Vitória, principalmente, pelas pessoas que tenham a sua imagem de cantora como referência. Já no interior do estado, quando começou a trabalhar

como médica logo após concluir o curso, deparou-se, certo dia, “com uma paciente que se aproximou e disse que tinha me visto na televisão, cantando em um vídeo de uma banda”. Parecia falar com orgulho, como quem tinha prazer ao perceber que a sua médica também era cantora. Aqui, diferentemente do que relatamos acima, não houve questionamento da sua atividade como médica pela paciente, provavelmente, por já ter tido a experiência de ser atendida por ela como tal. E isso fazia com que Mariana se cobrasse “muito mais como médica por ser cantora”, para não ter que passar, novamente, por situações dessa natureza.

O “se virar” (EUGENIO, 2012) para os *slashers* parece acontecer como prática natural ou rotineira no cotidiano de sujeitos que decidem fazer “várias coisas ao mesmo tempo”. Respeitando a própria lógica de como Mariana narrava as suas histórias, esse é um dos assuntos que vai e volta na construção desse texto, acompanhando o seu ritmo de acionamento desse *modus operandi* à medida que ela percebia qualquer possibilidade de uma atividade ser comprometida por outro motivo. Dessa forma, Mariana organizou suas finanças e juntou dinheiro para tentar conciliar apenas os estudos em São Paulo e os compromissos com a banda em Vitória, mas ela precisou dar plantões de clínica médica

até para sobreviver, porque o custo de vida em São Paulo é um absurdo, a gente ganha bolsa na residência e não consegue, sabe? E a gente não consegue se manter só com a música, então eu fiquei o primeiro ano com a grana que eu tinha feito trabalhando em Vitória, mas depois do segundo semestre começou a apertar e eu falei: “cara, vou ter que trabalhar”.

O ato de se virar, para Mariana, não está apenas em torno da busca por dinheiro. Além de se especializar como obstetra, morar em São Paulo poderia ser a chance de potencializar a sua carreira como cantora, de se estabelecer no cenário musical na “cidade grande” e de gerar uma rede de relacionamento com pessoas da área. Aqui, Mariana também precisou se virar e “dar um jeito de entrar nesse mercado”: começou a fazer participações em rodas de samba, em grupos de forró, bares e em tantos outros lugares que enxergava qualquer chance de fazer seu nome. Chegou até a ouvir de um amigo que a contratou para cantar em seu aniversário: “não quero saber, Mari, quero você cantando no meu aniversário, então se vire para montar a banda até lá”. E sem saber muito bem como as coisas poderiam funcionar, Mariana percebeu que “aparecer em São Paulo foi bom para o meu trabalho em Vitória, pois as pessoas me viam cantando aqui e meu passe, conseqüentemente, aumentou”, passando a ganhar mais por cada show.

Parece, também, que, a depender da atividade dos *slashers*, existe certa *glamourização* em como se percebem enquanto profissionais. Mariana, por exemplo, se deu conta durante a sua trajetória que acabou sendo profissional da música na prática, começando a se “valorizar e a pensar: poxa, eu sou uma profissional da música e sou uma profissional médica, além de também fazer parte do corpo docente da capoeira”, apesar de não ter conseguido, ainda, voltar a exercer a atividade em São Paulo, deixando a capoeira “em uma caixinha” para ser acessada no momento oportuno. Observamos esse mesmo movimento quando ela fala que “em Vitória, cidade pequena, as pessoas me conhecem como cantora e eu gosto dessa sensação, sinto falta disso aqui [em São Paulo], é tudo muito distante, ninguém se conhece, eu sou mais uma em um milhão”. Tem sido um desafio diário: conquistar o seu espaço em uma grande cidade. Quando não está envolvida com a residência, busca alternativas para se inserir e fazer acontecer na música em São Paulo e a sua aparente frustração em relação a isso se dá, possivelmente, porque “as coisas estão acontecendo profissionalmente como médica”, mas na música o ritmo é lento.

Hoje, Mariana se considera uma “médica-cantora”, tentando se firmar na cidade grande sem deixar suas raízes em Vitória, justamente por ser “muito ligada a Vitória. [...] principalmente a família, mas tem a capoeira, a banda Bloco Black que pra mim é tudo. Eu sou muito feliz na banda”. Mesmo precisando se virar em vários momentos de sua trajetória profissional, Mariana falou, mesmo sem saber muito bem, sobre as dificuldades que observa em relação a esse movimento, porque tem “vários amigos que não vivem só da música, eles tem que produzir, ter estúdio, banda, tem que compor, tem que juntar a galera e fazer outro projeto, porque não dá pra ser só cantor em Vitória”. Em São Paulo, Mariana percebeu que também precisava “topar tudo, cantar sertanejo, pop” e outros ritmos se quisesse entrar no meio, mas optou por não entrar dessa forma e desacelerar, se fosse preciso, esse processo. Apesar disso, reconheceu que, até como médica, precisava fazer plantões em lugares que ela não queria só para conseguir juntar dinheiro, porque precisava trabalhar. E, mais uma vez, observamos a força da rede de relacionamento dos *slashers* em suas trajetórias profissionais.

Aos poucos, Mariana parece ter aprendido na prática que “se virar tinha um preço” e que ela não podia “topar tudo, justamente pra não topar qualquer coisa”, mesmo sabendo que em vários momentos

você precisa se virar. [...] Por exemplo, a banda Bloco Black é formada por pessoas de várias bandas, então assim, é uma galera que já tem profissional, tem um pessoal que é da bateria de escola de samba, tem “neguim do morro” que trabalha como

pedreiro e compõe pra banda, [...] não são somente músicos, as pessoas não dependem só do Bloco Black pra sobreviver, eles tem outros projetos, então por isso acho que o Bloco Black ainda existe.

Fugindo do possível *glamour* identificado na prática *slash*, Mariana confirmou o que já havíamos hipotetizado: há trabalhadores que se viram apenas por necessidade, distantes de qualquer expectativa de experimentar vivências de prazer em acumular mais de uma atividade de trabalho. Isso não quer dizer que a dimensão “necessidade” não ocupe a dinâmica de trabalho dos nossos interlocutores, mas que eles equacionam essas atividades muito mais a partir da dinâmica de prazer, mesmo precisando se virar ou necessitando executar determinadas tarefas. Falamos isso, porque sabemos que existem trabalhadores da periferia<sup>17</sup>, por exemplo, que são pedreiros, entregadores de pedidos e a noite fazem trabalhos como segurança. São *slashers* se considerarmos a dinâmica do acúmulo de atividades diferentes, mas esse caso foge, essencialmente, do que concebemos inicialmente como limites teórico e empírico.

Como nenhum dos integrantes se dedicava 100% à banda, Mariana aprendeu com eles a conciliar mundos tão diferentes. As suas histórias revelam que, possivelmente, alternava as suas próprias experiências de trabalho entre as dimensões prazer-sofrimento (DEJOURS, 1992), quando, por exemplo, narra que o seu primeiro ano como residente foi “cruel, a carga horária inicial é uma coisa meio absurda, desrespeitosa com o ser humano”, mas que, no final das contas, não consegue descrever o prazer que será receber o título de médica especialista em obstetrícia. Parece que cuidar de gente tem sido a sua principal fonte de prazer na medicina, tanto que se em um show ela tivesse que sair para fazer o parto de uma paciente, não pensaria duas vezes: “fiz um juramento”, funciona quase como um chamado espiritual.

O fato é que Mariana demonstra ser feliz como médica, gosta do que faz, principalmente, porque se identifica e se interessa com a atividade em si

é como uma aptidão, por isso gosto tanto. Mas a música me enche os olhos, se eu pudesse viver da música, eu viveria da música. Eu também seria muito feliz apenas com a música, só que hoje eu não tenho condições, eu sou muito pé no chão, tenho até dificuldade de me enxergar como artista [que arrisca], porque sou muito pé no chão, acho que por conta da criação dos meus pais. Tenho medo de arriscar e, sei lá, ficar no zero a zero só com a música.

---

<sup>17</sup> Utilizamos esse exemplo sem qualquer juízo de valor. Foi colocado apenas para exemplificar de forma clara os limites dessa pesquisa.

No início contou que nunca precisou escolher entre fazer uma atividade ou a outra, mas agora deixou escapar que se pudesse escolheria a música. Tentei entender um pouco melhor sobre essa sua fala, justamente por imaginar que ela poderia ter vivenciado alguma situação conflituosa no mundo da música. Mariana começou a comparar São Paulo e Vitória no que diz respeito ao que já percebia no campo das possibilidades profissionais. Tudo parecia ser muito diferente em São Paulo, principalmente, sobre a valorização, reconhecimento e espaço para a sua música. A “cidade grande” tinha uma oferta muito maior de locais para demonstrar sua arte, existe como um “mundo de oportunidades, então [provavelmente] você pode viver da música”.

Sobre isso, ao mudar de cidade e enxergar as inúmeras possibilidades que poderiam surgir no segmento da música, percebeu o quão frustrada se sentiu sobre Vitória, porque lá “você não tem lugar para tocar, você toca só uma vez por semana, porque se tocar toda semana já é muito e as pessoas vão enjoar de ver você tocando naquele lugar. [...] É como se em Vitória você tivesse que fazer mil coisas” para conseguir dar certo na música. Mariana precisava, ainda, utilizar o que ganhava como médica para facilitar, ou até mesmo dar vida, à operacionalização do seu canto.

A história de Mariana abriu os nossos horizontes e nos fez perceber a importância das redes sociais para continuarmos a acompanhá-la através do mundo digital. Atravessamos os estados em poucos cliques e começamos a observar os seus movimentos nessas duas profissões. Desde o período em que começamos a conversar até o final de 2018, considerando as fotos que Mariana postou, aproximadamente 50% delas tem relação com a música, como: shows, ensaios, convites entre outras situações; outros 10% com imagens relacionadas à medicina; e o restante sobre assuntos diversos, como família, amigos, lazer, vida social. Essa aparente falta de equilíbrio entre o que se posta e o que de fato observamos no real, se dá ao fato de que, possivelmente, Mariana utilize essa rede social para se promover como cantora e não enxerga nesse espaço uma possibilidade de potencializar a sua profissão como médica. O fato é que, apesar desse desequilíbrio nas redes sociais, Mariana deseja caminhar conciliando duas, três ou quantas atividades quiser.

### **3.1.6 Joaquim de Oliveira: entre o luxo e as descobertas de si**

O Joaquim tem 50 anos, casado, é piloto de avião/engenheiro civil/sócio de uma empresa que produz eventos para marcas de luxo (com foco em moda)/dono de uma pousada

em Parati e mora em São Paulo. Nasceu em uma família de imigrantes, o que, provavelmente, justifique os inúmeros lugares onde morou, passando por todas as regiões do Brasil, Capadócia e Califórnia. Já estávamos nos conhecendo há, pelo menos, duas semanas quando começamos a conversar sobre os desafios da vida acadêmica. Compartilhei um pouco sobre as experiências dos pesquisadores no Brasil e rapidamente sobre o tema dessa pesquisa. Joaquim, curiosamente, puxou duas cadeiras em sua sala e disse: “o gravador está ligado? Vamos lá, preciso contar um pouco das minhas experiências de trabalho”. E sentamos, não antes de ter preparado um café para nós.

Obedecendo a sequência dos fatos narrados pelo Joaquim, ele começou a relembrar alguns episódios vividos ainda na infância, como, por exemplo, o fato de não ter conseguido estabelecer raízes por muito tempo nas cidades onde morou e, por isso, “acabei crescendo como um menino muito racional”, sem fortes vínculos afetivos. Seu pai, um grande chefe de cozinha, aceitava propostas de emprego em qualquer lugar se percebesse que seria melhor para a sua profissão. O seu jeito mais “racional” despertou o interesse, ainda criança, para matérias exatas. Joaquim sempre se deu bem em matérias exatas, como: matemática e física, tirava as melhores notas nas provas. A literatura revelou que os *baby boomers*, ao que parece, eram fortemente influenciados pelos pais, que acreditavam saber o que era melhor para a carreira dos seus filhos. E foi assim o que aconteceu com Joaquim, que se especializou em meteorologia na aeronáutico, a pedido do pai que desejava ver Joaquim formado em algo na área.

Apesar de ter atendido ao desejo do pai, Joaquim, nesse mesmo período, também se tornou piloto de avião, mas não demorou muito tempo para perceber que o prazer que ele sentia ao viajar de avião era diferente da experiência de pilotar uma aeronave, porque “viajar pode até ser legal, mas não quero fazer isso pilotando, não quero fazer isso como um trabalho, sabe?”. Decidiram, Joaquim e seu pai, que a melhor opção seria cursar engenharia civil. E traçar novas não parecia ser uma dificuldade para Joaquim, que precisou ser flexível em diversos momentos de sua história de vida. Então, cursou engenharia e acabou aprofundando seus estudos em uma área pouco procurada: hidráulica, mais especificamente em saneamento, distribuição de água e irrigação.

Buscou tanta especialização nesse mundo da engenharia que conseguiu morar um período na Turquia para se descobrir na engenharia e aprofundar o seu conhecimento na “cidade mais antiga do mundo, então imagina como era o processo de irrigação” de lá. Quando retornou ao Brasil, conseguiu estagiar em uma grande empresa de meio ambiente por

quase dois anos, criando projetos interessantes a partir do que havia aprendido na Turquia. Ao final desse período, Joaquim conheceu o seu atual sócio e sentiu que era hora de, mais uma vez, traçar novas rotas em sua trajetória profissional. Influenciado pelo sócio, montaram uma das maiores empresas de eventos de São Paulo, trabalhando, quase que exclusivamente, com marcas de luxo.

Começou a trabalhar com esse mercado de luxo, segmento totalmente diferente do experimentado até então, mas não recuou. Começou a fazer o que sabia: organizar em planilhas todo o administrativo/financeiro da empresa. O fato é que o pensamento de Joaquim parecia estar à frente do que normalmente enxergava entre alguns de seus amigos, “porque não é preciso mais se especializar extremamente [em um assunto só], há uma possibilidade de ser muito mais feliz com uma carreira [...] construída a partir do que a tecnologia deixa acessível” para todos os que têm interesse, como os vídeos no *youtube*, por exemplo, de pessoas que compartilham e ensinam algumas práticas sem qualquer custo. Foi o movimento adotado por Marcelo no início do “Grão do dia”, não é mesmo? Pensar dessa forma e seu interesse pelo mundo digital despertou Joaquim para tantas outras possibilidades, como a culinária, também influenciado pelo seu pai, e a fotografia. Começou a alternar, ainda não profissionalmente, suas atividades na empresa de eventos com a culinária e a fotografia.

Muito mais do que fixar o olhar no acúmulo de atividades, Joaquim nos fez pensar e repensar as conexões que podem existir sobre os conhecimentos que são acumulados e levados ao longo da vida dos *slashers*. Joaquim, que trabalhou com questões ligadas ao meio ambiente durante o curso de engenharia, acumulou experiências e fez relacionamento com pessoas conscientemente ativas sobre a sustentabilidade do planeta, por exemplo. Como empresário da empresa de eventos, começou a vivenciar o lado da administração com marcas de luxo, com “pessoas pouco profundas em suas relações”, um mercado financiado pelo consumo exagerado e por pessoas, como falaram Almeida, Eugenio e Bispo (2016), que buscam freneticamente algo que, no final das contas, não sabem muito bem o que querem. Vivemos “em um mundo incerto, [...] sabendo que todo comportamento humano, do mais básico, ao mais elaborado, irá afetar o meio ambiente” (GUMES, 2005, p. 345). Questões ligadas a esses e outros assuntos são observados com frequência entre os sujeitos nos tempos atuais e, dessa forma, Joaquim, que já trabalhou na área, revelou ter atravessado o primeiro e principal conflito com o modelo atual de negócio da sua empresa: o consumo desenfreado de itens de luxo.

Segundo ele,

o consumo vai migrar para experiências, porque as pessoas não vão precisar mais consumir coisas, a gente tem muitas coisas, não precisamos de mais coisas. O que a gente precisa é reciclar o que a gente já tem, reciclar os produtos que a gente já retirou do planeta.

Quando parte do conhecimento adquirido ao longo de suas experiências entrou em conflito com o modelo atual de negócio da empresa que produz eventos para marcas de luxo, Joaquim precisou parar para “se reconhecer em meio a esse novo mundo”. Largou tudo e, assim como sugerem Almeida, Eugenio e Bispo (2016), parou o processo e foi morar dois anos em Los Angeles para decidir quais seriam as suas próximas rotas profissionais.

Voltou decidido a fazer diferente e entrou “de cabeça no projeto em Ponta Negra, Parati”. Comprou algumas casas e hoje administra a sua própria pousada.

É lá onde consigo retornar para a minha origem, sabe? Que é o lugar onde nasci. É como se fosse uma bateria pra recarregar minhas energias pra poder viver o dia a dia em São Paulo, que tem um pique extremamente estressante. Convivo com 200 pessoas nesse povoado como se fossem da minha família.

Joaquim já tinha experimentado um pouco da dinâmica de acumular mais de uma atividade de trabalho, apesar da culinária e da fotografia não terem ocupado o campo profissional. Agora, além dessas atividades, Joaquim parece ter encontrado lugar ao assumir o gerenciamento da pousada em Parati, alternando entre o que precisa e o que realmente gosta de fazer (ALBOHER, 2012). Parece que o seu prazer está em Parati, “talvez o que eu goste esteja muito mais lá, mas lá eu não consigo sobreviver do dinheiro, eu tenho que ganhar dinheiro fazendo o que eu não gosto para manter o que eu gosto”.

O pensamento de Eugenio (2012) sobre algumas práticas nas trajetórias do *slashers*, sugere que eles, possivelmente, passam por um momento em que percebem a importância de que precisam, mesmo que por um período, se virar para conseguirem vivenciar uma ou tantas outras atividades de trabalho. E Joaquim, que sempre atravessou limites em sua vida e protagonizou o formato de sua carreira, parou para pensar no meio da nossa conversa e percebeu o quanto precisou se virar “para dar voz a alguma outra atividade, né?”. Até na empresa de eventos quando precisou assumir a parte administrativa, porque nenhum dos sócios gostava dessa área considerada burocrática e tampouco Joaquim, mas se viu sem muitas escolhas.

A flexibilidade que Joaquim tem na empresa de eventos foi determinante para ele parar, largar tudo, se descobrir experimentando e retornar com a segurança de um trabalho

garantido. Além dos dois anos em Los Angeles, Joaquim ficou outros dois anos totalmente envolvido na pousada em Parati, contexto que poucos trabalhadores têm acesso. Joaquim estava confortável, porque “se nada desse certo, voltava para a empresa de eventos e continuava ganhando dinheiro, mesmo que com algo que não tinha tanto prazer”. É muito provável que essa flexibilidade tenha sido fundamental para Joaquim se descobrir experimentando e entender que seu lugar, enquanto profissional, está em conciliar o que gosta e o que precisa fazer.

Apesar de todos esses relatos, percebemos que Joaquim tem um dia a dia com “pequenos momentos luxuosos”, como: só acorda cedo quando tem reunião no escritório, se não fica em casa até às 10h praticando meditação, lendo livros ou aprendendo novas receitas na internet; mora em um bairro nobre de São Paulo; frequenta os melhores restaurantes da cidade; tem um ciclo de amizade totalmente envolvido com o mercado de luxo; e não economiza em bebidas e comidas quando recebe os amigos em casa.

Ainda assim, Joaquim não deixa de exercer dentro de si questões diferentes a essas que vivencia no mercado de luxo, já que

esses quatro anos fora da empresa me ajudaram a ver tudo de uma maneira diferente. [...] quero fazer outras coisas, outros projetos. E tem um projeto que eu venho desenvolvendo, que agora sinto que vou dar uma atenção maior, justamente porque fechamos uma parceria com um grupo de empresas muito grande [empresa de eventos]. É um projeto que se chama Movimentos de Arte Plural, que é ligado ao movimento artístico, de experiências, de eventos, de arquitetura, de tudo um pouco, multidisciplinar. [...] Queria muito trabalhar com isso.

Vale ressaltar que em nenhum momento a sua idade se apresentou como agravante nesse processo de se encontrar, de traçar novas rotas em sua trajetória profissional ou de acumular várias atividades ao mesmo tempo. Assim como Forquin (2003) afirmou, a história de Joaquim nos ajuda a compreender o pensamento de sujeitos que podem transitar entre outros períodos geracionais. Joaquim não se esquivou e, percebendo no próprio decorrer do discurso como um desbravador de múltiplas atividades, concluiu que “até o final da vida penso que terei várias atividades. E se duvidar ainda largarei tudo de novo para me aventurar na cozinha”, lembrando a própria profissão do pai.

### 3.1.7 Patrícia Morais: pelo direito de se descobrir na prática

“Meu nome é Patrícia, tenho 29 anos, sou advogada/especialista em direito e relações internacionais/trabalho na Cruz Vermelha/professora de inglês/tradutora/intérprete/cantora/barista”, foi exatamente assim, sem pausas, quase sem respirar, com inúmeras atividades entre as “barras” que Patrícia começou a conversar comigo. Apaixonada por café, imaginei que o local escolhido por ela não poderia ser diferente: uma cafeteria. Entrou no estabelecimento como quem entra num paraíso espiritual, sorrindo à medida que o aroma tocava-lhe o nariz. Sentamos, pedimos um café e começamos a conversar sobre as suas experiências de trabalho.

Percebi que Patrícia estava ansiosa para narrar um pouco de suas experiências, então, rapidamente, coloquei o gravador sobre a mesa e a Patrícia abriu o jogo: “Edu, sinta que lá vem conversa...”. Advogada de formação, Patrícia estagiou em uma grande indústria do Ceará e após esse período percebeu que “o direito limpo e seco não poderia mais ser uma possibilidade de vida e trabalho”. Entrou, ao que parece, em sua primeira “crise existencial sobre trabalho”, ainda cursando direito, mas sabia que precisava concluir essa etapa.

Aos 19 anos, certa de que não queria viver da advocacia em escritórios, começou a dar aulas de inglês por prazer e para “ganhar algum dinheiro”. Deixou claro, bastante claro que “dar aula de inglês não tem nenhum peso, sofrimento, desgaste, justamente porque amo a língua e amo ensinar”. Desde então, inúmeras possibilidades foram surgindo ao longo de sua trajetória profissional. Após a conclusão do curso, iniciou uma especialização em direito e relações internacionais, foi convidada para coordenar o curso de inglês do Christus Idiomas, começou a traduzir documentos e ser intérprete e, como uma grata surpresa, recebeu o convite para trabalhar na Cruz Vermelha. Além disso, a música também estava presente como pano de fundo desde o início, ainda com características de *hobby*, mas certa de que não largaria o canto e nem o desejo de se profissionalizar na área.

O discurso de Patrícia, provavelmente pelo nervosismo aparente de narrar sobre suas próprias atividades de trabalho, revelava uma aparente “romantização” do que observamos circundar o acúmulo de diversas atividades. Algo parecido com o que percebemos na “*glamourização*” dessa prática presente nos relatos de Mariana e Joaquim. Em um dado momento, Patrícia escorregou na própria fala e deixou escapar aspectos fundamentais no processo de compreensão desse tema. Falou que

acumular diversas atividades é maravilhoso, principalmente, pela flexibilidade que tenho pra fazer o meu tempo, minha agenda. Mas não cuidei da mente, aliás, o homem esquece de cuidar da mente, já que pensa que acumular diversas atividades pode atacar apenas o seu estado físico. E foi isso o que aconteceu comigo, um esgotamento semelhante ao *burnout*<sup>18</sup>.

Pesquisar sobre o mundo do trabalho a partir da lente da Psicodinâmica do Trabalho é manter-se à espreita do que é mais sutil, do que se esconde atrás dos discursos frios, do evasivo, do que há de mais subjetivo na relação homem-trabalho. Conhecer o que diz a literatura sobre os *slashers* nessa perspectiva é, também, hipotetizar inúmeras possibilidades de fenômenos que esses sujeitos vivenciam. Por exemplo, havíamos hipotetizado sobre a possibilidade dos *slashers* sofrerem da síndrome de *burnout*, mas ainda não tínhamos nos deparado com esse assunto no discurso de nenhum dos nossos interlocutores. Até encontrarmos Patrícia que, logo no início, relatou sentir-se como quem estava esgotada em 2018. E é isso o que diz a literatura sobre a síndrome, quando o trabalho não apresenta mais o mesmo prazer de antes, “relacionado a sensação de esgotamento, à falta de estímulo originado da escassez de energia emocional” (MOREIRA; SOUZA; YAMAGUCHI, 2018, p. 2).

Nessa etapa da conversa, após ter tomado o seu café, mas não antes de tirar uma bela foto para postar no Instagram, Patrícia continuava falando sobre possíveis dificuldades enfrentadas na dinâmica de conciliar tantas atividades de trabalho ao mesmo tempo, porque

é assim, Edu, uma hora tenho que dar aula de inglês, depois preciso atender um chamado da Cruz Vermelha, depois começo a fazer a tradução de um documento, a noite tenho que ensaiar com a banda e tudo isso precisa acontecer em um dia, imagina a semana toda desse jeito?

Sem aquele “romantismo” identificado no início da conversa, apesar de ainda estar presente em suas falas, Patrícia deu espaço para conhecermos o real, o seu real no trabalho. Quando retornava para essa fase, Patrícia parecia confusa, sem saber muito bem para onde estava indo, como quem seguia num rumo incerto, mas sempre se descobrindo. Falou que “não ter identidade certa de trabalho” também gerava alguns conflitos internos, principalmente, “quando sentava na roda de pessoas e precisava me apresentar e eu não sabia muito bem o que responder. Não conseguia responder com facilidade a clássica pergunta: “O que você faz da vida?”, chegou a brincar dizendo que o ser humano tem uma “mania feia de querer enquadrar as pessoas em estereótipos e padrões”. Quando isso acontecia, e a depender

---

<sup>18</sup> A Síndrome de *Burnout* é um estado físico, emocional e mental de exaustão extrema, ocasionado, principalmente, pela elevação das pressões e estresse no trabalho.

da roda de pessoas, Patrícia escolhia uma de suas atividades de trabalho e se apresentava como tal.

O fato é que o acúmulo de diversas atividades, o esgotamento psíquico, a falta de maior identificação com uma de suas atividades, requisitou, segundo ela, parar um pouco para pensar sobre os percursos profissionais (ALMEIDA; EUGENIO; BISPO, 2016). Em agosto de 2018, Patrícia decidiu que iria parar e fazer um intercâmbio de quase três meses na França para se encontrar profissionalmente e aperfeiçoar a língua francesa, porque deseja ser poliglota até o final de 2019. Na França, continuou dando aulas de inglês via Skype, respondia algumas demandas da Cruz Vermelha, mas, literalmente, parou de ter o contato presencial com essas atividades para traçar novos rumos.

Longe de qualquer possível influência, Patrícia percebeu o prazer e os conflitos que vivenciava ao acumular múltiplas atividades de trabalho. “A França funcionou como um período de isolamento e me ajudou a retornar para o meu propósito inicial, de não mais fugir ou me distrair com atividades distantes do objetivo de trabalhar na ONU”. Voltou para o Brasil certa de que ainda precisaria conciliar algumas atividades, mas que iria escolher uma central e as outras seriam ramificações, como um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) com partes que se conectam ao longo desse eixo.

Retomando aos poucos as atividades que estavam paradas no Brasil, Patrícia traçou alguns planos para chegar a ONU: a sua meta para 2019 é aprender espanhol, aplicar a sua intenção ou interesse em cursar mestrado na França e, até esse dia chegar, trabalhar na área de Direitos Humanos em Fortaleza. E, mais uma vez, as redes de contatos dos *slashers* atuam como facilitadores do que desejam. Não demorou muito e Patrícia conseguiu, através de uma indicação, ser nomeada para trabalhar na Secretaria dos Direitos Humanos de Fortaleza,

vou ganhar duas vezes menos do que ganhava quando conseguia acumular todas aquelas atividades antes de ir para a França, mas sei que agora é momento de dar um passo pra trás e vislumbrar o meu futuro na ONU. Vou continuar dando aulas de inglês, traduzindo documentos e na Cruz Vermelha, além da banda para tentar fazer uma grana extra.

O fato é que parar no meio desse processo foi fundamental para Patrícia entender que “muito mais do que acumular atividades diferentes, o que preciso é acumular atividades que se conectem e se relacionem entre si e não mais me desviar do foco principal: trabalhar na ONU”. Apesar disso, não pensa em largar a música, “sempre tive amigos da música, [...] eles

sempre me viram cantar e sempre quiseram fazer um projeto comigo. Eu fugia, porque sempre fui muito exigente comigo mesma e eu achava que para subir no palco eu tinha que ser a melhor cantora do mundo”, mas aí foi percebendo o prazer que tinha com a música. Deixou esses detalhes de lado e topou montar a banda, “e tem sido uma experiência incrível, tem sido massa”. Costumavam se apresentar em uma rede de açai, mas com a sua viagem e retorno, precisam decidir quais os rumos que a banda vai seguir.

As experiências e as suas descobertas de si enquanto profissional, apresentam alguns emparelhamentos com as histórias dos entrevistados de Almeida (2012, p. 241). Especificamente, Patrícia parece vivenciar algo parecido com o que João relatou a Almeida (2012, p. 241), ao afirmar que “desenhar um mapa de possibilidades” e agir a partir dele era um dos seus objetivos no campo do trabalho. E Patrícia, também considerando o campo dos percursos profissionais, parece ter escolhido trabalhar em uma atividade principal e, ao mesmo tempo, calcular o que está no entorno dela como carreira.

#### 4 CARTOGRAFANDO AS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DOS *SLASHERS*

“E você ainda me pergunta: aonde é que eu quero chegar, se há tantos caminhos na vida e pouquíssima esperança no ar! E até a gaivota que voa já tem seu caminho no ar”.

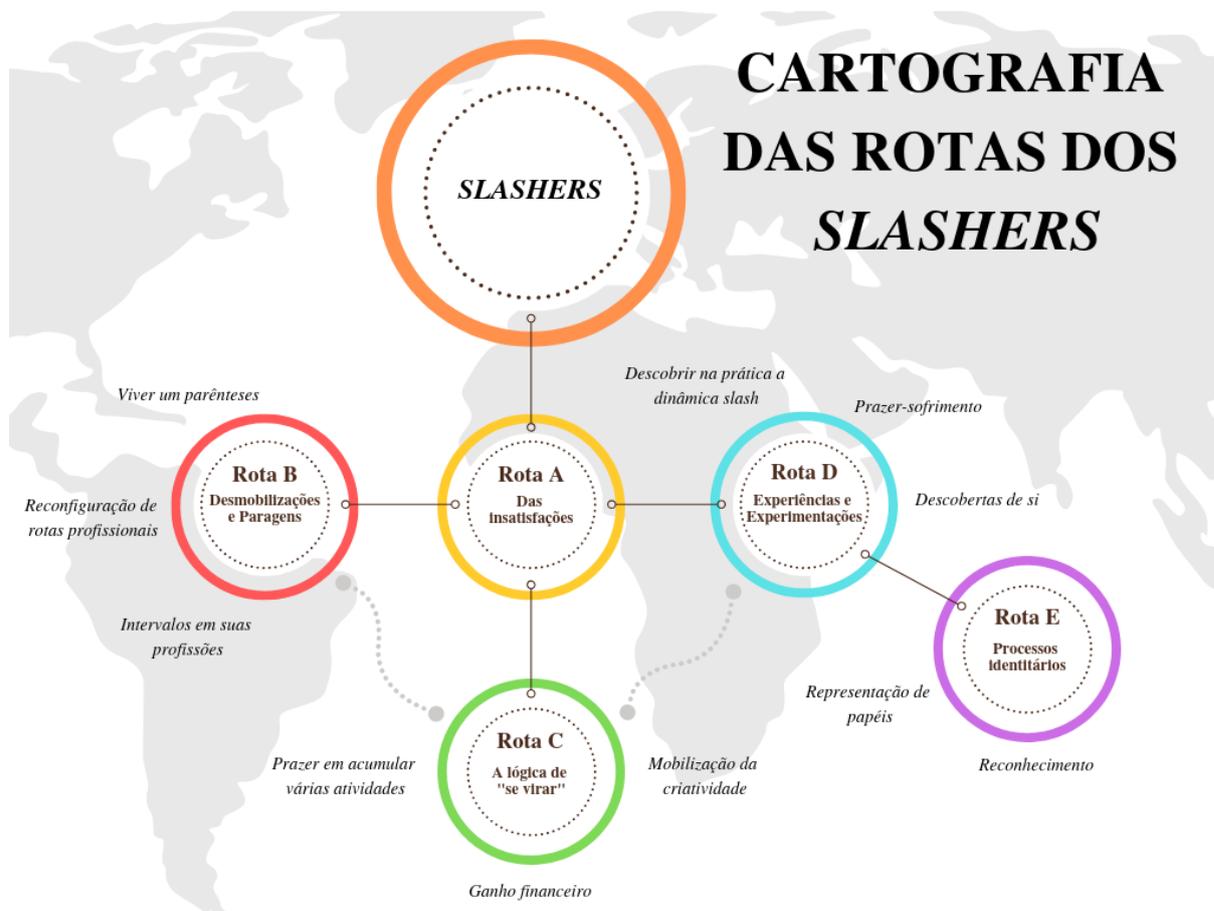
(RAUL-SEIXAS; COELHO, 1986).

Tentar compreender os múltiplos caminhos que vão surgindo ao longo das trajetórias profissionais dos *slashers*, provavelmente, tenha sido uma das nossas principais experiências com essa pesquisa. O fato é que cartografar os seus percursos nos deu a possibilidade de aproximação dos “fluxos, linhas e forças que compõem um mapa de determinado território” (WEBER; GRISCI; PAULON, 2012, p. 845). E como território dessa pesquisa que pode ser percorrido em múltiplos acessos, o mapa cartográfico foi sendo construído a partir dos caminhos e dos movimentos dos *slashers*, como um rizoma (DELEUZE; GUATARRI, 1995).

O conceito rizomático de Deleuze e Guatarri (1995) nos ajudou a interpretar o contexto de sujeitos agenciadores de suas próprias rotas de vida e profissional, considerando não somente pontos ou posições isoladas em seus percursos, mas um conjunto de linhas que se conectam numa multiplicidade de medidas e possibilidades. Aqui, fomos tecendo as linhas dessa trama com base nas inúmeras rotas que vão surgindo ao longo dos percursos profissionais dos *slashers*, rotas que não condizem, necessariamente, a apenas uma de suas características. É possível que cada rota seja plural em seus conceitos e que eles se conectem em uma grande rede num expressivo “mapa de ideias”. E é com essa perspectiva que descobrimos o nosso modo de observar, registrar, descrever e entregar os resultados dessa pesquisa para a sociedade.

Elaboramos, então, o que chamamos de “Cartografia das rotas dos *slashers*” (figura 3) para caracterizar aspectos, gerais e específicos, em um mapa, apresentando os encontros-desencontros dos *slashers* em seus percursos profissionais, atendendo ao que dizem Weber, Grisci e Paulon (2012, p. 850) sobre a cartografia ser útil na compreensão das transversalidades que existem nos territórios, “a partir do exercício de aproximação e afastamento, naquilo que, sem reforçar dualismos, remete aos pares: grupo-indivíduo; horizontalidade-verticalidade; produção-produção de si; vida *online*-vida *offline*” e tantas outras descobertas de si.

**Figura 3 – Mapa: Cartografia das rotas dos slashers**



Fonte: Elaborada pelo autor.

Um dos marcos deste trabalho foi compreender que a pesquisa pode ser campo construído a partir de relações sociais entre os atores. Os diários de campo, contos, escritos e tantos rascunhos feitos com pensamentos que emergiam nas diversas conversas que tivemos, funcionavam como um “arquivo pessoal do artesão intelectual” proposto por Mills (2009), apreendendo o real a partir dos pensamentos marginais registrados no papel. Propomos, então, interagir com o objeto por meio de mecanismos considerados não convencionais na administração, a saber: acompanhamos o Felipe, por exemplo, em um “encontro de cervejeiros” para tentar compreender as dimensões que eram acionadas por ele; fui com Camila a algumas aulas de surf e, em contrapartida, escutei conversas telefônicas de natureza profissional que ela gerava com a sua equipe e com os sócios da *startup*; e fiz um *tour* pelas cafeterias de São Paulo com o Marcelo para perceber os sentidos do trabalho para ele, com essas e outras rotas cartografadas nessa pesquisa.

#### 4.1 CARTOGRAFIA DAS ROTAS DOS *SLASHERS*

As rotas, na verdade, funcionam como conceitos, identificados ou não previamente na literatura, que foram verificados como escolhas possíveis dos *slashers* em suas trajetórias profissionais, trazendo “um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive, outros que não apenas o científico, e favorecendo a revisão de concepções hegemônicas” (ROMAGNOLI, 2009, p. 169-170). E essa forma “multi” de conduzir a pesquisa – multidisciplinariedade, multimétodos, múltiplas rotas – revelou que cartografar é mergulhar nos afetos que circundam os territórios que desejamos conhecer, é adentrar na pesquisa e se misturar com o objeto de tal modo que se crie um traçado singular do que nos propomos a estudar (ROMAGNOLI, 2009).

Dessa forma, e a partir das nossas observações e discussões sobre os achados, descrevemos o que parece ser uma tentativa de percorrer as rotas dos nossos interlocutores em suas próprias trajetórias profissionais, trazendo a reflexão a partir dos três aspectos já mencionados: observação dos pesquisadores, falas dos *slashers* e o que diz a literatura sobre cada tema, aprendendo na prática a respeitar a processualidade requerida pelo método cartográfico para construção de conhecimento científico.

##### 4.1.1 Rota inicial: a carreira *slash*

Já que separamos esse espaço para falar sobre alguns dos aspectos do fenômeno *slash*, aproveitaremos para relembrar e resumir o perfil profissional dos nossos entrevistados: Camila é publicitária/superintendente de cobrança/empreendedora; Felipe é publicitário/*sommelier* de cervejas; Marcelo é analista de sistemas de TI/micro digital *influencer*/empreendedor; Mariana é médica/cantora/professora de capoeira; Joaquim é sócio de uma empresa que promove eventos para marcas de luxo/dono de uma pousada em Parati; Patrícia é advogada/especialista em direito e relações internacionais/trabalha na Cruz Vermelha/professora de inglês/tradutora/intérprete/cantora. Apesar de também terem outras atividades, como Joaquim que também é piloto de avião e engenheiro civil, registramos, aqui, apenas as atividades que geram renda ou, de algum modo, fazem parte do cotidiano dos nossos interlocutores.

Rememorar as atividades dos nossos sujeitos de pesquisa comprova o que pensamos sobre o fenômeno *slash*, também abordado pela literatura como geração *slash*

(EUGENIO, 2012) ou carreira *slash* (ALBOHER, 2012). O *slasher*, naturalmente integrante desse fenômeno, pode ser considerado disruptivo ao pressupormos que eles têm a capacidade de romper com o modelo considerado tradicional de carreiras ou, de algum modo, alterar o que muitos pensam ser “comum” sobre ter uma “carreira de sucesso”. E ser disruptivo, nesse contexto, é ser protagonista das suas próprias trajetórias profissionais, é se permitir no campo dos possíveis, é protagonizar a sua história no que diz respeito às escolhas do que pensam ser o melhor para as suas carreiras. E ser protagonista parece ser uma das características que mais se destacam entre os *slashers* ou, pelo menos, que logo aparecem entre os que compartilham dessa dinâmica no campo do trabalho.

Camila, por exemplo, desde cedo parecia protagonizar o que pensava sobre a sua carreira, mas não se fechava para as mudanças que a vida poderia apresentar: “[aos 15 anos] eu tinha uma vontade de fazer jornalismo e era isso o que eu perseguia, eu queria ser jornalista, só que muitas coisas mudaram”. Recentemente, como descrevemos anteriormente, Camila decidiu que iria largar tudo para, entre outros motivos, “se desinfetar do modelo” das organizações, disse que poderia até voltar para ele, mas “em outro contexto, com outra cabeça, em outro protagonismo”, revelando a importância desse último aspecto sobre o novo modelo de trabalho que pensa para o seu futuro.

Igualmente, Felipe, que “desde moleque queria fazer publicidade, [...] mas acabei cursando administração por achar que teria mais possibilidades” de emprego. Em outro caso, e apesar de Joaquim ter deixado ser influenciado pela opinião dos pais sobre o curso de graduação, num certo momento ele tomou as rédeas da sua carreira e escolheu seguir o seu próprio caminho:

[...] meus pais achavam que eu deveria fazer algo relacionado a isso [matemática]. Comecei minha vida na aeronáutica, onde me especializei em meteorologia. [...] enquanto eu fazia meteorologia, fiz o curso de piloto, [...] mas no momento de seguir a carreira para ser piloto comercial, entrei para o curso de engenharia civil e falei: “eu não vou ser piloto, não quero, viajar é uma coisa legal, mas eu não quero fazer isso pilotando”.

Verificamos, também, que os *slashers* parecem privilegiar saber um pouco de cada assunto e atuar em diferentes níveis, mesmo que num mesmo setor (FERREIRA, 2012). Camila, por exemplo, sempre se envolveu em tudo,

me envolvia na parte dos treinamentos e do desenvolvimento das pessoas, eu me envolvia na gestão, me envolvia na parte do atendimento, da recepção das pessoas que chegavam na empresa e não somente naquilo que era me dado como objetivo do

meu trabalho. [...] Eu não era remunerada para isso, mas tive a possibilidade de conhecer outras coisas e contribuir para a melhoria dos processos.

Ainda na década de 1990, Chanlat (1995) afirmou que estávamos vivendo um tempo marcado pela descontinuidade e horizontalidade no campo do trabalho e parece que nada mudou nos “dias de hoje”, onde “podemos parar de trabalhar para estudar, estudar trabalhando, educar as crianças e voltar ao mercado de trabalho e aos estudos, reorientar a carreira mais frequentemente, tirar licença sabática”, refazer rotas, vivenciar múltiplas experiências de trabalho (CAVAZZOTE; LEMOS; VIANA, 2012). E é nesse contexto onde percebemos os *slashers* assumindo a responsabilidade da gestão de suas carreiras, fugindo da especialização de um assunto só e buscando novas formas de agregar conhecimento, pulverizando as suas experiências de trabalho (EUGENIO, 2012).

Dias (2012, p. 75), ao pesquisar sobre os percursos de carreira em tempo de mudanças, relatou que muitos dos seus entrevistados assumiam o “protagonismo na definição e construção das suas trajetórias profissionais”, isso se traduz como característica proativa de sujeitos que assumem as rédeas de suas carreiras e fazem suas próprias escolhas profissionais em função dos seus interesses e valores. Ser protagonista e querer agenciar suas próprias decisões em seus percursos de vida e profissional são características dos *slashers*.

#### **4.1.2 Rota A: das insatisfações ao longo de suas trajetórias profissionais**

O período em que nos debruçamos sobre a literatura para conhecer o objeto dessa pesquisa não conseguiu atender a um dos nossos principais questionamentos: “como é despertado o desejo de acumular mais de uma atividade de trabalho entre os *slashers*?”. Já no campo, em contato com os nossos entrevistados, e considerando a própria cartografia como método de pesquisa, conseguimos perceber que, possivelmente, os *slashers* despontem num cenário de **insatisfações** com o modelo considerado tradicional de trabalho.

A Patrícia, por exemplo, começou a buscar novas atividades de trabalho quando vivenciou algumas insatisfações com o próprio curso de Direito, quando estagiava como advogada em uma grande indústria na cidade de Fortaleza:

[...] eu não queria mais trabalhar no direito, [...] não me formei no tempo certo, porque não tava mais me identificando como o direito, pelas práticas e experiências eu não tinha gostado, entendeu? O Brasil, infelizmente, é um país que não é justo, a justiça é feita de uma forma muito parcial, então isso mexeu muito comigo.

Vivenciar a insatisfação com o próprio curso fez Patrícia migrar para a área internacional que, apesar de continuar trabalhando com uma área específica do direito, qual seja o “direito e relações internacionais”, abriu os horizontes para que ela começasse a dar aulas de inglês, ser tradutora, intérprete e para o curso de psicologia que pretende cursar. Assim, a insatisfação gerou movimento em direção a novas possibilidades.

Já Marcelo contou que o acúmulo de pequenas insatisfações o fez romper com o modelo tradicional de carreira e buscar outras atividades de trabalho. O ambiente de TI, por si só, é muito estressante, mas foi na IBM, quando vivenciou a área de vendas, que Marcelo percebeu que precisava mudar o seu percurso profissional, porque estava em um contexto “de muita pressão, muita cobrança, muitas metas pra bater e isso tudo é muito estressante. [...] Não teve um episódio, na verdade são vários episódios e o acúmulo de [várias] coisas” que o levaram a traçar novas rotas. Nesse contexto, Marcelo decidiu largar tudo e se dedicar ao site Grão do Dia e, hoje, além disso, concilia com atividades de *freela* na área de marketing para sobreviver em São Paulo.

A insatisfação de Felipe foi episódica, exatamente no momento de promoção para se tornar assistente em uma grande agência de publicidade de São Paulo, porque, normalmente,

you sai da faculdade de publicidade, principalmente na área de criação, com o deslumbre de ser publicitário e fazer campanhas maravilhosas, trabalhar em agências gigantes e todo aquele mundo de *glamour* da publicidade e logo de cara dei uma bela brochada, porque ganhava R\$ 400,00 em uma baita agência e eu ganhava só R\$ 400,00. Eu tinha que dormir na agência, virava noites, [...] eu me esforçava muito e quando fui efetivado o cara aumentou R\$ 100,00 no salário e eu comecei a rir na cara dele e disse: “desculpa, mas você sabe quanto meu pai investiu na minha faculdade?”.

Depois desse evento, Felipe ainda teve outras experiências semelhantes onde se pagava pouco e era exigido muito, até perceber que não aguentava mais e que precisava dar um tempo. Foi quando decidiu fazer o intercâmbio para aprender inglês e tentar encontrar alguma outra atividade de trabalho que atingisse o campo do prazer, tornando-se, já no Brasil, *sommelier* de cervejas e conciliando com alguns trabalhos publicitários de criação.

Camila resolveu conciliar as suas atividades como superintendente e a *startup*, após a insatisfação de vivenciar mudanças na gestão da empresa onde trabalhava e, simbolicamente, ter sido desmoralizada pelo CEO da companhia em duas reuniões de trabalho com todos os gestores. Sobre Joaquim, ele recordou um episódio que o fez romper com o

sonho de construir sua carreira apenas na área ambiental para o despontar de novos horizontes profissionais (PAIS 2012). O estopim, para ele,

foi um projeto que entrou dentro do órgão onde eu trabalhava, era um incentivo de três milhões de dólares. [...] Fiquei indignado quando soube que esse dinheiro não tinha sido usado e ele acabou voltando, porque não fizeram nada com ele. Não usaram, não teve plano, não houve nada. Aí eu falei: “eu não quero trabalhar numa instituição, mesmo que seja ambiental, tão política. Eu prefiro fazer outra coisa.

A literatura que fala sobre os *slashers*, e suas diferentes tipologias, não aborda a insatisfação como “*start* inicial” para que esse fenômeno aconteça, recorrendo apenas às características da mudança de um modelo tradicional para outro considerado moderno ou contemporâneo (CHANLAT, 1995; IBARRA, 2009; EUGENIO, 2012). Nesse momento, a lente da PDT foi fundamental para observarmos esse fenômeno a partir do par “prazer-sofrimento” abordado por Dejours (1992 p. 153) para compreendermos que “são as pressões do trabalho que põe particularmente em causa o equilíbrio psíquico e a saúde mental” dos trabalhadores.

Pressupomos que a (i) Rota A: das insatisfações nos percursos profissionais se configura como ponto de partida para os sujeitos integrantes do fenômeno *slash*. A partir dela, hipotetizamos outras quatro rotas que podem se desdobrar em tantas outras, senão vejamos: (ii) Rota B: desmobilizações e paragens; (iii) Rota C: a lógica do “se virar”; (iv) Rota D: o campo das experiências e experimentações; e (v) Rota E: os processos identitários dos *slashers* em suas trajetórias. Nossa atenção está em descrever os acessos, conexões, rotas, agenciamentos e travessias nos possíveis percursos profissionais dos *slashers*, sem a preocupação de sequencialidade e sim assumindo o conceito rizomático de Deleuze e Guattari (1995). Tivemos esse entendimento ao perceber que os nossos interlocutores atendem, essencialmente, a uma das principais características abordadas pela literatura, qual seja a de sujeitos que se descobrem na prática no campo das experiências e experimentações.

#### **4.1.3 Rota B: desmobilizações e paragens**

Vivemos uma época em que as relações, de modo geral, funcionam em alta velocidade, onde nada permanece estático por muito tempo ou onde tudo pode mudar a todo instante e, rapidamente, ganhar uma nova configuração. Se o método cartográfico foi nos conduzindo ao particular, ao subjetivo, fomos percebendo, durante o processo, que os nossos

entrevistados, em diversos momentos de suas trajetórias, andavam em um ritmo diferente se comparado ao tipicamente moderno. Alguns deles pareciam escolher não avançar em suas carreiras, preferindo habitar, mesmo que por certo tempo, “a pausa” e o lugar dos possíveis para se reconhecerem em suas experiências e refazer suas rotas.

Camila acredita que a sua geração tem uma dívida simbólica com os pais que não mediram esforços quando o assunto era a educação dos filhos. Então, ter uma carreira sólida e conquistar bens materiais “era importante para os nossos pais e eles acabaram transmitindo isso para a nossa geração”. O fato é que durante esse processo, Camila foi percebendo que

quanto mais você tem, mais você vai trabalhar para ter e você vai conseguir na verdade, ao invés de libertar, se escravizar. [...] Só que isso não faz sentido algum, porque eu tenho várias coisas ou eu possuo várias coisas, mas estou, na verdade, sendo escrava de todo esse sistema, significa que eu não sou livre. [...] O fato de estar presa nessa torre é isso, você faz todo o castelo, constrói um império e você imaginou que seria feliz com aquele castelo enorme, [...] mas você vai estar preso dentro desse castelo.

Ao se perceber nesse cenário, Camila começou a atravessar inúmeros questionamentos, como: “Será que era isso mesmo o que eu queria?” ou, ainda, “Como eu cheguei aqui? Será que eu queria ter essa segurança?” e continuou sua narrativa em 3ª pessoa, se posicionando com certo distanciamento desse relato, até assumir que essa história, na verdade, parecia muito com o que ela estava vivenciando. Parou e disse que tinha se tornado “refém do sistema” e isso, somado a outro conjunto de fatores, ajudaram-na a tomar a decisão de largar tudo e habitar um lugar ainda desconhecido para ela no campo do trabalho,

eu acho que o fato de imaginar que eu tô numa jornada, que essa jornada é pra eu desapegar desse mundo, aprender a evoluir, eu vou ter que largar muitas certezas. [...] Eu tô num momento em que eu sei muito o que eu não quero, mas eu não sei o que eu quero. Eu não quero mais esse modelo em que as pessoas alimentam só o ego, que elas querem uma profissão pra se sentirem melhor que as outras, [...] desse individualismo, estrelismo, processo hierárquico que eu não acredito mais dentro das organizações.

Referindo-se, nesse caso, à chegada do CEO na empresa, considerado um “deus que todo mundo tem que servir, um chefe maior”. E a potência que há em “largar tudo” é a mesma que há em “escolher não fazer”, sujeitos que escolhem não avançar pelas vias consideradas comuns. Mas até tomar essa decisão, Camila continua conciliando as suas atividades de trabalho. Felipe também largou tudo por um ano, quando decidiu fazer o seu intercâmbio, porque “precisava dar um tempo do modelo organizacional que via nas agências

de publicidade e, também, para espairecer a cabeça”. É provável que Felipe tenha atravessado um período de elevação da carga psíquica a partir do acúmulo de suas vivências nesse modelo de trabalho.

Patrícia retornou, recentemente, de uma paragem de quase três meses na França, porque precisava acelerar a fluência na língua francesa, mas, principalmente,

porque estava esgotada, estava fazendo um milhão de coisas e acabava que eu não estava concentrada no que eu queria, eu precisava de um tempo para mim. [...] foi incrível, porque eu consegui descansar o meu cérebro. E eu vi o quanto eu tenho que ter cuidado e responsabilidade com o meu cérebro. [...] você faz cinco milhões de atividades com o seu cérebro sem entender que ele pode ter algo como *burnout*.

E Patrícia escolheu “parar” exatamente no momento onde conseguia fazer um bom dinheiro acumulando tantas atividades e com “a flexibilidade que poucos trabalhadores têm, afinal, quem consegue tirar duas ou três férias por ano?”, mas entendeu que precisava parar, recalculando suas rotas e se reencontrando em seus percursos profissionais. Retornou decidida a afunilar as suas atividades de trabalho, “diminuir a intensidade delas” e ter um direcionamento maior para o direito internacional, com foco na ONU.

Joaquim, que demonstra ser o mais consciente dos nossos interlocutores sobre questões ligadas à sustentabilidade do planeta, considerando as suas próprias experiências na área ambiental, afirma que parar foi importante no processo de descobertas de si, mas sabe que nem todos têm a oportunidade de fazer isso. Relatou, principalmente, duas paragens em sua trajetória profissional, confirmando que, provavelmente, esse pode ser um movimento constante entre os *slashers*, mesmo que essa “paragem” seja apenas um parêntese, um hiato durante certo tempo.

Ele foi morar na Turquia para se encontrar na engenharia civil, depois ficou dois anos em Los Angeles quando não sabia mais se queria continuar no mercado de moda e luxo e, por fim, ficou outros dois anos dedicado ao seu projeto da pousada em Parati, até perceber que é possível encontrar prazer acumulando essas e outras possíveis atividades de trabalho, então

foram quatro anos fora do escritório, o que ajudou muito a ver tudo de uma maneira diferente, mas também a ver outras coisas sobre o trabalho que eu precisava me empenhar em fazer.

Os relatos acima apontam para possíveis sobrecargas dos sujeitos em relação aos seus trabalhos. De acordo com Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), aspectos relacionados às

condições de trabalho, quais sejam os afetivos e racionais do trabalhador, podem interferir na carga mental dos sujeitos. Essa sobrecarga vivenciada por eles, provavelmente por não conseguirem descarregar as tensões no exercício do trabalho, pode levá-los a desenvolverem sintomas de adoecimento psíquico e físico, além do sentimento de desprazer. Além disso, Almeida, Eugenio e Bispo (2016, p. 15) discorrem sobre a desmobilização como a tentativa de escapar do excesso de movimento dos dias atuais, criando, assim, uma espécie de “nova epistemologia da paragem, isto é, da tomada de distância frente ao turbilhão de um mundo cuja engrenagem parece se mover em direção à maximização incontrolável do progresso e aceleração”. Ao que parece, e nesse caso, a “paragem” funciona como possível rota de fuga do sofrimento apontado pela elevação da carga psíquica no trabalho. Patrícia citou, por exemplo, a síndrome de *burnout*.

Estávamos atentos às características que surgiam nos intervalos da dinâmica *slash*, farejando nas brechas ou nas fissuras aspectos que apontavam para as desmobilizações e paragens em suas trajetórias de vida e profissional (ALMEIDA; EUGENIO, 2016). Adentrar nas histórias contadas pelos sujeitos dessa pesquisa tornavam visíveis as diferentes formas de paragens, suas reconfigurações, reflexões, motivações e análises. Brum (2016) também nos ajudou a compreender algumas dessas motivações ao discutir sobre sujeitos que conseguiam abrigar o senhor e o escravo dentro do mesmo corpo, algo parecido com o que Camila vivenciou e relatou em nosso último encontro.

#### **4.1.4 Rota C: a lógica de “se virar”**

Percebemos, nessa pesquisa, que a lógica de “se virar” parece ser unânime na trajetória de vida e profissional dos *slashers* e, por isso, dedicamos maior esforço nesse espaço para tentar descrevê-la. Encontramos sujeitos que, em algum momento da vida, deixavam de lutar “contra” para lutar “com”; trajetórias marcadas por indivíduos que se desdobravam em tantos outros para lutar “com o que tinham” e se viravam para atravessar diferentes circunstâncias. Cartografar os seus percursos nos permitiu captar processos de autonomia astuciosa e de manejos necessários em uma espécie de “viração cotidiana”, repleta de conciliações possíveis e de múltiplas tentativas. Cotidianos com movimentos que convergiam para a lógica de que é preciso se virar, em algum momento, para conseguir vivenciar o fenômeno *slash*, acionando dimensões ligadas (i) ao prazer em acumular várias atividades, (ii) aos ganhos financeiros de uma atividade para dar vida à outra e (iii) a

mobilização de uma criatividade que rompe com o modelo considerado tradicional de carreira.

Num esforço de lançar um novo olhar sobre essa rota dentro do que pensamos ser possível na trajetória de um *slasher*, esse movimento se ramifica em três aspectos fundamentais: (i) a lógica de se virar “com o que se tem”, desse modo, um sujeito que decide enfrentar situações com o que ele tem disponível ou de imediato; (ii) se vira “aprendendo enquanto faz”, descobrindo, na prática, alternativas, rotas de fugas e descobertas de si; e, por fim, (iii) o se virar no sentido de “se transformar” em uma condição diferente daquela que, até então, o caracterizava, por exemplo, Patrícia era só advogada, mas virou professora de inglês e, depois, também virou cantora.

Refletindo sobre o modo operativo desse movimento, constatamos o protagonismo desses sujeitos para demarcar limites de atuação, o caráter inventivo quando precisam refazer rotas ou se refazer nelas e a criatividade para encontrar novas maneiras de dar vida as suas atividades. Camila afirmou que a sua experiência de trabalho começou muito mais cedo se comparasse com a realidade dos seus amigos, conseguindo aos 15 anos “um trabalho, primeiro, por uma situação financeira mesmo, então não tinha nada a ver com aquilo que eu queria fazer na minha vida e carreira, era mais por uma situação financeira de ter que me sustentar”. Precisou dar aula particular e iniciar como operadora de cobrança para conseguir pagar a sua faculdade.

Quando Felipe decidiu passar um tempo na Irlanda para, inicialmente, aprender inglês, precisou se virar e muito, “lá eu fui faxineiro, trabalhei em bar, [...] fazia outros bicos em fábricas, trabalhei com faxina e várias coisas, mas meu trabalho fixo que me dava mais grana era o bar”, tudo isso para continuar vivenciando essa experiência. Chegou a dizer que passou

o maior perrengue lá, estava sem grana, não falava nada de inglês, não conseguia emprego de jeito nenhum. [...] tinha apenas 70 euros no bolso quando pensei que teria que voltar [para o Brasil], comia só uma vez por dia. [...] Decidi que iria pra balada toda noite, conhecer novas pessoas que poderiam me arrumar um emprego. Ia antes das 22h para não pagar entrada, não bebia nada, mas falava com todo mundo pedindo indicação.

Marcelo sonhava em rentabilizar o seu site através de *posts* patrocinados, então “quando saí da área de vendas [da IBM], acabei trazendo o que aprendi pra dentro do site e tive que aprender marketing para criar campanhas e divulgar ainda mais o meu negócio. [...] Tenho que me virar nos trinta”. Além disso, como conseguiu fazer um acordo com a IBM e

receber os direitos trabalhistas, precisou se virar e reorganizar o seu cotidiano para controlar melhor os gastos, passando a cozinhar a sua própria comida, por exemplo, porque “o dinheiro vai acabando, né? [...] Tá dando pra me manter, mas a gente abre mão de um monte de coisa, [...] eu ia três vezes ao cinema, agora baixo filme e assisto em casa. Tem muita coisa que a gente vai ajustando”.

E Mariana, além de também praticar essa lógica, escuta, costumeiramente, de colegas da música que gostam de tocar o ritmo MPB, por exemplo, que precisam se virar nesse meio e acabam aceitando tocar em todos os estilos, principalmente, os que são mais comerciais, são esses “que têm a grana”. Continuou contando que não precisa se submeter a esse sistema, graças ao que ganha na medicina. Apesar disso, como médica,

tem horas que tô dando plantões em lugares que eu não gosto, entendeu? Mas tem que trabalhar, [...] por isso, hoje, ainda consigo negar algumas coisas [na música], por causa da grana que consigo na medicina. [Consigo] me manter financeiramente e aí consigo não depender do dinheiro da música, porque se não eu teria que topa tudo, você topa qualquer parada, você tem que tocar [em qualquer coisa] para ganhar dinheiro, você tem que se virar.

Ao que parece, se virar, em alguns casos, pode ocupar apenas uma dimensão simbólica, ligada à subjetividade do sujeito, algo mais particular. Como percebemos nas histórias narradas por Joaquim, que aprendeu sobre a sustentabilidade ainda como estudante de engenharia e hoje defende inúmeras causas ambientais, apesar de trabalhar “com moda e luxo, imagina! Trabalho pra marcas que produzem [cada vez mais]” em um contexto onde tem percebido que o mundo precisa “consumir menos” e reutilizar o que já possuem. Precisou se virar em meio a esse conflito ideológico para continuar trabalhando em um mercado onde precisa, mas sem deixar de defender suas causas.

E tudo isso, possivelmente, acessando muito mais a sua subjetividade do que outra coisa, lidando com questões e lutas que carrega dentro de si. Relatou que o seu “conceito não é esse [do luxo], é muito mais abstrato e subjetivo”. Por fim, Patrícia que precisou se virar, logo após decidir viajar para a França, aumentando a carga horária das aulas de inglês para juntar mais dinheiro e conseguir bancar a sua viagem, “além de ter continuado a dar aulas pelo Skype para conseguir grana”.

As nossas principais inspirações “a priori” sobre a lógica de “se virar” foram: Ibarra (2009), sugerindo que esse é processo transitório e que funciona sob a lógica de aprender na prática; Eugenio (2012) que teoriza sobre essa lógica de se virar como alguém que aprende fazendo; e Alboher (2012) ao afirmar que alguns sujeitos se viram entre o que

gostam e o que precisam fazer. Dizemos a priori, porque nessa etapa da pesquisa Dejours (2012) nos aparece discorrendo sobre os tipos de inteligências do trabalhador no contexto do trabalho que se assemelham a lógica de se virar, como: (i) inteligência no trabalho; (ii) inteligência mobilizada; (iii) inteligência astuciosa; (iv) inteligência do corpo; e (v) inteligência prática. Especificamente sobre (i) a inteligência no trabalho, Dejours (2012, p. 37) afirma que alguns trabalhadores conseguem modelar as suas habilidades profissionais “a partir do esforço para a superação dos obstáculos que o mundo” coloca como desafio; igualmente a (ii) inteligência mobilizada, inteligência que inventa, [...] inteligência criativa (DEJOURS, 2012, p. 40).

Sobre essa criatividade, Eugenio (2012) pesquisou sobre trabalhadores que apresentam uma criatividade singular, trabalhadores que se desdobram em tantos outros e são inventivos quando precisam ampliar suas experiências profissionais. Assim como Ferreira (2012), mais importante do que caracterizar o que é criatividade para os *slashers*, direcionamos nossos esforços para identificá-la ao longo da dinâmica da carreira *slash*. Observamos que a criatividade acontece em diversos momentos das trajetórias profissionais desses sujeitos que, por exemplo, “aprendem com os amigos, [...] que acionam a lógica do ‘se virar’ como solução contingente para tornar viável uma atividade profissional”, que descobrem prazer na conciliação de atividades, sem abrir mão do financeiro, que se descobrem como sujeitos no mundo do trabalho ao acumular mais de uma atividade (EUGENIO, 2012, p. 231).

Suspeitamos, também, que “se virar” pode justificar a centralidade do trabalho na vida homem, partindo do pressuposto de que esse mesmo homem elabora a importância da sua própria existência a partir do trabalho. O trabalho ocupa a sua devida importância na vida do trabalhador e essa lógica de se virar, pelo que percebemos, existe porque ele entende que precisa se virar em trabalhos para mediar a sua relação com a natureza, com a sociedade, com a cultura e consigo mesmo, tocando a dimensão do processo de construção da sua própria identidade (KANTORSKI, 1997; ANTUNES, 2009; BATISTA-DOS-SANTOS, 2014; ALCADIPANI; MEDEIROS, 2016).

#### **4.1.5 Rota D: as experiências e experimentações**

O campo dos possíveis surge como alternativa na carreira dos *slashers*, trazendo, essencialmente, para o seu próprio funcionamento conceitos como o das experiências,

abordado aqui como campo, como lugar para que as experimentações, outro conceito, aconteçam dentro dessa nova lógica de construção de trajetórias profissionais no mundo contemporâneo. Refletindo sobre essas duas dimensões nas rotas possíveis dos *slashers*, verificamos que, provavelmente, a sutil diferença esteja na possibilidade do sujeito se descobrir à medida que experimenta no campo das experiências.

A rota das experiências e experimentações dá acesso a tantos outros caminhos que fomos percebendo, na prática, que rastrear os nossos sujeitos em seus percursos de vida e profissional também requisita de nós, necessariamente, abertura para essa lógica de se descobrir experimentando. Inclusive, mapeamos três possíveis desdobramentos na intercessão dessa rota, quais sejam: (i) dos sujeitos que descobrem, na prática, o funcionamento da dinâmica *slash*; (ii) sujeitos que alternam suas experiências entre prazer-sofrimento; e (iii) trabalhadores que vivenciam descobertas de si a partir das experiências e experimentações, funcionando, a saber esse terceiro desdobramento, como ponto de intercessão para uma outra rota possível que será discutida no próximo tópico.

Sobre essa rota, percebemos em nossa pesquisa que Felipe, por exemplo, acabou descobrindo na prática uma possibilidade profissional ao ter experimentado trabalhar em um bar na Irlanda. É verdade que ele não tinha muitas escolhas e acabou entrando no bar com certa urgência para conseguir dinheiro, afinal de contas ele “só tinha 70 euros no bolso” e precisava se virar para se manter em outro país. Felipe guardou essa experiência, retornou ao Brasil e permaneceu por mais dois anos no mercado de publicidade, até perceber que “estava fazendo aquilo que não queria, então do que adiantou sair, morar fora, [...] pra voltar e fazer a mesma coisa?”. Começou a trabalhar em casa e, após um período, acessou, novamente, tudo o que tinha experimentado ao trabalhar no bar e começou a se redescobrir na experiência de se aprofundar no mundo das bebidas a partir de alguns cursos, “primeiro de coquetelaria, [...] depois um curso básico de vinhos no Senac, [...] em seguida um curso básico de cervejas, [...] depois de *sommelier* de cervejas, [...] e, por fim, de degustação de cervejas”.

Mas ficar só na teoria, para Felipe, era pouco. Então, atrelado ao que já tinha experimentado na Irlanda, entendeu que precisava de prática no mercado de cerveja e começou a percorrer algumas lojas em busca de emprego. Conseguiu uma vaga temporária em um shopping perto da sua casa, facilitando o acesso e a própria dinâmica de ter que cumprir horário. Ter a experiência como vendedor de um produto que ele dominava, teoricamente, abriu o campo das possibilidades e Felipe, que jamais havia pensado em trabalhar dessa forma, concluiu essa experiência “como o melhor vendedor de todas as lojas”.

Mariana conseguiu, também na prática, encontrar uma maneira de vivenciar a dinâmica da medicina e do canto e, hoje, percebe que “as duas atividades mexem” com ela, de igual modo, sem precisar “escolher fazer uma coisa ou a outra” atividade. Pensar dessa forma, segundo ela, pode ter comprometido a sua própria formação profissional nas duas atividades, já que ela reconhece não ser

uma exímia cantora, por não ter me profissionalizado na música [como deveria], porque tinha uma faculdade de medicina. Ao mesmo tempo, sei que não sou a melhor médica, a top master das ginecologistas obstetras, porque eu gosto de fazer as duas coisas, entendeu?

Escolher “fazer várias coisas e ser o melhor que posso” parece ser o principal gerador de prazer na dinâmica de conciliar essas duas atividades. E sobre prazer, verificamos em suas falas que o par prazer-sofrimento era acionado em diferentes momentos de sua trajetória. Tinha prazer, como descrevemos acima, ao escolher fazer várias coisas, mas também sofreu, por exemplo, quando narrou que “tudo ficou um pouco mais difícil quando eu vim para São Paulo” ou, ainda, ao contar que acabou “falhando na parte de ensaiar, [...] eu ficava indo à Vitória para tocar e cursava residência e trabalhava em São Paulo e, assim, incessantemente na loucura, foi um ano muito difícil pra mim”.

Acumular mais de uma atividade de trabalho também funciona como fonte de prazer para Patrícia, que entende a profissão de professora de inglês como uma “forma de ganhar dinheiro fácil com prazer”. Sem abrir mão de fazer o que gosta e do dinheiro, Patrícia reconhece que não pensa em ser uma “mega professora particular de inglês bem sucedida, quero fazer isso por prazer. Igualmente, não quero ser uma cantora profissional bem sucedida, eu faço isso por prazer”. Apesar de afirmar que não pensa em abandonar a dinâmica de acumular mais de uma atividade, sofreu, antes de decidir ir para a França, ao contar que “estava esgotada, estava fazendo um milhão de coisas e acabava que eu não estava concentrando no que eu queria”, revelando, também, que há falhas sobre um possível *glamour* em executar várias coisas ao mesmo tempo.

Ainda sobre o par prazer-sofrimento, Camila disse que encontrava prazer em conciliar atividades diferentes, contanto que não exijam muita dedicação por conta da sua rotina atarefada, mas deixou emergir com mais força a dinâmica de sofrimento, já “que não é tão simples conciliar [atividades diferentes] como a gente imagina, porque é uma coisa que não tem horário pra começar e terminar. Dá pra conciliar sim, mas vai depender do emprego que você tá”. O que também nos intrigou na história de Camila foi o fato das descobertas de si

no processo de vivenciar na prática o empreendedorismo, contando que “o problema não foi tanto em relação a conciliar [as atividades de trabalho], [...] eu acho que o mais pesado é que em dado momento eu me questionava se o que eu estava fazendo tinha a ver com o meu propósito”, então, para ela, não bastava encontrar apenas prazer na conciliação de atividades diferentes, era preciso que tudo funcionasse alinhado ao seu propósito de vida.

O processo de descobertas de si de Joaquim parece continuar acontecendo até hoje que, graças à flexibilidade que tem na empresa de eventos, consegue dedicar parte do tempo livre para descobrir prazeres ainda desconhecidos, como o gosto pela culinária, fotografia, empreendedorismo, colecionismo, tendo claramente a sua posição como ser social, “com sete bilhões e meio [de pessoas] no planeta, tem que ter coisas novas, tem coisas novas maravilhosas”, e isso parece movê-lo em busca de novas versões de si, não descartando, por exemplo, a possibilidade de se tornar chef de cozinha com mais de 50 anos de idade.

Eugenio (2012) fala sobre algumas das características dos *slashers*, destacando, principalmente, a lógica de que aprendem enquanto fazem. Ibarra (2009, p. 119) também destaca que “aprendemos sobre nós mesmos testando possibilidades concretas na prática”, algo parecido com o que Diógenes (2016) verificou em uma de suas pesquisas ao, metaforicamente, afirmar que alguns sujeitos se descobrem a partir de uma brincadeira ou experimentação, tornando a experiência uma espécie de camarim de ensaio, um campo ou lugar de possibilidade para a experimentação.

#### **4.1.6 Rota E: os processos identitários dos *slashers* em suas trajetórias**

A reflexão sobre a etapa das descobertas de si nas trajetórias dos *slashers*, como possibilidade em suas rotas, direcionou os nossos olhares para questões relacionadas à identidade e outras dimensões que podem ser acionadas no acúmulo de diferentes atividades de trabalho, como a representação de papéis. Partimos do pressuposto de que identificar-se com alguma atividade é sentir-se lugarizado, sentir-se pertencente ao que ela dispõe como tarefa. E, assim, estivemos interessados, desde o início, em rastrear e capturar os aspectos mais particulares para tentarmos compreender como essas dimensões funcionam na lógica da carreira *slash*.

De todas as histórias que acompanhamos a de Mariana, possivelmente, tenha sido a que mais nos despertou para essas dimensões. Mais do que tentar compreender possíveis crises de identidade em suas atividades, já que desde o início fez questão de dizer que nunca

teve que “escolher entre fazer uma coisa ou outra” ou, ainda, que se considera “as duas coisas”, Mariana nos sensibilizou para adentrar e conhecer as suas representações de papéis que mudavam, principalmente, a depender do local ou público. Contou que

em Vitória sou muito mais conhecida como cantora do que como médica, porque eu sempre apareci na mídia por causa da música e porque é uma cidade pequena, então todo mundo me vê como cantora, acho que vai ser muito difícil quando eu voltar pra Vitória e tentar me inserir como profissional médica. [...] Quando eu voltar pra lá, sei vou ter que me mostrar pro mercado como médica e isso é um pouco difícil, porque as pessoas tem preconceito em relação a isso: “será que essa cantora é uma boa médica mesmo”.

Por outro lado, “na faculdade eu não queria que os professores soubessem que eu era cantora, porque algumas pessoas tinha preconceito, [...] se espantavam quando descobriam que eu também cantava” e, por isso, Mariana precisava se dedicar muito mais para não correr o risco de ter a sua imagem questionada. Apesar disso, reconhece que, hoje, “sei que sou uma profissional médica e uma profissional da música. Eu me considero as duas coisas, não me excludo em nenhuma delas, [...] mas sei que, mesmo assim, vou ter momentos de frustração”, como, por exemplo, o fato de se perceber numa espécie de desequilíbrio profissional, já que enxerga as coisas acontecendo na “esfera médica”, mas não sente que a “esfera música” está no mesmo ritmo.

As histórias de Patrícia também dialogaram com a ideia de processos identitários e, aparentemente, ela sofre com isso. Começou relatando que “na nossa sociedade, ainda hoje, as pessoas tem a necessidade de definir a pessoa como uma coisa só: Patrícia é médica ou Patrícia é advogada. As pessoas ainda não entendem muito” essa dinâmica da carreira *slash*, onde todos podem ser o que desejam enquanto profissionais. E essa confusão mexe com ela, porque “quando você vai num banco ou algo do tipo, perguntam a sua profissão, você responde o que? Cinco coisas? As vezes, juro pra você, coloco ‘estudante’ por não saber o que dizer [quando fazia pós]”. Patrícia continuou a contar que também quer

saber o que quero fazer mais, sabe? Com o que eu quero concentrar mais as minhas energias? Como eu tenho cinco coisas, cinco trabalhos, eu não sei em qual tô focando mais. Eu também concentro e falo: “olha, eu faço isso, mas eu também faço isso e isso, mas meu ponto central é esse”.

E os processos identitários também são um reflexo do outro sobre as suas atividades, afinal de contas “trabalho” ou “profissão” funciona como meio de se apresentar, “e mesmo que eu fale que eu faço as cinco coisas, as pessoas vão acabar escolhendo uma para

me caracterizar”. Percebemos, também, que ter múltiplas atividades sem uma principal funcionando como eixo central interligando as outras possíveis atividades, pode confundir o próprio sujeito, porque

quando você chega numa roda de amigos e a pessoa pergunta o que você faz: lá vão cinco anos pra explicar. Então, muitas vezes, eu focava em uma coisa só. A pessoa chegava pra mim e perguntava com o que eu trabalhava, rapidamente eu dizia que era com direito internacional na Cruz Vermelha e pronto, não falava mais das outras atividades. Acabava que eu mesma tentava trazer reconhecimento para uma área só e falava uma área que para mim traz mais satisfação, que é a que eu mais quero ter sucesso profissional.

Foi quando Patrícia deixou emergir outra dimensão fundamental nesse processo de identificação: o reconhecimento, acionado por muitos sujeitos como reconhecimento simbólico (DEJOURS, 1992), no sentido de compensação ou retribuição, transformando o sofrimento em prazer. Voltamos à história de Felipe e, em uma de suas falas, percebemos que ele tinha a chance de assumir a vaga de gerente da loja de cervejas, trabalhar com o produto que ele mais gostava, mas declinou:

quando terminou o Natal e fui considerado o melhor vendedor de todas as lojas, ele [o gerente] falou que me queria como gerente da loja. Mas falei que “não tinha essa pretensão, porque não quero ser vendedor de loja, só vim pela experiência, então te agradeço demais por tudo e o que vocês precisarem de ‘quebra galho’ podem contar comigo”.

Além de querer ter experiência prática trabalhando com cervejas, uma possível interpretação para a recusa de Felipe pode estar relacionada ao reconhecimento da sua competência perante os colegas e gestor, provando para si e para os outros que ser reconhecido faz parte do seu processo identitário como *sommelier* de cervejas e que isso bastava para se auto afirmar como tal, sem o desejo de, necessariamente, retornar ao mercado de trabalho privado (MENDES, 1995).

## 5 REFLEXÕES SOBRE TUDO ISSO

Da análise das histórias de vida e do mapeamento cartográfico dos percursos profissionais dos nossos entrevistados, e antes mesmo de avançarmos para as considerações finais, fazemos uma pausa para refletir sobre tudo o que registramos até o momento e, a partir disso, elaboramos duas sínteses e uma proposição reflexiva que representam o nosso esforço para tentar compreender o fenômeno *slash*.

Os estudos e pesquisas considerados nesse trabalho sobre os *slashers* trazem a dinâmica da carreira *slash* em relatos que convergem para um modelo “*glamourizado*” ou “romantizado”, no sentido de que esses sujeitos acionam apenas “o lado bonito das suas práticas profissionais”, como Mariana ao falar, com ênfase e muito orgulho, que “poxa, eu sou uma profissional da música e sou uma profissional médica, além de também fazer parte do corpo docente da capoeira”. Dessa forma, nossa **primeira síntese reflexiva** ocupa uma dimensão crítica e revela que, supostamente, “nem tudo é tão bonito quanto parece ser”. Claramente, o prazer é acionado por vezes durante a dinâmica *slash*, mas as dimensões de sofrimento, ansiedade, preocupação e nervosismo, pouco exploradas pela literatura, foram bastante percebidas por nós na quase totalidade dos nossos entrevistados. Mariana sofreu, por exemplo, quando contou que “tudo ficou um pouco mais difícil quando eu vim para São Paulo”, referindo-se à conciliação da residência e do trabalho em São Paulo com os ensaios e agendas de shows da banda em Vitória, relatando que “falhei na parte de ensaiar, [...] eu ficava indo a Vitória para tocar e cursava residência e trabalhava em São Paulo e, assim, incessantemente na loucura, foi um ano muito difícil pra mim”.

Observamos o conceito de zelo como certa forma de inteligência nos discursos acima. Trata-se, por exemplo, “da mobilização dessa inteligência em situações difíceis de trabalho, a despeito dos conflitos que surgem entre os trabalhadores em torno do modo de tratar a distância entre o prescrito e o real” (DEJOURS, 2012, p. 364). Além disso, ressignificam para dar sentido ao trabalho, na expectativa de reduzirem os danos ocasionados as suas saúde física e mental (MORAES, 2013).

Camila também demonstrou que “não é tão simples conciliar [atividades diferentes] como a gente imagina, porque é uma coisa que não tem horário para começar e terminar”, questionando-se, em certos momentos, se “o que estava fazendo tinha a ver com o meu propósito”. Sofria, também, quando precisava resolver alguma demanda da *startup* durante o seu expediente na empresa de cobrança, justamente por não achar justo misturar as

atividades durante a sua rotina de trabalho como superintendente. Algo semelhante ao sofrimento ético, conceito não relacionado a algum mal sofrido pelo sujeito, mas ao mal que o próprio sujeito pode causar a si mesmo por seu trabalho, levando-o a exercer atos que reprova (LANCMAN; SZNELWAR, 2004; DEJOURS, 2012).

Antes de ir para a França, Patrícia sofreu ao dizer “que estava esgotada, estava fazendo um milhão de coisas e acabava que eu não estava concentrando no que eu queria”. Contou que não ter uma atividade principal ou um foco maior sobre trabalho era fonte de sofrimento, por exemplo, quando tinha que se apresentar para os amigos num contexto social, porque, para ela, ter múltiplas atividades era não ter uma identidade clara. O que nos leva a concordar com Dejours (1999, p. 21), ao afirmar que “o que o sujeito procura fazer reconhecido é o seu fazer e não o seu ser [...] Somente depois de ter reconhecida a qualidade do meu trabalho é que posso, em um momento posterior, repatriar esse reconhecimento para o registro da identidade”. Joaquim, ao emparelhar suas ideologias sustentáveis com o negócio da sua empresa, qual seja o mercado de consumo desenfreado de moda e luxo, sofreu e disse que precisava sair desse contexto para se redescobrir como homem e, também, como profissional. Ficou dois anos nos Estados Unidos e outros dois em Parati, quando começou a empreender no ramo de pousadas e encontrar uma nova forma de conduzir a sua carreira *slash*.

A ansiedade também emergiu nos discursos de alguns dos nossos interlocutores como possível fonte de sofrimento. Marcelo, ainda no início da sua decisão de conciliar o projeto do negócio próprio com o seu trabalho na IBM, disse que “já tava pesado, é pesado fazer isso sozinho. Preciso de tempo para [me dedicar] a isso”, demonstrando que a dimensão “tempo” ocupava grande espaço em suas decisões a partir da preocupação de achar que “não daria conta do recado”, mesmo sem ter vivenciando, até então, grandes desafios com a conciliação de suas atividades de trabalho. E Mariana, que se sente mal por ainda não ser tão conhecida como cantora em São Paulo como é em Vitória – semelhante a uma crise pelo não reconhecimento dos seus clientes [público] baseado no julgamento de utilidade (DEJOURS, 1992) – também se sente frustrada por saber que a atividade “ser cantora” não estava acompanhando o ritmo da atividade “ser médica”, semelhante a uma crise pela

A principal característica da nossa primeira síntese é, absolutamente, criar um diálogo reflexivo sobre o funcionamento da dinâmica *slash* a partir de outras dimensões não abordadas pela literatura e demonstrar que ela não transita ou existe apenas a partir de expressões prazerosas. Ao contrário, verificamos que os *slashers* despertam para essa prática,

inicialmente, a partir de episódios de insatisfações dentro do que é considerado “mundo do trabalho tradicional”. Mas é, também, nesse cenário de “não certezas” e de “insatisfações” que os *slashers* se reinventam e descobrem novas formas de construir suas carreiras com criatividade, inventividade e protagonismo, demonstrando que são disruptivos em relação ao modelo de carreira considerado tradicional, como Camila que cogitou a possibilidade de retornar ao mercado de trabalho privado após o fim do seu intercâmbio, mas seria “em outro contexto, com outra cabeça, em outro protagonismo”. Movem-se a partir dos episódios de insatisfação para novas rotas profissionais na expectativa de descobrirem, muitas vezes na prática, outras formas de experimentar prazer no contexto laboral de trabalho e de construção de suas carreiras.

Como **segunda síntese reflexiva**, constatamos algumas das características dos *slashers* abordadas pela literatura nas representações dos nossos entrevistados, como: (i) indivíduos que conseguem transitar entre períodos geracionais (FORQUIN, 2003); (ii) a lógica de se virar (IBARRA, 2009; EUGENIO, 2012); (iii) paragens e desmobilizações (ALMEIDA; EUGENIO; BISPO, 2016); (iv) as experiências e experimentações como processo de descobertas de si e de novas rotas profissionais “ao fazer na prática” (IBARRA, 2009; EUGENIO, 2012; DIÓGENES, 2016); e (v) o trabalho como fonte de prazer-sofrimento; sublimação; reconhecimento; carga e descarga psíquica; inteligências; zelo; mobilização subjetiva; e identidade (GOFFMAN, 1961; 2002; DEJOURS, 1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012; IBARRA, 2009).

Deixamos, desde o início dessa pesquisa, o campo emergir e revelar possíveis sujeitos *slashers* para nos ajudar a compreender esse fenômeno, posicionamento que nos permitiu confirmar algumas de suas características. As pesquisas acessadas falam sobre jovens inseridos nessa dinâmica como “novos agentes criativos contemporâneos” (EUGENIO, 2012, p. 238), mas o historicismo das gerações nos colocou diante do pensamento de Forquin (2003), qual seja o de **(i) indivíduos que conseguem transitar entre períodos geracionais**, influenciados pelos aspectos do tempo atual. As histórias de Marcelo e Joaquim confirmaram que “ser *slash*” ultrapassa possíveis barreiras geracionais e revela que esse é um movimento que está para além da idade dos seus integrantes.

A **(ii) lógica de se virar** (IBARRA, 2009; EUGENIO, 2012), como demonstramos ao longo dessa pesquisa, foi um dos aspectos percebidos na totalidade dos nossos entrevistados, a começar pela minha história de vida e profissional, já que em diversos momentos precisei me virar para dar conta do contexto vivido em cada período. Camila se

virou para concluir o curso de publicidade, trocou o conforto da casa dos pais para dividir o quarto com a irmã e prima, começou a trabalhar muito cedo para conseguir pagar o curso. Já como superintendente, precisou se virar e organizar o seu dia a dia para conciliar as atividades de cobrança com a *startup*, sem que as demandas entrassem em conflito.

Felipe também se virava em suas múltiplas experiências: na Irlanda passou “o maior perrengue, cheguei sem grana [...] e tive que me virar com 70 euros no bolso”, chegava cedo nas baladas e não economizava as conversas para tentar um emprego. E conseguiu! A sua experiência no bar abriu o campo das possibilidades e Felipe se especializou como *sommelier* de cervejas, mas como não conseguia viver “só da cerveja”, precisou se virar, de novo, e continuar trabalhando como *freela* na publicidade. E como *freela*, precisou se virar para conseguir clientes como autônomo, sem aquela possível credibilidade que algumas agências de publicidade têm. Marcelo percebeu que precisava se virar, principalmente, quando viu o dinheiro da sua rescisão acabando, nesse tempo ele teve “que abrir mão de muitas coisas, tem coisas que eu fazia e hoje não faço mais”. E também se virou para formatar o seu site “Grão do dia”, aprendendo sobre marketing, por exemplo, e tentando encontrar novas alternativas de rentabilizar essa plataforma, conseguindo, inclusive, fechar importantes parcerias, como a criação de uma “mini estação de café” no atelier de suas amigas em São Paulo sob a lógica de que precisava se virar se quisesse continuar com o seu sonho de empreender.

Mariana se virou para conciliar a residência e o trabalho em São Paulo com os ensaios e a agenda de shows da banda em Vitória e continua se virando para conseguir “entrar nesse mercado [da música]” em São Paulo, aceitando convites para cantar samba e forró em bares ou em outros locais que a ajudem nesse processo. Disse que, como médica, também precisava se virar dando plantões em lugares que ela não queria só para juntar dinheiro. Mariana, quando percebeu que precisava tirar um tempo e decidiu fazer intercâmbio, começou a se virar aumentando a carga horária de trabalho para conseguir juntar dinheiro e realizar esse desejo. O fato é que, de modo geral, as múltiplas atividades dos *slashers* por si só já atuam sob a lógica de se virar, entendendo que algumas dessas atividades precisam coexistir para que eles consigam traçar as rotas do que pensam sobre as suas trajetórias profissionais.

Sobre as **(iii) paragens e desmobilizações** (ALMEIDA; EUGENIO; BISPO, 2016, p. 28) nas rotas dos *slashers*, observamos que essa é uma manobra possível para alguns sujeitos que “procuram estancar a mobilização por meio da tática de habitar a pausa, o

parênteses provisório e a paragem [...]. Desmobilizam porque preferem não fazer”, vivem a potência, inclusive, de “poder não escolher” e esse é um movimento utilizado no processo de descobertas de si. É provável que existam outras formas de paragem e, mesmo que nem todos tenham essa chance, como relatou Joaquim, vivenciar esse silêncio na expectativa de se perceberem em suas próprias trajetórias de vida e profissional, emerge como divisor de águas em seus percursos.

Felipe deixou o Brasil para morar um tempo na Irlanda e descobriu o prazer do mundo das bebidas ao trabalhar em um bar. Joaquim ficou fora por quatro anos, dois anos em Los Angeles e outros dois em Parati, para descobrir formas de conciliar as suas ideologias de vida com o mercado de atuação da sua empresa de moda e luxo. Patrícia, que estava cansada por atuar em tantas atividades diferentes, tinha se esquecido de cuidar da mente, “aliás, o homem esquece de cuidar da mente [...]. E foi isso o que aconteceu comigo, um esgotamento semelhante ao *burnout*”. Foi nesse momento, aliado ao desejo de melhorar a língua francesa, que ela decidiu parar e viver na França por quase três meses. Lá, Patrícia conseguiu se reconectar ao seu propósito inicial de trabalho, qual seja o sonho de trabalhar na ONU, e a redesenhar as suas atividades a partir desse direcionamento.

Também percebemos que **(iv) as experiências e experimentações como processo de descobertas de si e de novas rotas profissionais “ao fazer na prática”** (IBARRA, 2009; EUGENIO, 2012; DIÓGENES, 2016) fazem parte da realidade de quase todos os nossos interlocutores, que revelaram ser possível utilizar o campo dos possíveis em diversos momentos da carreira *slash*. Camila descobriu na prática, ao se tornar sócia da *startup*, o prazer em conciliar atividades de trabalho. Descobriu, também na prática, que é preciso equacionar o *core*<sup>19</sup> dessas atividades para que não haja choque de atuação durante o cotidiano do *slash*.

A experiência na Irlanda, para Felipe, mudou, completamente, os rumos da sua carreira. Aceitar a proposta de trabalhar no bar deu a ele a chance de experimentar, na prática, como era trabalhar com bebidas. E foi a partir dessa experiência que Felipe redirecionou seus esforços profissionais e passou a traçar os seus percursos a partir dessa descoberta. Marcelo começou a ser micro digital *influencer* à medida que ia adentrando e se envolvendo com a vida de alguns *youtubers*. Ver o outro “se fazendo” no ciberespaço através de vídeos, abriu o campo dos possíveis e Marcelo transferiu o conteúdo que havia acumulado sobre cafés para o site Grão de dia e iniciou uma nova forma de traçar suas rotas profissionais. Patrícia descobriu

---

<sup>19</sup> *Core business*, ou *core*, é um termo em inglês que significa a parte central de um negócio.

que não queria trabalhar com o “direito puro” ao experimentar na prática as atividades de um advogado e perceber que “a justiça no Brasil é parcial”, além de ter descoberto na prática a paixão pelo ensino ao iniciar como professora particular de inglês.

E, por fim, mas sem esgotar as possibilidades de avançar sobre esse tema, a PDT foi fundamental para compreendermos os aspectos circunscritos na relação homem-trabalho. Observamos, especialmente sobre o item **(v) o trabalho como fonte de prazer-sofrimento; sublimação; reconhecimento; carga e descarga psíquica; inteligências; zelo; mobilização subjetiva; e identidade** (GOFFMAN, 1961; 2002; DEJOURS, 1992; 1999; 2004; 2005; 2007; 2012; IBARRA, 2009), que essas e outras dimensões pode emergir em vários pontos diferentes nos percursos profissionais dos *slashers*.

É provável que as dimensões que despontam com maior frequência na dinâmica da carreira *slash* sejam o par dialético “prazer-sofrimento” e a “sublimação” como mecanismo ou estratégia defensiva utilizada pelo trabalhador para transformar esse sofrimento em prazer. Camila disse que tinha prazer em conciliar as suas duas atividades de trabalho, mas, apesar disso, deixou escapar que o sofrimento estava por não conseguir atuar como gostaria no empreendedorismo, pois “era apenas mais uma sócia do negócio”. Como mecanismo de sublimação, disse que estava elaborando em sua cabeça essa experiência para experimentar como funciona o “ser empreendedor” no Brasil, não descartando possibilidades futuras de novos empreendimentos, principalmente, na área digital.

Mariana contou que o seu prazer estava em “ser as duas coisas”, mas sabia que não era “uma exímia cantora” e nem “a melhor médica”. Mesmo vivenciando com prazer essas duas atividades, relatou que sofreu quando precisou cursar residência e trabalhar em São Paulo e conciliar com os ensaios e agenda de shows da banda em Vitória. Igualmente, Patrícia disse que tinha prazer em acumular as suas atividades, pensando, principalmente, que o inglês era uma “forma de ganhar dinheiro fácil e com prazer”. Mas sofreu, antes de ir para França, ao perceber que “estava esgotada, estava fazendo um milhão de coisas e acabava que eu não estava concentrando no que eu queria”.

As outras dimensões mencionadas, como, por exemplo, o “reconhecimento” e a “identidade”, parecem funcionar numa relação próxima: sujeitos que desejam ter reconhecimento simbólico, no sentido de compensação ou retribuição, e, ao mesmo tempo, desejam ser identificados “como tal” a partir da sua própria identificação com a atividade-fim. Uma das entrevistadas de Eugenio (2012), a médica e escritora, se identificava com as duas atividades e queria ser reconhecida como tal, caso semelhante ao que percebemos na história

de Mariana, que disse ser “médica, quero ser reconhecida como tal, mas também sou cantora e quero ser vista assim. Uma atividade não interfere na outra”. Buscavam ser aprovadas com as suas identidades profissionais reconhecidas pelos outros.

É possível, ainda, que as dimensões de reconhecimento e identidade tragam aspectos de prazer-sofrimento e alternem os seus sentidos à medida que o sujeito vivencia a suas experiências. Sobre isso, Patrícia contou que “na nossa sociedade, ainda hoje, as pessoas têm a necessidade de definir a pessoa como uma coisa só: Patrícia é médica ou Patrícia é advogada”. E essa confusão parece mexer com ela, principalmente, em duas situações específicas. A primeira é “quando você vai num banco ou algo do tipo e perguntam a sua profissão, você responde o que? Cinco coisas?” e a segunda, agora num contexto social, “quando você chega numa roda de amigos e a pessoa pergunta o que você faz da vida: lá vão cinco anos pra explicar”. Claramente, essa confusão do “ser reconhecida” e “ser identificada” como sujeito que não tem uma atividade principal causa sofrimento, mas sem deixar o prazer em acumular todas as suas atividades de trabalho. Dimensões como carga e descarga psíquica, inteligências, zelo e mobilização subjetiva também foram observadas em vários momentos das trajetórias dos *slashers*.

Uma **proposição reflexiva** que fazemos desde a lente antropológica é: como se dá a “lugarização”, no sentido antropológico do termo, dos *slashers*? Estariam eles à procura do lugar antropológico, isto é, aquele que se caracteriza por ser identitário, relacional e histórico (AUGÈ, 1994)? Como afirma Augè (1994, p. 24): “toda representação do indivíduo é, necessariamente, uma representação do vínculo social que lhe é consubstancial”. Estariam as várias “barras” entre atividades representando também possíveis fragilidades do vínculo social no contexto laboral contemporâneo, donde a procura por múltiplas atividades e lugares, ao mesmo tempo que sinaliza versatilidade, múltiplas realizações de si pelas via das experiências e experimentações, também desvelaria “deslugarização” e não pertencimento? Augè (1994) articula seu pensamento sobre lugares e não-lugares antropológicos relacionando-os aos três traços de excesso da supermodernidade: i) superabundância factual; ii) superabundância espacial; e iii) individualização das referências. Nesse sentido, seriam os *slasher* exemplares dos excessos da supermodernidade no mundo do trabalho?

Pensar o campo do trabalho nos “dias de hoje” a partir dessas reflexões do que parece ser o perfil dos novos trabalhadores parece ser o caminho necessário das organizações, que precisam conhecer e se posicionar frente a esse fenômeno que cresce com velocidade e aderência. Os *slashers* parecem colocar entre as barras a busca por

“dinheiro/prazer/reconhecimento/identificação/propósito” e tantos outros aspectos sobre o que pensam de suas trajetórias profissionais. E quem não gostaria de acumular todos esses itens em seus trabalhos? Não deveriam as empresas pensar sobre esse movimento e tentarem encontrar formas de administrar esse fenômeno internamente visando não perder “gente talentosa” e desejosa de ser mais do que somente o prescrito para os seus cargos? A ordem da vez, ao que parece, é a conciliação de interesses, tanto dos empregados como dos empregadores em uma relação onde todos podem ganhar, só precisamos equacionar as variáveis dessa relação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema *slash*, e todas as suas demais tipologias, é vasto, apesar de pouco explorado pela literatura. Mas esta dissertação encerra, provisoriamente, nossas reflexões sobre o objeto de estudo: A relação identitária do trabalhador contemporâneo em suas trajetórias profissionais e o fenômeno *slash*, à luz da Psicodinâmica do Trabalho.

Em relação ao primeiro objetivo específico dessa dissertação – conhecer a história de vida profissional de trabalhadores imersos no fenômeno *slash* na contemporaneidade –, a pesquisa de campo atende com os relatos orais de sujeitos que se enquadram na dinâmica do fenômeno *slash*, **acumulando mais de uma atividade de trabalho num movimento de retroalimentação onde uma atividade existe para possibilitar a experiência de outra(s).**

Sobre o segundo objetivo específico – identificar e mapear as possíveis rotas nos percursos profissionais dos *slashers* na contemporaneidade – a pesquisa de campo atende ao oferecer como resultado **o mapa que chamamos de “Cartografia das rotas dos *slashers*”, descrevendo algumas das possíveis rotas tomadas pelos *slashers* ao longo de seus percursos profissionais**, a saber: (i) Rota A: das insatisfações ao longo de suas trajetórias profissionais; (ii) Rota B: desmobilizações e paragens; (iii) Rota C: a lógica do “se virar”; (iv) Rota D: as experiências e experimentações; e (v) Rota E: os processos identitários dos *slashers* em suas trajetórias.

E, por fim, o terceiro objetivo específico – caracterizar as dimensões que circunscrevem os processos identitários dos *slashers*, à luz da Psicodinâmica do Trabalho – foi alcançado com **a identificação e a devida caracterização das dimensões que emergiram a partir da pesquisa de campo, como: prazer-sofrimento; sublimação; reconhecimento; carga e descarga psíquica; inteligências; zelo; mobilização subjetiva; e identidade.**

Outras duas contribuições que nos propomos a fazer são de natureza: **(i) metodológica** e **(ii) teórica**. Do ponto de vista **(i) das escolhas metodológicas** para investigar o fenômeno *slash*, a partir de um *mix* de técnicas qualitativas para a coleta e a análise dos dados, é provável que o mapa apresente uma compilação do nosso esforço para tentar compreender os construtos dessa pesquisa. Entendemos, ao final dessa pesquisa, que a entrevista em profundidade atende a sua proposta de conhecer as histórias de vida através dos relatos orais dos interlocutores; e que as observações nos territórios dos *slashers* foram fundamentais para adentrarmos mais profundamente nos aspectos que envolvem esse

fenômeno. Analisar os dados através da técnica de análise e interpretação dos núcleos de sentido (MENDES, 2007), auxiliou a compreensão dos temas mais recorrentes na literatura e empiria, mas foi com o método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (1995) que conseguimos caminhar por dentro desse fenômeno e entender como se dá o seu funcionamento através de possíveis rotas em seus percursos profissionais. Além disso, utilizamos como inspiração o recurso da análise imagética como parte desse processo e para visualizarmos como os nossos entrevistados atuam no ciberespaço

Acreditamos que atendemos a nossa outra contribuição de **(ii) natureza teórica**. De maneira simples e, ao mesmo tempo, profunda, socializamos inúmeras pesquisas orientadas não somente para o nosso objeto de estudo, mas para as temáticas que, supostamente, circunscrevem o fenômeno *slash*. Além disso, é possível que o nosso trabalho esteja para além de uma contribuição teórica que se restringe à comunidade científica e presente, também, aspectos didáticos, já que primamos por comunicar os nossos achados com termos, escrita e conceitos que podem ser facilmente incorporados à comunicação diária de quem se interessar pelo assunto.

Ao mesmo tempo em que contribuímos para o desenvolvimento do tema, sabemos que outras linhas de investigação surgiram, por exemplo, para novos estudos multidisciplinares que também considerem dialogar a temática *slash* no mundo contemporâneo, com uma possível lacuna que pode ser preenchida com estudos longitudinais, objetivando compreender as mudanças desses sujeitos durante um período de tempo maior em seus percursos profissionais. Tanto a observação, no que diz respeito a “caminhar com eles”, como a análise imagética, para compreender como esses sujeitos atuam entre os mundos *online* e *offline*, também podem ser exploradas em maior profundidade e de outras formas.

Por fim, concluimos a escrita dessa dissertação que está para além da minha titulação como mestre em administração, mas pelo desejo de ter despertado pesquisadores a trabalharem de forma “multi”: multidisciplinar, com multimétodos e em múltiplas rotas, descobrindo na prática o prazer de se (re)fazer como investigador e contribuindo para uma ciência mais próxima do real.

## REFERÊNCIAS

- ALBANDES-MOREIRA, L.A. **Docta Ignorantia**: sobre o que e como teoriza a teoria organizacional e administrativa prevalente. 1993. 113p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.
- ALBOHER, M. **One person/Multiple careers**: the original guide to the slash careers. New York: Heymarci, 2012.
- ALCADIPANI, R.; MEDEIROS, C. R. O. O herói-envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial. **Revista brasileira de segurança pública**, v. 10, n. 2, p. 134-153, 2016.
- ALMEIDA, M.I.M. Criatividade contemporânea e os redesenhos das relações entre autor e obra: a exaustão do rompante criador. In: PAIS, J. M.; ALMEIDA, M. I. M. de (Org.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. Horizontes da finitude: desmobilizações e atualizações da resistência nas juventudes contemporâneas. In: ALMEIDA, M. I. M. de (Org.). **Cartografias da Paragem**: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.
- ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F.; BISPO, R. Das solidões deliberadas às desmobilizações táticas: rastreamento descritivo de um processo de pesquisa. In: ALMEIDA, M. I. M. de (Org.). **Cartografias da Paragem**: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.
- AMARAL, G. A.; MENDES, A. M. B.; CHATELARD, D. S.; CARVALHO, I. S. O lugar do conceito de sublimação na Psicodinâmica do Trabalho. **Revista Polis e Psique**, v. 7, n. 3, p. 200-300, 2017.
- ANTUNES, R. As configurações do trabalho na sociedade capitalista. **Revista Katálysis**, v. 12, n. 2, p. 131-132, 2009.
- APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**: a modernidade sem peias. Lisboa: Teorema, 2004.
- ARRUDA, K. M. As transformações no mundo do trabalho e suas repercussões no Brasil atual. **Revista de Informação Legislativa**, v. 48, n. 191, p. 61-70, 2011.
- ASSIS, D. T. F.; MACEDO, K. B. Psicodinâmica do Trabalho dos músicos de uma banda de Blues. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 117-124, 2008.
- AUGÈ, M. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2011.

BARROS, P. C. R.; MENDES, A. M. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. **Psico USF**, v. 8, n. 1, p. 63-70, 2003.

BATISTA-DOS-SANTOS, A. C.; CARDOSO, M. F.; LESLYE, D.; MÓL, A. L. R.; OLIVEIRA, J. A. O trabalho na contemporaneidade: estudo sobre as dimensões que trabalhadores de uma organização pública associam ao trabalho. **Revista Ciências Administrativas**, v. 20, n. 1, p. 347-379, 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENDASSOLLI, P. F. Fator Humano: Carreira sem gravidade. **Revista GV Executivo**, v. 4, n. 4, p. 69-74, 2006.

BENSON, J.; BROWN, M. Generations at work: are there differences and do they matter? **The International Journal of Human Resource Management**, v. 22, n. 9, 2011.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERTANI, I. F.; BARRETTO, S. A. P. As transformações no mundo do trabalho e as consequências na subjetividade dos indivíduos. **Revista Katálysis**, v. 7, n. 2, p. 203-207, 2004.

BILLINGS, D.; SHATTO, B. Moving on From Millennials: Preparing for Generation Z. **The Journal of Continuing Education in Nursing**, v. 47, n. 6, 2016.

BONIFÁCIO, T. M. F. **Geração Y e a busca de sentido na modernidade líquida**: eles não são todos iguais e estão mudando as relações de trabalho. Curitiba: Juruá, 2014.

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In: ZANELLI, J. C.; BITTENCOURT, A. V.; BORGES-ANDRADE, J. E. (Org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**, Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRANT, L. C.; MINAYO-GOMEZ, C. A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. 213-223, 2004.

BRESSER-PEREIRA, L. C. As duas fases da história e as fases do capitalismo. **Revista FGV/EESP**, v. 278, n. 1, 2011.

BRUM, E. **Exaustos e correndo e dopados**. El País, 2016. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464\\_246482.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html)>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BUBLITZ, M. J. **A Geração Z: Prepare-se!** RH, 2012. Disponível em: <<http://www.rh.com.br/Portal/Mudanca/Artigo/8118/a-geracao-z-prepare-se.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, L. A. A Categoria do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Revista de Sociologia da USP**, v. 23, n. 2, p. 265-295, 2011.

CASELLA, S. **The Differences Between Centennials (Generation Z) and Millennials (Generation Y)**. Thought catalog, 2015. Disponível em: <<http://thoughtcatalog.com/stephanie-casella/2015/09/the-differences-between-Centennials-generation-z-and-millennials-generation-y/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

CAVAZOTTE, F. S. C. N.; LEMOS, A. H. C.; VIANA, M. D. A. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? **Caderno EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, p. 162-180, 2012.

CENNAMO, L.; GARDNER, D. Generation differences in work values, outcomes and person-organisation values fit. **Journal of Managerial Psychology**, v. 23, n. 8, p. 891-906, 2008.

CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade? **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 6, p. 67-75, 1995.

\_\_\_\_\_. Quais carreiras e para qual sociedade? **Revista de Administração de Empresas**, v. 36, n. 1, p. 13-20, 1996.

CIAMPA, A. da C. **A Estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CINTRA, A. M. S.; MESQUITA, L. P.; MATUMOTO, S.; FORTUNA, C. M. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Fractal Revista de Psicologia**, v. 29, n. 1, p. 45-53, 2017.

COLET, D. S.; BECK, N.; OLIVEIRA, D. G. “Filhos da internet”: Desafios Comportamentais da Geração Z. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 5., 2015, Salvador. **Anais...** Salvador: EnGPR, 2015.

COLLISTOCHI, C. C.; FONSECA, T. L.; SILVA, A. N.; WATANABE, C. G.; BERTOIA, N.; NAKATA, L. E. A relação entre as gerações e o processo de aprendizagem em uma organização bancária. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 36., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: EnANPAD, 2012.

COMAZZETTO, L. R.; VASCONCELOS, S. J. L.; PERRONE, C. M.; GONÇALVEZ, J. A. Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 145-157, 2016.

CONGER, J. Quem é a geração X? **HSM Management**, v. 11, n. 1, p. 128-138, 1998.

CORDEIRO, H. T. D. **Perfis de carreira da geração Y**. 2012. 178p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) – Universidade de São Paulo, 2012.

COUPLAND, D. **Generation X: Tales for an Accelerated Culture**. Coachella Valley: St. Martin's Press, 1991.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e Trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, n 1, p. 29-37, 2007.

DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. **Conferências brasileiras**. São Paulo: Fundap/Eaesp, 1999.

\_\_\_\_\_. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.

\_\_\_\_\_. **O fator humano**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. F (Org.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Trabalho Vivo (Tomo 1): Sexualidade e Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho**. São Paulo: Editora José Olympio, 2014.

DIAS, I. P. **Percursos de carreira em tempo de mudanças: estudo qualitativo**. 2012. 104p. Dissertação (Mestrado em Economia e Gestão de Recursos Humanos) – Universidade do Porto, 2012.

DIAS, P. A. S.; FREITAS, J. A. S. B.; COSTA, I. S. A. C. O que querem os Analistas de Sistemas? Um estudo de caso sobre expectativas, identificações e vínculos com o trabalho e com as organizações. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EnANPAD, 2009.

DIOGENES, G. Variações e conexões nas profissões de Tamara Alves: experimentar, borrar, sujar, brincar e criar, In: FERREIRA, Vitor (Org.). **Novas “profissões de sonho” entre jovens**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016. (no prelo)

DIXON, G.; MERCADO, A.; KNOWLES, B. Followers and Generations in the Workplace. **Engineering Management Journal**, v. 25, n. 4, p. 62-72, 2013.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 2, n. 115, p. 139-154, 2002.

EMERY, F. E.; TRIST, E. L. The causal texture of organizational environments. **Human Relations**, v. 18, n. 1, p. 21-31, 1965.

EUGENIO, F. Criatividade situada, funcionamento consequente e orquestração do tempo nas práticas profissionais contemporâneas. In: PAIS, J. M.; ALMEIDA, M. I. M. de (Org.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

EVANS, P. Carreira, sucesso e qualidade de vida. **Revista de Administração de Empresas**, v. 36, n. 1, p.14-22, 1996.

EVERSOLE, B. A. W.; VENNEBERG, D. L.; CROWDER, C. L. Creating a flexible organizational culture to attract and retain talented workers across generations. **Advances in Developing Human Resources**, v. 14, n. 4, p. 607-625, 2012.

FERREIRA, F. V. Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 1, p. 37-47, 2010.

FERREIRA, V. S. Das belas-artes à arte de tatuar: dinâmicas recentes no mundo português da tatuagem. In: PAIS, J. M.; ALMEIDA, M. I. M. de (Org.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FERREIRA, J. B.; MACEDO, K. B.; MARTINS, S. R. Real do trabalho, sublimação e subjetivação. In: MONTEIRO, J. K.; VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M. (Org.). **Trabalho & Prazer: Teoria, pesquisas e práticas**. Curitiba: Juruá, 2015.

FERREIRA, J. B. O.; MARTINS, S. R.; VIEIRA, F. O. Trabalho vivo como apropriação no inapropriável e criação de formas de vida. **Revista Trabalho (En)Cena**, v. 1, n. 1, p. 29-49, 2016.

FERREIRA, J. B.; MENDES, A. M. A sabedoria prática: estudo com base na Psicodinâmica do Trabalho de criação literária. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 141-154, 2012.

FORQUIN, J. C. Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COEDUCAÇÃO DE GERAÇÕES, 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SESC SP, 2003.

FRANCO, T. A centralidade do trabalho na visão da Psicodinâmica do Trabalho de Dejours. **Caderno CRH**, v. 17, n. 41, p. 309-321, 2004.

GODOI, C. K.; UCHOA, A. G. F. Metodologia Qualitativa Discursivo-Imagética: do contexto da produção às possibilidades de recepção da imagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBEO, 2016.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUARESCHI, N. M. DE F., MEDEIROS, P. F. DE; BRUSCHI, M. E. Psicologia Social e estudos culturais: Rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In GUARESCHI, N. M. de F.; BRUSCHI, M. E (Org.). **Psicologia Social nos estudos culturais**: Perspectivas e desafios para uma nova Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.

GUIMARÃES-JUNIOR, E. H. **Modelo de gestão**: uma proposição baseada na Psicodinâmica do Trabalho. 2017. 211p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017.

GUIMARÃES-ROSA, J. **Primeira Estórias**: O espelho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

GUMES, S. M. L. Construção da conscientização sócio-ambiental: formulações teóricas para o desenvolvimento de modelos de trabalho. **Paidéia**, v. 15, n. 32, p. 345-354, 2005.

HACKMAN, J. R.; OLDFHAM, G. R. Development of the job diagnostic survey. **Journal of Applied Psychology**, v. 60, n. 2, p. 159-170, 1975.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.

HALL, D. T. Implications for the Management of People and Organization. In: BRISCOE, J. P. (Org.). **Careers around the world**: individual and contextual perspectives. New York: Routledge, 2012.

HANK, K.; SIRIAS, D.; ARNOLD, K. Teams: Why generation X marks the spot. **Journal for Quality and Participation**, v. 22, n. 4, p. 30-33, 1999.

HENDRIKX, W.; GESTEL, N. The emergence of hybrid professional roles: GPs and secondary school teachers in a contexto of public sector reform. **Public Management Review**, v. 19, n. 8, p. 1-19, 2016.

IBARRA, H. **Identidade de Carreira**: a experiência é a chave para reinventá-la. São Paulo: Gente, 2009.

INDALÉCIO, A. B. **Entre imigrantes e nativos digitais**: a percepção docente sobre as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) e o ensino da educação física. 2015. 205p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, 2015.

JUNIOR, V. C. Rever, Pensar e (Re)significar: a Importância da reflexão sobre a prática na profissão docente. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 34, n. 4, p. 580-586, 2010.

KANAN, L. A.; ARRUDA, M. P. A organização do trabalho na era digital. **Estudos de Psicologia**, v. 30, n. 4, p. 583-591, 2013.

KANTORSKI, L. P. As transformações no mundo do trabalho e a questão da saúde: algumas reflexões preliminares. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 5, n. 2, p. 5-15, 1997.

KILIMNIK, Z.; CASTILHO, I. V.; SANT'ANNA, A. S. Carreiras em transformação e seus paradoxais reflexos nos indivíduos: Metáforas de carreira e de competências. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v. 12, n. 2, p. 257-280, 2006.

KNOWLES, C. **Flip-flop: a journey through globalisation's backroads**. Londres: Pluto Press, 2014.

KUCHINKE, K. P; ARDICHVILI, A.; BORCHERT, M.; ROZANSKI, A. The meaning of working among professional employees in Germany, Poland and Russia, **Journal of European Industrial Training**, v. 33, n. 2, p. 104-124, 2009.

LAGO, M. C. S. Identidade: A fragmentação do conceito. In: SILVA, A. L.; RAMOS, T. R., **Falas de gênero: Teorias, análises, leitura**. Florianópolis: Mulheres, 1999.

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. **Chistophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Fiocruz, 2004.

LEVICKAITE, R. Generations X, Y, Z: How social networks form the concept of the world without borders (the case of Lithuania). **Cultural Regionalistics**, v. 3, n. 2, p. 170-183, 2010.

LIMA, S. C. C. O trabalho do cuidado: uma análise Psicodinâmica. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 203-216, 2012.

LIMA-DE-SOUZA, S. R.; LÚCIA-FRANCISCO, A. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios, desenhando caminhos. **Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, n. 1, p. 811-820, 2016.

LIPKIN, N.; PERRYMORE, A. **A Geração Y no trabalho: Como lidar com a força que influenciará definitivamente a cultura da sua empresa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MAGALHÃES, E. **Eles fazem de tudo: conheça a "slash generation"**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/eles-fazem-de-tudo-conheca-slash-generation-3949440>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

MALAFAIA, G. S. Gestão estratégica de pessoas em ambientes multigeracionais. In: VII CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: VII CNEG, 2011.

MARRA, A. V.; FONSECA, J. A; MARQUES, A. L. O processo de identificação organizacional ante a reforma administrativa. **Revista de Administração da Mackenzie**, v. 15, n. 1, p. 49-72, 2014.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MENDES, A. M. B. Aspectos Psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 15, n. 1, p. 34-38, 1995.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em psicodinâmica do trabalho: a clínica do trabalho. In: MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MORAIS, M. G.; ANDRADE-NETO, J. C.; SOUZA, A. A. Influência da Geração “Z” na relação de consumo. **Revista de Administração da UEG**, v. 7, n. 2, p. 95-113, 2016.

MILLS, C.W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORAES, R. D. Estratégias Defensivas. In: VIEIRA, F.O; MENDES, A.M.; MERLO, A. R. C. (Org.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013.

MOREIRA, H. A.; SOUZA, K. N.; YAMAGUCHI, M. U. Síndrome de *Burnout* em médicos: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 43, n. 3, p. 1-11, 2018.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.

NETTO, J.P. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NOORDEGRAAF, M. Hybrid Professionalism and Beyond: (New) Forms of Public Professionalism in Changing Organizational and Societal Contexts. **Journal of Professions and Organization**, v. 2, n. 2, p. 187-206, 2015.

OFFE, C. Trabalho: a categoria-chave da Sociologia? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 4, n. 10, p. 1-27, 1989.

OLETO; A. F.; MELO, M. C. O.; LOPES, A. L. M. A. Análise bibliométrica da produção sobre prazer e sofrimento no trabalho nos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração (2000-2010). **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 33, n. 1, p. 60-73, 2013.

OLIVEIRA, S. **Gerações: encontros, desencontros e novas perspectivas**. São Paulo: Integrare, 2016.

OLIVEIRA, M. C. L.; SILVEIRA, S. B. O(s) sentido(s) do trabalho na contemporaneidade. **Veredas online**, v. 16, n. 1, p. 149-165, 2012.

OLTRAMARI, A.P. Carreira: panorama de artigos sobre o tema. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: EnANPAD, 2008.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro**. Porto: Ambar, 2001.

\_\_\_\_\_. O mundo em quadrinhos: o agir da obliquidade. IN: PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAIS, J. M.; LACERDA, M. P. C.; OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação: uma entrevista com Machado Pais. **Educar em Revista**, v. 64, n. 1, p. 301-313, 2017.

PENA, F. G.; MARTINS, T. S. *Baby boomers*, X e Y: diferentes gerações “coexistindo” nos ambientes organizacionais. **Pós em Revista**, v. 10, n. 1, 2015.

PEREIRA, O. **O que é teoria**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **NCB University Press**, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

QUEIROZ, M. I. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, O. M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vertice, 1988.

RAUL-SEIXAS; COELHO, P. Intérprete: RAUL-SEIXAS. In: RAUL-SEIXAS. **Caminhos**, Rio de Janeiro: Philips Records, 1986. 1 disco sonoro (45 min). Lado A, faixa 2 (2 min 5 s).

RODRIGUES, A. L.; BARRICHELLO, A.; MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: um estudo multimétodos. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 2, p. 192-208, 2016.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

ROTUNNO, L. **A geração “slash”**: Quem são eles? Disponível em: <<https://pt.linkedin.com/pulse/gera%C3%A7%C3%A3o-slash-%C3%A9-aqui-aonde-chegamos-luigi-rotunno>>. Acesso em: 03 maio 2018.

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena**: Experiências, fatos e lutas dos trabalhadores na grande São Paulo em 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANT’ANNA, A. S.; KILIMNIK, Z. M. Projeto de Vida: Nova carreira. **Revista GV Executivo**, v. 8, n. 2, p. 32-35, 2009.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**, São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, C. F.; ARIENTE, M.; DINIZ, M. V. C.; DOVIGO, A. A. O processo evolutivo entre as gerações X, Y e *Baby Boomers*. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO EM SÃO PAULO, 14., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SemeAd, 2011.

SENNET, R. **A corrosão do caráter**: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. São Paulo: Record, 2001.

SILVA, R. G. **O fenômeno dos conflitos nas relações sociais de trabalho em organizações públicas no contexto da nova gestão pública: um estudo na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho.** Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) – Universidade Estadual do Ceará, 2017.

SILVA, R. V. S.; DEUSDEDIT-JUNIOR, M.; BATISTA, M. A. A relação entre reconhecimento, trabalho e saúde sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho e da Clínica da Atividade: debates em psicologia do trabalho. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 415-247, 2015.

SILVA, T. M.; TEIXEIRA, T. O.; FREITAS, S. M. P. Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. **Psicologia em Revista**, v. 21, n. 1, p. 176-196, 2015.

SMOLA, K. W.; SUTTON, C. D. Generation differences: revisiting generation work values for the new millennium. **Journal of Organization Behavior**, v. 23, n. 1, p. 363-382, 2002.

SOUSA, J. C.; BATISTA-DOS-SANTOS, A. C. A psicodinâmica do trabalho nas fases do capitalismo: análise comparativa do taylorismo-fordismo e do toyotismo nos contextos do capitalismo burocrático e do capitalismo flexível. **Revista Ciência Administrativa**, v. 23, n. 1, p. 186-216, 2017.

SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. **Revista de Sociologia da USP**, v. 23, n. 1, p. 11-30, 2011.

TEIXEIRA, D. L. P.; SOUZA, M. C. A. F. Organização do processo de trabalho na evolução do capitalismo. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 65-72, 1985.

TOLFO, S.R. A Carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. **rPOT**, v. 2, n. 1, p. 39-63, 2002.

VASCONCELOS, K. C. A., MERHI, D. Q., GOULART, V. M.; SILVA, A. R. L. A Geração Y e Suas Âncoras de Carreira. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 8, n. 2, p. 226-244, 2010.

VEEN, W.; WRAKING, B. **Homo Zappiens: educando na era digital.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

VELOSO, F. F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e *baby boomers*. **Revista de Gestão**, v. 23, n. 2, p. 88-98, 2016.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 1998.

WEBER, L.; GRISCI, C. L. I.; PAULON, S. M. Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas. **Caderno EBAPE.BR**, v. 10, n. 4, p. 841-857, 2012.

WESTERMAN, J. W.; YAMAMURA, J. H. Generation preferences for work environment fit: Effects on employee outcomes. **Career Development International**, v. 12, n. 2, p. 150-161, 2007.

WILKOSZYNSKI, C.C.; VIEIRA, F.O. Carreiras contemporâneas: Desafios e contradições frente às mudanças do mundo de trabalho. **Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 2, n. 1, p. 39-58, 2012.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

**ROTEIRO DAS ENTREVISTAS****1. Agradecimentos****2. Troca de Documentos / Assinatura****3. Dados de Caracterização / Perfil:**

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Escolaridade:

**4. Tópicos Guia****Proposição-estímulo:**

**4.1** Queria te convidar a me contar toda a tua história de trabalho, todas as suas atividades de trabalho. Estou aqui para ouvir a tua história, fique a vontade para falar o que quiser e o quanto quiser em relação a todas as suas experiências de trabalho.

A partir da provocação acima:

**4.2** Quais os motivos que te fizeram escolher essas atividades de trabalho? (fazer uma relação dos motivos com os relatos do entrevistado)

**4.3** (Caso o entrevistado tenha falado algo sobre mudanças) E o que te motivou a mudar a sua trajetória dessa forma?

**4.4** E sobre essas vivências que você falou, há alguma experiência que te marcou?

**4.5** (Se sim) E hoje, como é que você avalia as vivências que você teve naquela época/experiência? (caso haja dúvida: reforçar que não é uma comparação, mas sim como ele avalia, atualmente, a experiência daquela época)

**4.6** E como era naquela época? O que você sentiu quando passou por essas vivências?

**5. Perguntas finais / Fechamento:**

- a) Gostaria de falar mais alguma coisa?
- b) Se você permitir, gostaria de propor um novo momento em algum contexto dessas suas novas experiências profissionais e de vida. O que você acha?
- c) Agradecimentos finais

## APÊNDICE B – FOTOS

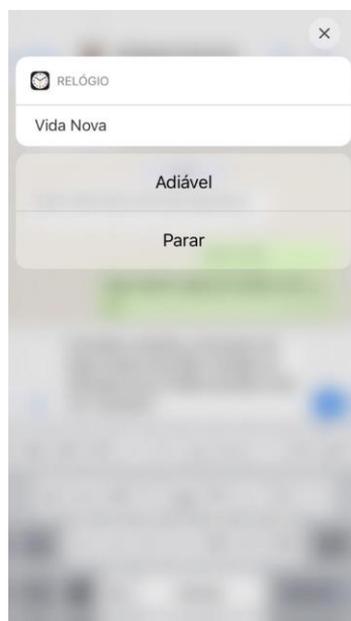
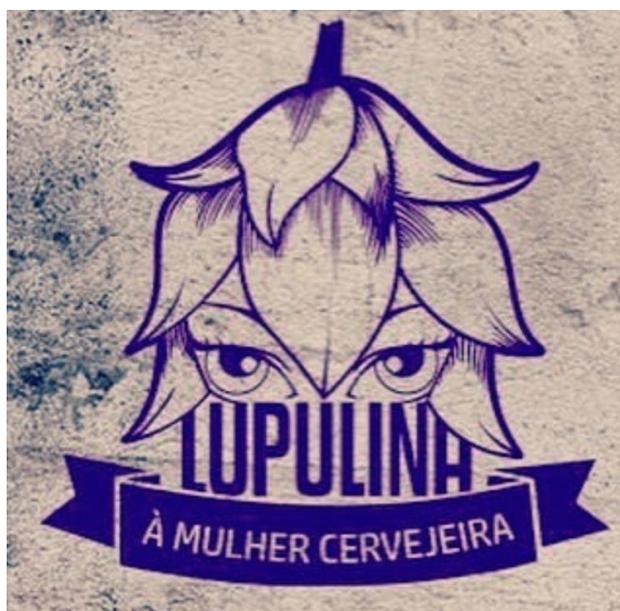
**Foto 1 – Print da tela do despertador da Camila****Foto 2 – Imagem/logo do evento idealizado e criado por Felipe**

Foto 3 – Banner criado por Felipe para divulgar o evento em seu Instagram

Gui Barros convida:

**LUPULINA**  
À MULHER CERVEJEIRA

MULHERES no comando de todas as atrações do evento

SORTEIOS de brindes

UMA TARDE EM HOMENAGEM ÀS MULHERES QUE AMAM CERVEJA

sábado - 11/06 a partir das 12hs

DJ Lô Birckhäuser

BRASSAGEM Beth Botion Marino

CHOPPP Freising Bier

BATE-PAPO Aline Dias

FOODTRUCK Primeira Mordida

LANÇAMENTO Girler - o Growler feito para a mulher

ACOMPANHEM NOSSA PROGRAMAÇÃO [f /guibarrossommelier](https://www.facebook.com/guibarrossommelier)

CAPITÃO BARLEY CERVEJAS ESPECIAIS  
RUA COTOXÓ, 516  
SÃO PAULO, SP

GuiBarros beer sommelier

Foto 4 – Cerveja com rótulo de xerife



Foto 5 – Cerveja com rótulo de lutador de luta livre



**Foto 6 – Cerveja com rótulo com o termo “submissão”**



**Foto 7 – Cervejas com os rótulos: (i) imagem de uma boca e o termo “vulgar sem ser sexy”, (ii) “passado negro” e (iii) “lacto vacillus”**



**Foto 8 – Cerveja com o rótulo com a imagem da sereia seminua**



Foto 9 – Cervejas com os rótulos: (i) bobo da corte e (ii) figura religiosa



Foto 10 – Cervejas com os rótulos que remetem a morte



Foto 11 – Cervejas com os rótulos que remetem a morte



Foto 12 – Print do Blog Grão do Dia

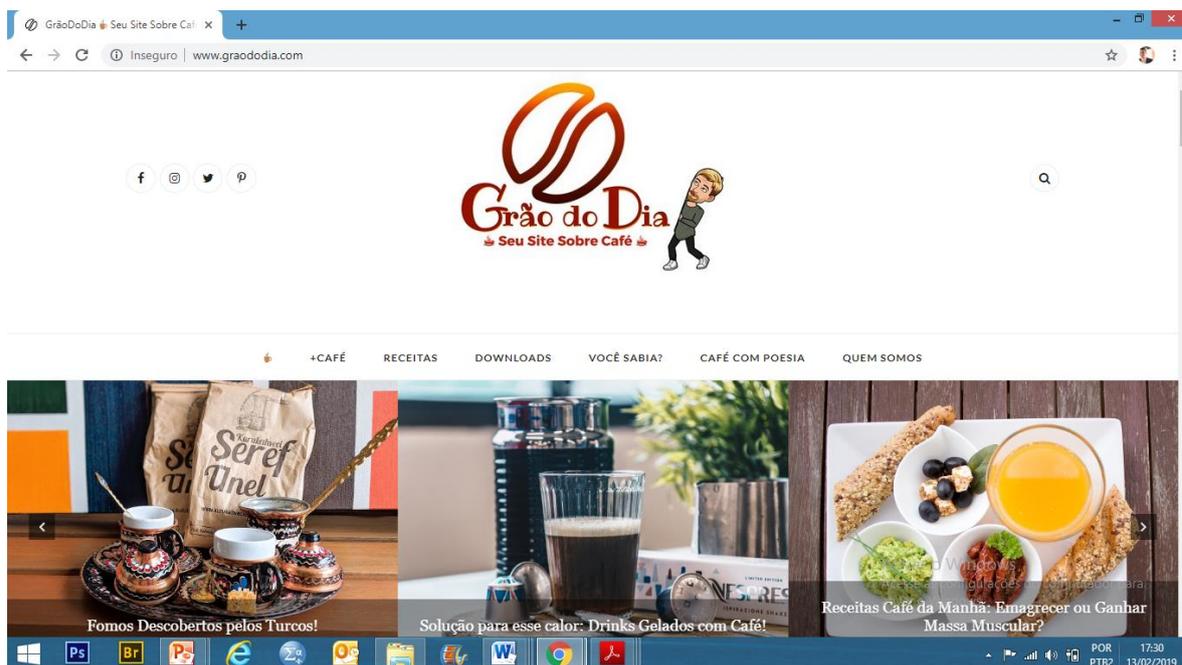


Foto 13 – Print da tela que mostra a parceria do site Grão do Dia com o “Jardim no Pote”

